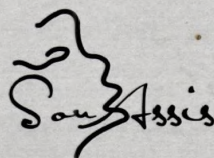




Pesquisa em  
**gestão**  
**pública**  
resenhas

Allan Gustavo Freire da Silva  
Assis Souza de Moura  
Luiz Antônio Coêlho da Silva  
Organização



Publicação sem fins lucrativos



Série **Gestão Pública** - 4 9 17 8 6 5 8 8 11 7 3 0 2 2

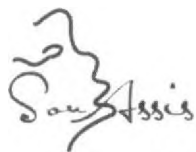
2022002 PD LS A003

Sapé | Paraíba | Brasil

Série **Gestão Pública**, v. 4

**PESQUISA EM  
GESTÃO PÚBLICA**  
Resenhas





#### | INSTITUTO SOU ASSIS

Somos uma associação editorial formada por professores/as da Educação Básica e do Ensino Superior, cujo objetivo é a democratização do livro e da leitura.

#### CONSELHO GESTOR

| Dr. Assis Souza de Moura, Presidente  
| Me. Guinaldo da Costa Lira Júnior, Presidente Adjunto  
| Esp. Ediniede Dias de Aquino, Secretária

#### CONSELHO TÉCNICO-CIENTÍFICO (2019-2022)

| Assis Souza de Moura, doutor  
| Joel Martins Cavalcante, mestre  
| Geovanna Cristina Falcão Soares Rodrigues, doutora  
| Luiz Antonio Coêlho da Silva, doutor  
| Ozonias de Oliveira Brito Junior, mestre

#### CONSELHO EDITORIAL (2019-2022)

| Allan Jones Andreza Silva, mestre  
| Assis Souza de Moura, doutor  
| Edielson Ricardo da Silva, mestre  
| Edileuza Ricardo da Silva, especialista  
| Geovanna Cristina Falcão Soares Rodrigues, doutora  
| João Batista Teixeira, doutor  
| João Djane Assunção da Silva, mestre  
| Joel Martins Cavalcante, mestre  
| José André Francisco Filho, especialista  
| José Romário Araújo da Silva, mestre  
| Klauber Jorge Canuto, especialista  
| Luiz Antonio Coêlho da Silva, doutor  
| Ozonias de Oliveira Brito Junior, mestre  
| Vanessa Vera do Nascimento, especialista

Os membros dos Conselhos Gestor, Técnico-científico e Editorial são voluntários/as e, em hipótese alguma, recebem qualquer remuneração para o desempenho de suas atividades. **Os textos são de inteira e exclusiva responsabilidade dos/as autores/as.** Os/as organizadores/as **não respondem** pela originalidade dos textos assinados.

Série **Gestão Pública**, v. 4

## PESQUISA EM GESTÃO PÚBLICA Resenhas

**Allan Gustavo Freire da Silva**  
**Assis Souza de Moura**  
**Luiz Antônio Coêlho da Silva**  
Organização



Sapé – PB | 2022

Copyright © 2022 by **Autores**

**Todos os direitos reservados.** Texto de acordo com o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, exceto em citações. **O texto é de responsabilidade exclusiva da/da autora/.**

Série **Gestão Pública** | Volume **4**

Organização da série: **Assis Souza de Moura e Luiz Antonio Coêlho da Silva**

Título da obra: **Pesquisa em Gestão Pública: resenhas**

Autor: **Vários autores**

| Recebido em outubro de 2021.

| Aprovado em outubro de 2021.

| Publicado em outubro de 2022.

Edição | **Instituto SouAssis**

Editoração eletrônica | **Assis Souza de Moura**

Coordenação editorial | **Ozonias de Oliveira Brito Junior**

Revisão de linguagem: **Autores**

## DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

S586p	Silva, Allan Gustavo Freire da.
	Pesquisas em gestão pública: resenhas / Allan Gustavo Freire da Silva, Assis Souza de Moura, Luiz Antônio Coêlho da Silva. - Sapé: Instituto Sou Assis, 2022.
	330p.
	ISBN – 978-65-88173-02-2
	1. Gestao pública, 2. Pesquisa. – I. Título.
	CDD: 350
22-02	

Índices para catálogo sistemático:  
**Epistemologia da pesquisa – Gestão pública**

**Impresso no Brasil** | Impreso em el Brasil | Printed in Brazil |  
Imprimé au Brésil | Gedruckt in Brasilien | Stampatp in Brasile

Foi feito o depósito legal | Primeira edição: outubro de 2022.

**Para citar esta obra:**

SILVA, A. G. F.; MOURA, A. S.; SILVA, L. A. C. **Pesquisas em gestão pública: resenhas.** Sapé (PB): Instituto Sou Assis, 2022.

## SUMÁRIO

9

### **PREFÁCIO**

Por **Assis Souza de Moura e Luiz Antônio Coêlho da Silva**

13

### **RESENHA DO LIVRO | POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?**

Por **Lúcia Helena Gomes Evangelista**

27

### **RESENHA DO LIVRO | ECONOMIA NUMA ÚNICA LIÇÃO**

Por **Débora Jaiane Rodrigues de Souza**

45

### **RESENHA DO LIVRO | UM PAÍS SEM EXCELÊNCIAS E MORDOMIAS**

Por **Tais da Costa Sousa**

63

### **RESENHA DO LIVRO | O MITO DA BELEZA: COMO AS IMAGENS DA BELEZA SÃO USADAS CONTRAS AS MULHERES**

Por **Emanoela de Lima Maracajá**

77

RESENHA DO LIVRO | **ESSÊNCIA:  
MAPEAMENTO DA PERSONALIDADE**  
Por Itana Pereira Campos

93

RESENHA DO LIVRO | **AS ARMAS  
CONTRA A POBREZA**  
Por Vinícios Matheus dos Santos Farias

113

RESENHA DO LIVRO | **EXPERIÊNCIA  
DEMOCRÁTICA, SISTEMA POLÍTICO E  
PARTICIPAÇÃO SOCIAL**  
Por Tarlan Alexandre de Lima

135

RESENHA DO LIVRO | **GOVERNO E  
MERCADO: A ECONOMIA DA  
INTERVENÇÃO ESTATAL**  
Por Cássio de Oliveira Almeida

153

RESENHA DO LIVRO | **EXTENSÃO OU  
COMUNICAÇÃO**  
Por Carlos Eduardo de Lima Nascimento

169

RESENHA DO LIVRO | **CIÊNCIA E  
POLÍTICA – DUAS VOCAÇÕES**  
Por Barbara Barros Paulino

185

RESENHA DO LIVRO | **A DEPRESSÃO  
COMO “MAL-ESTAR”  
CONTEMPORÂNEO: MEDICALIZAÇÃO E  
(EX) SISTÊNCIA DO SUJEITO  
DEPRESSIVO**  
Por Ednailson de Moraes Júnior

201

RESENHA DO LIVRO | **ESTÉTICAS DO  
DIGITAL: CINEMA E TECNOLOGIA**  
Por Michely Maria Vieira Sousa

217

RESENHA DO LIVRO | **TECNOLOGIAS  
DIGITAIS NA EDUCAÇÃO: PESQUISAS E  
PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**  
Por Ednalva Ferreira da Silva

237

RESENHA DO LIVRO | **PEDAGOGIA DO  
BOM SENSO**  
Por Mônica Alves Feitosa

251

RESENHA DO LIVRO | **A FORMAÇÃO DAS  
ALMAS: O IMAGINÁRIO DA REPÚBLICA  
NO BRASIL**  
Por Ivandro Batista de Queiroz

267

RESENHA DO LIVRO | **A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS**  
Por **Nandhara Bezerra da Silva**

275

RESENHA DO LIVRO | **O QUE É A BUROCRACIA?**  
Por **Aucilene Rodrigues da Silva**

285

RESENHA DO LIVRO | **A (NOVA) GOVERNANÇA PÚBLICA**  
Por **Mauricéia Carvalho Nascimento**

299

RESENHA DO LIVRO | **METODOLOGIAS PARA A APRENDIZAGEM ATIVA**  
Por **Allan Gustavo Freire da Silva, Manoel Pereira da Rocha Neto e Laís Karla da Silva Barreto**

313

RESENHA DO LIVRO | **MARKETING NA ERA DOS DADOS: O FIM DO ACHISMO**  
Por **Luiz Antonio Coêlho da Silva**

## PREFÁCIO

Por **Assis Souza de Moura e Luiz Antônio Coêlho da Silva**

Vamos falar, novamente, do espetacular universo da leitura: *ler estudando, estudar lendo*. Muitos são os caminhos.

Ressaltamos, de início, que não somente na vida acadêmica, mas, sobretudo nela, a prática constante da leitura é uma das exigências fundamentais para uma *aprendizagem de qualidade*, multireferenciada em aportes teórico-conceituais que, por si, são indicativos teórico-metodológicos, pois, como se canta há décadas, “o caminho se faz ao caminhar” e toda leitura nos apresenta modos de caminhar. Aliás, para além de todas as fantasias do universo polissêmico da leitura, cabe-nos dizer, enfaticamente, que ler – conforme concebemos – dá trabalho, pois tem especificidades – segundo o tipo de leitura – e exige postura crítico-criativa que conduz a uma necessária prática de autoria. É preciso, para além de ler a palavra, ler o mundo, como nos frisou o Paulo Freire. E, nesse ínterim, “ler o mundo” – que é, também, metáfora sobre a competência

crítico-criativa da autoria – nos indica que, diante das realidades e suas ontologias, devemos nos posicionar criticamente com criatividade dialógica.

Ler a palavra e ler mundo, sobretudo os discursos que permeiam as tessituras da construção de sentidos, rompendo com a visão tradicional de emissão e de recepção, são – diríamos – habilidades que requerem processos sistemáticos de registro/anotação, que, em nosso cotidiano acadêmico, chamamos de *ler estudando*, *estudar lendo*. Precisamos repetir isso: *ler estudando*, *estudar lendo*, pois não basta pegar um livro qualquer, sentar, folhear suas páginas e ir lendo palavras que se sequenciam e, depois, fechar a obra, ficando com a imaginação. Compreendemos que essa experiência – extremamente necessária e válida – aplica-se melhor ao campo literário, à Literatura, enquanto “a arte da palavra”. E, claro, adoramos a leitura literária. Salve Jorge Amado! Salve Clarice Lispector! Salve Ariano Suassuna! Salve as Literaturas Brasileiras! (Quanta pluralidade!)

Por outro lado, aqui, falamos de uma outra experiência de leitura: a que é chamada de “acadêmica”. Aquela que “serve aos estudos”, como dizia André Filho, professor de Assis, na antiga “terceira série” (hoje, 4º ano) do Ensino Fundamental. Era a “leitura para aprender”, dizia ele, embora,



hoje, ele sabe (nós sabemos) que toda e qualquer leitura nos remete ao ato de aprender algo ou alguma coisa.

Hoje! “Superados” os ensinamentos Fundamental e Médio (onde, lamentavelmente, se faz pouca experiência de leitura literária e, pior, “lemos” livros didáticos, com textos recortados, recolocados, reinseridos em ambiências de e com sentidos (muitas vezes) diferentes), entramos no Ensino Superior, cuja prática didática se concentra, quase sempre, a partir da leitura de livros – às vezes, completos, outras vezes, apenas recortes – cujos textos, *a priori*, nos auxiliam a (re)pensar o conhecimento e, assim, a “aplicar” nossa postura crítico-criativa e de autoria.

No Ensino Superior – e desde antes, o que seria o ideal –, devemos abandonar as práticas – quase românticas – do dito “hábito da leitura”, para alcançar a “paixão pela leitura”, expressão comum nos escritos de Rubem Alves. Tal paixão – que nos envolve por inteiro e “nos toma” – nos impele à investigação, ao inquérito sobre as coisas lidas; nos impulsiona à pesquisa, à militância, à sensibilização; nos encaminha a conhecer, e isso nos dá trabalho, exige escolhas, requer seletividade e foco, carece de direcionamento e, claro, deve ter um propósito bem definido.

As expressões “*Ler estudando*” e “*estudar lendo*” pressupõem uma sistemática de registros, onde, lendo,





também anotamos, organizamos as ideias em resumos, esquemas, mapas, gráficos, desenhos, linha do tempo e outras possibilidades. Na leitura, riscamos, grifamos, sublinhamos; extraímos citações, menções, indicações; selecionamos tópicos para aprofundamentos posteriores.

No campo acadêmico, com nossos/as estudantes – mais do que alunos/as, claro -, adotamos e recomendamos a prática da construção de resenhas de livros. Assim, dentro de um plano de leitura, vinculado aos campos de estudo, *ler estudando* e *estudar lendo* resultam em resenhas críticas, onde as capacidades de compreensão, de interpretação e de autoria dos/as estudantes ficam evidenciadas e se entrelaçam, de forma polissêmica, como registros de leitura.

É nesse sentido que este livro se apresenta ao/a leitor/a: uma obra que traz textos sobre outras obras que, lidas e refletidas, foram resenhadas por estudantes e professores/as com o objetivo de proporcionar uma visão geral e motivar a leitura integral. Este livro, portanto, é resultado de um processo de sistematização de leituras, em diversos campos e inúmeras áreas no contexto da interdisciplinaridade da gestão pública e que, por si, pretende novos registros/anotações para qualificar os processos de aprendizagem.

*Simplicissimamente*, tenha uma boa leitura!

## RESENHA DO LIVRO

### **POR QUE FAZEMOS O QUE FAZEMOS?**

CORTELLA, Mario Sergio. **Por que fazemos o que fazemos?** 1. Ed. São Paulo: Planeta, 2016.

Por **Lúcia Helena Gomes Evangelista**

Na obra “Por que fazemos o que fazemos?”, o filósofo e escritor Mario Sergio Cortella (autor de mais de vinte livros) busca descrever e evidenciar as principais relações entre o que fazemos (e por que fazemos) com nossas aspirações e realizações no que se refere ao âmbito do trabalho e a rotina. Subdividido em 20 capítulos, possui uma linguagem de fácil compreensão, o mesmo ressalta também a relevância de viver com propósito de vida e como os nossos valores interferem no que diz respeito à vida profissional e individual, bem como nossas motivações, todas elas são voltadas para a vida moderna, é totalmente voltado para a vida profissional (o âmbito do trabalho) apesar de abordar também sobre a vida pessoal. O escritor compila a administração com a sociologia e filosofia, para corroborar com suas ideias. O presente

resumo busca apresentar sobre as principais convicções e pensamentos do autor, dividido nos considerados os principais tópicos do livro.

## **A IMPORTÂNCIA DO PROPÓSITO; EU, ROBÔ? NÃO**

A princípio Cortella (2016) discorre sobre a devida importância de viver com propósito, isto é, aquilo que buscamos e colocamos adiante de nós, diz respeito às nossas objeções e aspirações. No que se refere ao trabalho, geralmente se busca aquilo que gera muito valor ou garante nossa sobrevivência. No entanto, atualmente está em evidência fazer aquilo que gostamos (no que tange a vida profissional); o autor faz uma crítica sobre aquelas pessoas que não o fazem aquilo que gosta, e acabam sendo um profissional frustrado, e conseqüentemente desqualificado, já que não o faz por amor.

O autor também faz uma avaliação/crítica ao consumo exacerbado (consumismo) que é um grande fator da sociedade moderna, onde se tem e se compra mais que o necessário para viver e sobreviver. Aborda também as condições de trabalho, ou seja, Cortella acredita que as pessoas poderiam trabalhar menos e de uma forma menos sofrida, crítica essa compilada com a sociologia e com a

filosofia. O escritor faz uma correlação ao filme "Tempos Modernos" de Charles Chaplin (1936) no que se refere ao automatismo, isto é, na obra aborda as más condições de trabalho e o trabalho robotizado que o personagem do filme exerce. Essa analogia faz crítica às empresas na qual não o fazem a transição/troca dos profissionais e como supracitado anteriormente, evidencia a crítica do autor as condições de trabalho (ou ao trabalho alienado ideia abordada pelo pensador alemão Karl Marx, refere-se ao trabalho que causa estranheza não me pertence).

## **ROTINA NÃO É MONOTONIA; A ORIGEM DA MOTIVAÇÃO**

No capítulo IV, o escritor destaca a distinção entre a rotina e a monotonia. Para muitas pessoas são coisas iguais, no entanto o mesmo define a importância da rotina já que ela é a engrenagem de um trabalho ordenado/sistematizado. Segundo Cortella "É perigoso quando algo corriqueiro deixa de ser aquilo que me torna melhor para aquilo que faço, e torna-se algo no qual não é dada a atenção necessária". Ou seja, o autor novamente salienta o perigo do trabalho robotizado ou automático e interliga de forma direta a rotina com a motivação, visto que algo monótono não é feito com tanta dedicação e não flui.

Ademais, como supracitado anteriormente é indubitável que a motivação impulsiona o trabalho bem feito, portanto, ela parte de si próprio, não enxergar o trabalho como obrigação já é um ponto crucial que determina um trabalho motivado. Que está relacionada ao reconhecimento que pertence naquilo que executa, é possível que determinada pessoa me inspire, mas assim como ressalta o autor, a motivação é interna. A motivação está diretamente ligada à sublimidade/eficiência. Cortella (2016) comenta: “o trabalho corriqueiro é um trabalho organizado, estruturado.” Nesse sentido, a rotina pode ajudar na organização de determinado trabalho fazendo com que haja a devida atenção.

### **O QUE MAIS DESMOTIVA; TRABALHO COM SIGNIFICAÇÃO**

Não obstante a desmotivação é a falta de reconhecimento/pertencimento, diz respeito ao profissional não é grato ou não faz com total dedicação e empenho aquilo que exerce. A desmotivação nem sempre está relacionada à remuneração salarial, mas geralmente, quando não há o reconhecimento do que resultou o trabalho e o valor dele, que diz respeito ao empenho do empregado para com as suas atribuições. Quando esse reconhecimento não acontece há uma desmotivação e frustração por parte daquele que executou o serviço.



Destarte, muitas vezes, não o fazemos o que queremos por motivos de sobrevivência, isto é, nem todos fazem aquilo que desejam porque é necessário primordialmente garantir nossa sobrevivência. O autor também menciona de forma sucinta, pessoas que por outras razões se mantêm naquilo que “não gostam” por premissas pessoais, podem ser teológicas/religiosas, e entre outras razões.

O autor, no entanto, está sempre demonstrando sua vontade em frisar a importância de viver com propósito, daquilo que o indivíduo deseja para si, seja ascender em um cargo profissional ou simplesmente servir socialmente. Outra ressalva pertinente é que o trabalho não pode ser robotizado, automatizado, e conseqüentemente alienado. Desse modo, quando se faz aquilo com objetivo e empenho automaticamente as coisas se tornam mais fáceis e fluem de maneira mais agradável.

Vale ressaltar que apesar de todos fazerem o que gostam (eliminando outras circunstâncias as quais foram citadas anteriormente), é importante que se tenha noção das etapas necessárias que nem sempre são prazerosas no cotidiano. Crítica essa feita a atual geração, na qual é vista como “acomodada” e nem sempre está preparada para tais etapas, sejam elas chefes, e o/ou trabalho em geral.



## ÉTICA DO ESFORÇO; VALORES E PROPÓSITOS

O narrador, portanto, mantém tal desaprovação com pertinência no que se refere à robotização e ao automatismo, sobre não viver no piloto automático, como mencionado nos capítulos anteriores. O faz essa crítica através de experiências já vivenciadas, experiência essa narrada de forma sucinta; dado que para o mesmo a área que possui maior dificuldade, quando trata-se de estímulo para o empregado, é a de telemarketing, pois geralmente são contratados jovens que não possuem a devida experiência, e o faz o trabalho geralmente quando não há outra opção, ou quando está na rota do que quer seguir no seu propósito de vida.

Comumente, como supramencionado a falta de incentivo e impulso das empresas da área de telemarketing onde há uma maior transição, na maioria jovem em busca de novas experiências, o fez com que o narrador apresentasse dicas para as mesmas.

Nessa conjuntura, o capítulo X remete à ética e os valores de cada indivíduo. Cortella (2016) define que a ética está diretamente relacionada aos valores, para que se tenha uma conduta na vida. E que o propósito possui correlação com ambos; comenta também que: "Bons propósitos são aqueles que elevam o indivíduo e a comunidade na qual está

inserido". (p. 41). Diz respeito àquilo que se faz em prol do bem comum, acima dos meus propósitos individuais, é sobre a sua própria "história" de onde você 'vem'.

## POR QUE FAZER? E POR QUE NÃO FAZER? TEMPO, TEMPO, TEMPO...

O escritor, portanto, faz uma relação entre as coisas que fazemos com a ética, de certa forma descreve sobre o que é "certo e errado", sobre aquilo que é considerado digno a se fazer ou não; essa correlação é feita com uma passagem bíblica, no entanto, salienta a independência de ser ou não religioso, isto é, fazer aquilo que é justo, correto independe de religião. Enfatiza que não há como fazer uma escolha sem que não haja renúncia em outra, seja no âmbito profissional ou pessoal.

Conforme Cortella (2016, p. 48): "Há muitos caminhos honrados, há muitos negócios decentes; é procurar não desperdiçar tempo – tempo é vida". Nesse sentido, o autor comenta que há diversos campos, áreas para se envolver e doar-se, diz respeito a coisas dignas de serem feitas (o correto e o incorreto) campos esses que visam bons valores e ética, e que o tempo de fato é muito importante em nossas vidas.

À vista disso, o autor no capítulo XIII expõe a relatividade do tempo, neste capítulo o autor descreve sobre perda de



tempo, sobre como melhor aproveitá-lo para que futuramente não sinta culpa do tempo usado, visto que algumas pessoas que pautam suas vidas em decisões lúcidas e sensatas. Ele frisa também, sobre quais propósitos carregamos e isso vai influenciar como nós utilizamos nosso tempo. O ser humano é insatisfeito, nesse sentido ele considera a importância dessa insatisfação, ela que molda o ser humano, com a perda dela torna-se desumanizado. Ressalta sobre abdição, e faz uma correlação com a prioridade e ela precisa ser única, somente uma; as prioridades e os objetivos estão totalmente intrínsecos ao nosso propósito de vida, como supracitado aquilo que colocamos adiante de nós. É importante salientar, que cada escolha que fazemos ou abdicamos futuramente terão um custo, é necessário rever e repensar em relação a elas.

### **FUTUROS E PRETÉRITOS; EU ERA FELIZ E NÃO SABIA...**

Nesse segmento, o escritor comenta sobre aquelas pessoas que deixam para que o futuro "cuide de tudo" ou que acreditam que no passado tudo era melhor e mais favorável, faz alusão ao paraíso (Jardim do Éden). E ressalta as crenças de alguns, que acreditam que só haverá a devida tranquilidade pós-morte. Ou simplesmente, quando estiverem

aposentados se caso tiverem um bom planejamento e projeto de vida para si.

Ademais, no decorrer o mesmo comenta sobre a procrastinação diz mais sobre expectativas do que de fato a realização. Muitas vezes queremos futuramente "ser isso ou aquilo", no entanto, não o colocamos em prática de fato, por medo de que não se obtenha o resultado esperado, onde o autor ressalta sobre expectativas; que tranquiliza aqueles que não realizam suas vontades e aspirações, na crença enrustida de que quando for para acontecer, irá acontecer, ou melhor, "deixar para amanhã". Cortella (2016, p. 54) explana: "Há uma obsessão muito forte por essa ideia de felicidade e, em grande medida, pessoas vivem muito mais a expectativa do que a realização." Que diz respeito sobre o sentimento de espera e expectativas, e é nesse sentimento que muitos passam toda a vida.

Muitas pessoas costumam reclamar da rotina, de situações que são corriqueiras para elas, porém, se de algum modo elas sejam afastadas por algum motivo sentirão falta. Pertinentemente Cortella, frisa como supracitado nos capítulos anteriores sobre a importância do estímulo e a dificuldade que causa a falta de desafio, e também o trabalho robotizado, onde comumente ocorre a falta de motivação naquilo que faço. Vale também para os gestores, onde muitas



vezes não captam o que o empregado quer dizer “sem falar”, o encanto é o que nos molda está relacionado àquilo que se faz com amor e dedicação, a perda dele conseqüentemente é a perda de ambos.

### **LEALDADE NA EMPRESA ATÉ QUANDO?; DESENVOLVIMENTO GERA DESENVOLVIMENTO**

O capítulo XVI diz respeito aos transtornos nos quais determinados trabalho/ambiente podem causar, se refere aquilo que faço, mas não por prazer, e isso, quando o acontece é importante fazer uma autoavaliação e uma reflexão sobre aquilo que estou exercendo. Convém lembrar, a importância do nosso bem-estar e se tal transtorno vale a pena ser colocado adiante. Também é feita uma correlação com a lealdade, que corrobora para que se possa executar e continuar no ambiente de trabalho de maneira mais agradável e menos maçante.

Nesse sentido, no capítulo posterior o autor comenta sobre o conceito de desenvolvimento, que atualmente está totalmente ligado ao empregado/trabalhador buscar qualificação e aprimorar aquilo que exerce e nesse sentido garante seu emprego o que pode o diferenciar dos demais, no que tange a competitividade. O autor comenta que tal necessidade é tratada atualmente com certa urgência. Visto que, como citado anteriormente, diferencia o empregado, o

torna com maior e alto empenho. Na visão de Cortella (2016, p. 63): "Essa permeabilidade do aprendizado, a capacidade de buscar um território desconhecido, tudo isso é altamente motivador." Ou seja, o aprendizado é algo que pode transpassar e ser enriquecedor e isso que o torna motivante e estimulante.

### **MOTIVAÇÃO EM TEMPOS DIFÍCEIS; ORGANIZAÇÕES COM PROPÓSITOS**

Neste tópico, o escritor destaca e comenta sobre tempos não favoráveis, ou até mesmo crises, aborda como buscar a motivação mediante as adversidades da vida, caso isso ocorra. Faz uma alusão a crise no qual o Brasil passou em 10 anos (de 2003 até 2013). Ele fala sobre a importância de ser resiliente, e saber se adaptar às situações, sejam elas boas ou não, ele frisa também sobre a importância de entender que são apenas fases. O autor expõe também sobre a dificuldade de se erguer mediante uma situação desagradável, perda de emprego, entre outras. É indubitável que situações como essas nos abalem, isso é inato de todo e qualquer ser humano (o sentimento); no entanto, é importante buscar a compreensão do momento, e entender a transitoriedade das fases da vida. Todo mundo passa por tempos não tão bons, seja a perda de um emprego, ou o fechamento de determinada empresa, porém, não pode deixar

que isso nos deixe tristes, ou falta de motivação para a vida em si.

O capítulo XIX vem salientar sobre a importância dos propósitos (onde corrobora com a pertinência do autor sobre o propósito de vida abordada no capítulo I com maior especificidade) nos quais as organizações possuem, e sobre ações benevolentes ou com causas sociais. As organizações nas quais possuem menos foco no lucro são voltadas para alguma ação comunitária, seja uma causa ambiental ou não. Essas organizações possuem maior atratividade e visibilidade para as pessoas, no entanto, deve estar atenta a toda e qualquer ação que seja contraditória com a imagem que tal empresa prega e carrega consigo.

Sendo assim, a organização impacta diretamente na vida do empregador, fazendo com que ele tenha motivação e empenho para continuar na organização, além de impactar também na vida daqueles que são beneficiados por determinada ação. Cortella acredita que a religião possui forte influência no tocante a essa questão, apesar de que não define tudo. O escritor, nesse sentido, ressalta a importância da inovação e da criatividade, visto que atualmente, são elementos de grande valia, ou seja, hoje em dia possui maior facilidade no que se refere a criar coisas, ou inovar em determinado segmento.

## A EMPRESA ME SUSTENTA, EU A SUSTENTO

Por conseguinte, no capítulo XX (último), o autor busca enfatizar primordialmente, sobre a visibilidade que atualmente possui a sustentabilidade no que tange às questões de missão e valores, seja na visão profissional (da empresa em si), ou individual/pessoal. Aborda quais os elementos uma empresa deve possuir, pode-se mencionar, por exemplo, o planejamento estratégico, pontos fortes e fracos e todas as externalidades do ambiente (fazendo uma breve correlação com a administração).

Para Cortella (2016, p. 70), "ao investir em educação corporativa, não necessariamente a empresa estará mais bem preparada. Essa relação não chega a ser direta. O contrário, entretanto, é automático: não investir na formação implica uma perda significativa da competência e da qualidade". Isto é, a formação está diretamente ligada no que tange a sua eficiência e competência, bem como sua qualidade, o melhor investimento sempre será na educação. Ademais, o autor comenta sobre a importância da interdisciplinaridade que o empregado deve possuir atualmente, contudo, isso implica em uma maior autonomia e uma visão mais ampla. Por fim, Cortella relembra o porquê o empregado se mantém no

trabalho, e não apenas pelo retorno salarial, mas sim, quando ele tem reconhecimento, e principalmente bem-estar.

Em decorrência disso, o livro obtém de dois pontos cruciais o que se refere à rotina que para o autor está totalmente e diretamente ligada a realização das atividades com mais capricho e afinco, visto que, ela faz parte de todo processo de "repetição", o que geralmente é ligado a monotonia e o autor tem a busca incessante de demonstrar que não é bem assim. Outro ponto importante que o Cortella busca enfatizar é sobre os propósitos que está atrelado também consequentemente a rotina e a motivação, e a busca pelo reconhecimento e é por tal motivo que *fazemos o que fazemos*.

Em *Por que fazemos o que fazemos?* É um guia atual e atemporal para não só para aqueles que buscam aspiração/realização profissional, mas que não se limita tão somente ao âmbito do trabalho, busca também abrir nossos olhos para nossos desafios e, sobre aquilo que estou exercendo somente para sobreviver e que talvez não seja aquilo que amo. Nessa perspectiva, recomendo para todos aqueles que buscam estabilidade e profissional e consequentemente financeira e bem como também entender sua relação com o trabalho a fim de melhorá-la.

RESENHA DO LIVRO

## ECONOMIA NUMA ÚNICA LIÇÃO

HAZLITT Henry. **Economia numa única lição**. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

Por **Débora Jaiane Rodrigues de Souza**

### 1 A LIÇÃO, A VITRINA QUEBRADA E AS BÊNÇÃOS DA DESTRUIÇÃO

Este livro consegue trazer uma linguagem de fácil acesso para quem deseja aprender um pouco mais de economia e até para quem não tem nenhum conhecimento na área desta ciência. E, apesar de ter sido escrito há bastante tempo, como sua primeira versão que foi lançada em 1946, Hazlitt teve a capacidade de deixar esta obra ser perpetuada até hoje como contemporâneo. No primeiro capítulo, explicita-se que "a economia é mais assediada por falácias que qualquer outro estudo conhecido pelo homem" (HAZLITT, 1946, p. 23), ou seja, essas falácias são proferidas quase que

sempre pelos governantes, de que a economia alastra de maneira excessiva o egocentrismo, e nesta linha de pensamento, diferencia a boa economia da má economia. De modo geral, o mau economista consegue viver preso em seu próprio mundo, não se aflige com o todo, as políticas aplicadas em determinado grupo, ou seja, no grupo em que ele habita é onde sua preocupação prevalece. Já o bom economista é totalmente ao contrário, ele consegue ver além de si mesmo, pois busca entender como as políticas afetam o todo, e a divergência é clara, são extremos onde há egocentrismo de um lado e de outro a empatia social.

No segundo capítulo ele traz um exemplo copiado de Frédéric Bastiat, sobre uma criança que gera um ato de vandalismo e quebra a vidraça de um certo padeiro, as pessoas ficam admiradas e pensando filosoficamente se a atitude do menino foi de boa-fé, pois o padeiro teria que comprar uma nova vidraça gerando renda para o vidraceiro, mas, supondo que ele queira comprar um terno naquela mesma tarde, ele não poderá mais, pelo fato de ter que substituir o dinheiro do terno pelo vidro. As pessoas estavam no fim de tudo erradas, pois o alfaiate deixará de ganhar dinheiro pelo terno, dessa forma não gerará emprego pois esqueceram de sua figura. Podemos começar a falar do terceiro capítulo com esta frase dita por Hazlitt (1978, p. 33)

"ninguém queima sua própria casa pensando que a necessidade de reconstruí-la estimulará suas energias". O autor traz sua visão sobre a economia pós guerra, sabendo que não é viável destruir algo para construir outro, em seu aspecto econômico explica que na verdade oferta tem o mesmo lado da demanda.

## **2 OBRAS PÚBLICAS SIGNIFICAM IMPOSTOS, OS IMPOSTOS DESENCORAJAM A PRODUÇÃO E O CRÉDITO DESVIA A PRODUÇÃO**

No quarto capítulo Hazlitt retrata sobre obras públicas e seus gastos que virão ou através de inflação ou diretamente do próprio imposto. E ele mostra um exemplo de uma construção de uma ponte onde a desculpa do governo para esta obra é dizer que acarretará em trabalho; e é verdade, entretanto, o salário dos trabalhadores virá por intermédio dos impostos pagos pelas pessoas. Então, em qualquer obra pública na maioria das vezes são realizadas pelo suor da população de maneira "indireta".

O quinto capítulo apresenta a relação de impostos com a produção, onde Henry Hazlitt expõe o desencorajamento através da cobrança destes tributos. O governo não constrói nada sem sua arrecadação, e infelizmente isso cai de modo bruto em cima de empreendedores que acabam tendo medo

de investir e de começar um novo negócio, além de não empregar a quantidade de pessoas que deveria. Sendo que nestas situações os órgãos governamentais prometem acabar com o desemprego tornando este fato em um ciclo vicioso.

O capítulo seis apresenta o assunto crédito incluso na produção interligando com empréstimos no ponto em que o governo não dá garantia de suprimento a nenhuma empresa. Em um comparativo de órgãos particulares e públicos, o autor diz que o particular é mais cauteloso ao arriscar seus fundos, contudo, os fundos do governo provêm dos impostos, então o "crédito do governo" trabalha em tributar instituições privadas de grande sucesso a fim de salvar as que estão prestes a falir, consta-se mais uma falácia econômica.

### **3 A MALDIÇÃO DA MAQUINARIA, ESQUEMAS DE DIFUSÃO DE TRABALHO E A DISPERSÃO DE TROPAS E BUROCRATAS**

O capítulo sete, intitulado como A Maldição da Maquinaria, retrata da tecnologia e da sua relação depositada ao fato de causar desempregos. Fato este questionado, pois na verdade o que se mostra arraigado para esta situação, é este pensamento tecnofóbico, o receio de que a as inovações do mundo digital irá extinguir de vez com a mão de obra.

Neste contexto, Hazlitt (1978, p. 60) diz que:



Em síntese: bem pesado tudo, as máquinas, os aperfeiçoamentos tecnológicos, a automação, as economias e a eficiência não deixam os homens sem trabalho. (...) É claro que nem todas as invenções e descobertas são máquinas para "economizar mão-de-obra".

Quer dizer, o homem não será substituído pelas máquinas por completo, na verdade, a tecnologia irá contribuir para que a mão de obra otimize tempo para uma melhor produção. Claro, algumas funções ou profissões desaparecerão sim, mas até para o bem da economia ao amenizar a carga horária trabalhada de um operário, garantia de um salário e estabilização ou queda de preços para consumidores. Todavia, o autor ressalta que também é discriminação achar que a função das máquinas é apenas criar empregos, seu foco principal é aumentar a produtividade, elevando o bem estar da economia juntamente com o padrão de vida.

O capítulo oito exprime o assunto envolvendo os sindicatos e as formas de trabalho referentes ao conjunto de trabalhadores e as horas trabalhadas, novamente com a evidência de estar atento sempre ao longo prazo, e dentre os esquemas de difusão de trabalho dizer que as pessoas que nela acreditam não levam em consideração o coletivo. Os





sindicatos e suas práticas transferem de novo a falácia aos demais, assim como o medo das máquinas.

O capítulo nove traz mais uma vez o questionamento sobre impostos e como eles sufocam a população. Um exemplo citado é de um funcionário que pode ser visto como desnecessário dentro de seu cargo, e ao ser demitido pelo superior, este levará advertência pelo desejo de prejudicar o "rendimento nacional", já que um funcionário demitido não terá dinheiro para comprar uma carne no açougueiro, por exemplo, e o açougueiro deixará de ganhar uma parte de sua renda diária, na medida que considera-se uma quebra da economia.

#### **4 O FETICHE DO PLENO EMPREGO, QUEM É "PROTEGIDO" PELAS TARIFAS? E A DETERMINAÇÃO DE EXPORTAR**

O décimo capítulo exterioriza o pleno emprego, neste basicamente Hazlitt diz que pleno emprego não é considerado assim sem plena produção. O que é dito diante isto é que o foco econômico em um país, através da maximização de máquinas e alcançar resultados com menos esforços, por este motivo substituímos a nossa força pela de uma mula, por exemplo. Hazlitt (1978, p.75) diz que "em toda parte constrói-se o meio para o fim, e o próprio fim é esquecido". Neste

caso, a liberdade para produzir é o que leva a obter qualidade de vida, o capital e a produtividade são extremos.

No capítulo onze as tarifas são o assunto principal correlacionado ao mercado estrangeiro, Hazlitt em sua visão ver aumento de impostos e produtos de má qualidade sendo passados nas mãos de compradores, destruindo assim seu capital. Diante a moeda, ele afirma que esta só será valorizada onde foi gerada e a partir do momento que ocorre o consumo do meio exterior, a moeda retorna.

O capítulo doze, denominado como A Determinação de Exportar, inicia com esta afirmação de Hazlitt (1978, p.87) "somente o medo patológico de importar, que afeta todas as nações, excede o desejo ardente e patológico de exportar". No seu ponto de vista, dessa forma a importação e a exportação devem andar juntas, pois sem a exportação não haverá forma de pagar a importação e este vínculo é retórico uma vez que se a exportação diminuir a importação acompanhará mutuamente.

#### **5 A "PARIDADE" DE PREÇOS, A SALVAÇÃO DA INDÚSTRIA X E COMO FUNCIONA O SISTEMA DE PREÇOS**

O capítulo seguinte, o treze, indica a "paridade" de preços e a importância da agricultura como base econômica

dentre outras indústrias. Ao fazer um comparativo com a crise de 1929 no ponto em que os locais de manufaturamento tiveram pouquíssimo prejuízo em relação a fabricação de produtos agrícolas, Hazlitt basicamente cita que os fazendeiros dominam esse mundo mercantil, pois se ele não tiver dinheiro para adquirir as mercadorias ofertadas pelas indústrias, estas quebrarão.

No capítulo quatorze, o assunto retratado é sobre uma indústria denominada X e como soluções de como salvá-la e o autor cita dois modos, ou por meio de um subsídio ou por impostos. Ainda diz que existem dois métodos de resgate além destes já mencionados, como declarar que a indústria X está "superlotada" buscando evitar o ingresso de operários ou firmas nela, e o outro método seria substancialmente gerar um argumento de maneira direta através do subsídio governamental, que a mesma necessita ser amparada. Sobre a primeira justificativa coesa ele deixa claro que neste caso os aplicadores não investigam indústrias que possuam baixos dividendos casados coligado com um grande risco de falência e nem os trabalhadores procuram por fábricas que a expectativa de serviço não é garantida e os salários nada favoráveis.

A segunda justificativa afirma que os tributários irão perder aquilo que a indústria X ganha, resultando o mesmo

em outras indústrias e ainda terá que repor para o amparo da indústria X, e os consumidores também cobrados ficará com uma renda insuficiente.

O capítulo seguinte, o quinze externa o sistema de preços como resolução de designação dentre capital e trabalho com a finalidade de prestar as necessidades da população. Henry explica que esta relação provém da relação da demanda e oferta, pois tudo se dará pela valorização que o consumidor dará a um certo bem. Quando os compradores se interessam mais por determinada peça a sua produção irá ganhar destaque perante outros itens vendidos no mercado, além de também subir o preço e a lucratividade dos fabricantes. Porém, a partir do momento que a oferta sobe gradativamente a concorrência vai junto e a oferta sofre uma queda considerável. Portanto, o que define de fato a intensidade dos preços é justamente a procura pelo que está sendo ofertado.

## **6 A "ESTABILIZAÇÃO" DAS MERCADORIAS, TABELAMENTO DE PREÇOS PELO GOVERNO E O QUE FAZ O CONTROLE DE ALUGUÉIS**

O décimo sexto capítulo inicia com Hazlitt falando sobre o fracasso de aumento nos preços relativos ao valor de origem de um produto estabelecido é bastante visível e que os

burocratas junto com os grupos de pressão não conseguem admitir este erro tão aparente e, para produzir a justificativa dizem apenas que os itens estão sendo ofertados por um preço menor elevado, mas sabendo que o desejo de correção é prevaiente, pois o que está sendo buscado é a estabilização de preços e não sua elevação.

O capítulo dezessete possui fragmentos do capítulo anterior, fala sobre conservar os valores dos itens abaixo do seu valor de origem, ao explicar o esquema de tabela de preços ele cita a questão do que o Estado considera indispensável para a sociedade ele deixará o preço fixo fazendo os pobres acreditar que poderão adquirir os produtos por meio de um valor não muito caro e nem muito barato. Relacionando a este raciocínio esta atitude poderá ter dois efeitos, a primeira é que pode aumentar a busca pela mercadoria já que o seu preço está consideravelmente mais baixo ou então acontecer a diminuição da oferta, de toda forma se nada for feito pode ocorrer a sua escassez no mercado.

Controle de aluguéis, capítulo dezoito nos mostra que este não pode ter sua resolução de imediato, fazendo com que o governo pense em proteger os inquilinos de abusos, já que haverá aumento de aluguéis evitando o desalento de construções novas e causas prejudiciais aos proprietários.

Porém, há distinção entre quem mora em algum imóvel através dos tributados, resultando na elevação de preço dos aluguéis, além de estagnar reformas necessárias, novas construções tornando as casas de “luxo” livres do controle de aluguéis. Hazlitt encerra este ponto falando sobre prazos novamente, ou seja, que este controle a longo prazo transforma-se em algo destrutível para todos, e isto advém do pressionamento de quem enxerga a curto prazo.

## **7 LEIS DO SALÁRIO MÍNIMO, OS SINDICATOS ELEVAM REALMENTE OS SALÁRIOS? E “O SUFICIENTE PARA ADQUIRIR O PRODUTO”**

O capítulo dezenove continua com o assunto sobre a persistência do Estado em elevar o preço das coisas dentro do mercado, e que suas consequências valem para as leis do salário também. Basicamente, este ponto do livro fala sobre a valorização do trabalhador, e como na maioria das vezes é injusto ganhar um salário fixo, na hipótese de receber pelas suas aptidões dentro do serviço prestado. Ao criticar os decretos governamentais em relação ao aumento de salários, Hazlitt (1978, p. 139) diz que “a melhor maneira de elevar salários, portanto, é aumentar a produtividade do trabalho”, ou seja, a partir dessa solução apontada pelo autor, pode-se

compreender então que, a produtividade gera riqueza, valor, reconhecimento e um bom salário.

No capítulo vinte o sindicato é a essência, e neste é questionado se de fato eles são capazes de ajustar os salários. Os sindicatos podem até conseguir por um determinado tempo exercer este “poder”, mas não é confiável. Sua verdadeira função é proteger os trabalhadores garantindo que eles possam ganhar pela sua operação e serviço. “A concorrência de trabalhadores em busca de empregos, e de empregadores em busca de trabalhadores, não funciona perfeitamente” (HAZLITT, 1978, p. 141). Esta reciprocidade em relação a concorrência, refere-se as qualidades de trabalho, acompanhado do valor de seu serviço perante o mercado, por isto os sindicatos possuem a obrigatoriedade de servir a proteção aos empregados.

O valor suficiente para adquirir o produto é o tema retratado no capítulo vinte e um. Logo de início, Hazlitt traz dois conceitos: preços funcionais e salários funcionais. Preços funcionais incentivam o maior número de produção e vendas, já os salários funcionais tendem a realizar o maior volume de empregos juntamente com as folhas de pagamento. O autor diz que a paridade entre procura e oferta são resultados do equilíbrio econômico. E ainda, que o produto fabricado nacionalmente não é só adquirido também pelo seu lugar de

origem, e sim por todo mundo, todos tem sua parcela de contribuição.

Para Hazlitt (1978, p. 158) “devemos dirigir a economia para todos”, pois se ela for benéfica apenas para um grupo estará destruindo outros.

## **8 A FUNÇÃO DOS LUCROS, A MIRAGEM DA INFLAÇÃO E O ASSALTO A POUPANÇA**

O capítulo vinte e dois fala sobre a verdadeira função dos lucros, e eles resultam na ligação entre preços e custos. A procura por um produto define toda a economia de uma indústria, por isso uma de suas responsabilidades é direcionar e concentrar os fatores de produção com o intuito de distribuí-los. Além de pressionar gestores dentro do mercado competitivo a inserção de novas economias, independentemente do nível estagiado, em uma boa fase isto é feito para alcançar mais lucros e em fases ruins para não permitir que o lucro seja zero e venha a falir, ou seja, é questão de sobrevivência.

No capítulo vinte e três a inflação é a temática abordada, Hazlitt exhibe as consequências da inflação dizendo que a inflação é provocada por existir pessoas que confundem “dinheiro” com riqueza, mas ele diz que a riqueza prevalecente é aquela tornada através do consumo e da

produção. Ainda afirma que muitos pensam no que o outro tem, e que se tivesse o dinheiro ou até mesmo a riqueza que o próximo conseguiria comprar o dobro do que este possui, e com este pensamento a sociedade acha que o governo pode lançar muito dinheiro fazendo com que todo mundo, sem exceção seja rico. A inflação é um tipo de imposto que pode gerar danificações em todos os grupos, além de sua fração não ser fixa e gerar incertezas. Este imposto assim como qualquer outro desencoraja a economia e encoraja o desperdício não consciente, resultando em uma economia com instabilidade alta.

O assalto à poupança, capítulo vinte e quatro retrata das falácias geradas na economia, como em todo o livro é reforçado, mas agora com ênfase na poupança. Antes de enumerar algumas o autor diz que a sociedade não vê que a poupança, no mundo moderno é simplesmente outra maneira de gastar. O que a diferencia é que uma pessoa entrega o dinheiro a outra, onde esta irá desembolsar com a finalidade de ampliar a produção. Ele explica duas falácias muito interessantes, uma é que as indústrias produzem criando esperança no grande consumo dos compradores, mas quando eles cismam em economizar e acabam não comprando isto irá resultar na depressão, e a outra é que poupança em alguns momentos é utilizada para indicar

entesouramento e em outros indica investimento, e junto a isso Hazlitt diz que é errado igualar o conceito de poupança ao de entesouramento, já que o montante investido em bens de consumo são gastos em bens de capital para possíveis produções.

## 9 REPETE-SE A LIÇÃO E A LIÇÃO TRINTA ANOS DEPOIS

O penúltimo capítulo, o vinte e cinco traz uma visão geral, onde o autor diz que a economia é uma ciência que mantém seu relacionamento tanto com o período a curto prazo, como a longo prazo. Quando é proposto um problema é sugerido ao economista, ele necessita está a mercê de tudo que acontece verdadeiramente antes de tirar quaisquer conclusões. Esta ciência deve ser muito bem estudada, pois Henry Hazlitt diz que as proposições como: O aumento de crédito salvará a economia ou até mesmo que a resolução para a recuperação da economia são os aumentos de salários, passam a ser comparadas a uma moeda, que obtém duas faces, já que ele diz que na primeira proposição seria o mesmo que falar que a economia seria salva pelo aumento de dívidas e a segunda proposição estaria mudando as palavras para dizer que a recuperação da economia seria aumentar o custo da produção. Ele novamente defende o fato de que



todos os grupos devem ser olhados e analisados, pois este é o objeto da ciência econômica.

Encerrando o livro com o capítulo vinte e seis, Hazlitt critica os planejamentos governamentais, e diz que a lição ainda não teria sido aplicada, lição esta comentada em todo o livro, com ênfase na importância da visão do governante a longo prazo e sem exclusão de grupos, além de ser mostrado que a inflação prejudica muito a economia. Durante este capítulo, o autor desaprova o sistema de seguro social dos Estados Unidos e relaciona seus atributos a todos os países do mundo. Ainda, afirma que cada vez mais as pessoas estão percebendo que nada que elas ganham são de graça, no fim rasteja do seu bolso, e infelizmente muitas das vezes sem atingir as expectativas ofertadas pelo Estado.

Na atualidade, é notório o fato dos governantes não olharem para seu povo como realmente deveria, explorando e preocupando-se apenas com produção e mais produção, enganando-os com um salário que nem vale realmente o tempo e a dedicação que o operário aposta em seu trabalho, fazendo-nos repensar cada vez mais nas questões sociais, políticas e econômicas do mundo.

Além da cobrança de impostos altos, agindo por omissão perante os grupos da faixa de paridade, grupos que em sua grande maioria é de classe baixa, faz com que

percebamos, como o economista Henry Hazlitt mesmo citou, que estes fatos ainda vivenciados, não podemos mais chamar de problema econômico, mas, sim, político.

RESENHA DO LIVRO

## UM PAÍS SEM EXCELÊNCIAS E MORDOMIAS

WALLIN, Claudia. **Um país sem excelências e mordomias.** São Paulo: Geração Editorial, 2014.

Por **Tais da Costa Sousa**

### INTRODUÇÃO

Neste livro poderá ser observado como ocorre o funcionamento da administração pública na Suécia, que é tida como modelo por apresentar alto nível de transparência, serviços públicos de qualidade e uma sociedade educada e instruída. Tratando-se de um país desenvolvido e sem grandes desigualdades sociais, mas que enfrentou um passado penoso antes de se tornar o que é hoje. E, também é mostrado brevemente a realidade do Brasil, que apresenta comportamentos por parte dos parlamentares totalmente destoantes aos dos suecos.

## CAPÍTULO I – SEM LUXO NEM PRIVILÉGIOS

A Suécia é um país seguro e pouco violento, sem grandes desequilíbrios sociais, e que devido a sua sociedade igualitária a classe política não possui privilégios. Desta forma, os políticos possuem qualidade de vida semelhante à dos cidadãos aos quais representam. Não há carros ou motoristas particulares para os políticos, pois, utilizam do transporte público como qualquer outra pessoa, também não se tem secretária particular, salário vitalício, banheiro privativo etc.

Um ponto bastante importante é o fato de o cidadão sueco ser bastante inteirado dos assuntos governamentais, sabendo argumentar, questionar e criticar a respeito. Ao fazerem suas escolhas pensam naquele possível candidato que esteja mais próximo e que entenda das dificuldades de um cidadão comum. Compreendem que quem paga o salário de seus representantes são eles mesmos por meio de seus impostos, e por esse motivo não veem necessidade de darem a estes uma vida de luxo e sim somente o que é necessário, visto que a função deles é trabalhar para a sociedade.

De acordo com Hans Blix (2014, p. 40) quanto a remuneração dos políticos é que:

O equilíbrio é necessário. É não pagar demais, nem de menos. Se você paga salários altos e ainda por cima garante imunidade parlamentar, a carreira política passa a atrair o tipo errado de pessoa. Se paga pouco,

pode desestimular pessoas capazes a entrar na política. O importante é que os políticos compreendam que são servidores públicos, e que é o dinheiro público que os alimenta.

Entretanto, muitos dos suecos discordam do que foi afirmado por Hans Blix, e acreditam que os salários desses representantes deveriam ser ainda menores. O salário líquido de um deputado sueco é 50% maior do que o de um professor primário, e isto acaba por ser algo muito discutido. Pois, para os cidadãos, o contracheque destes é considerado alto demais. Um preceito considerado fundamental na Suécia é que ninguém deve enriquecer ao exercer função política, não podendo ganhar uma quantia muito maior do que o restante da população.

Os partidos políticos representados no Parlamento do sistema sueco, recebem uma verba restrita, e são livres para distribuí-la da maneira que melhor prover as necessidades dos deputados em relação a contratação de assessores e assistentes, no qual estes funcionários atendem de forma coletiva. Ou seja, tem-se como regra que nenhum representante pode possuir assessoria particular, cuidando ele próprio de sua agenda de trabalho. Estes podem possuir uma secretária, e de dois a nove assistentes, de acordo com a administração governamental. Há disponibilizado para os políticos o Serviço de Pesquisas do Parlamento, também

conhecido por RUT. Trata-se de um departamento apartidário que atende aos representantes de todos os partidos, composto por cientistas políticos, economistas e especialistas em diferentes campos com o intuito de auxiliá-los, sem que gastem verba pública de forma desnecessária com consultores próprios.

A Suécia possui 290 municípios, e se trata de um estado unitário. Nesta, tanto os vereadores quanto os deputados regionais não são assalariados e nem possuem assistentes, secretárias, gabinetes etc. Assim, cerca de 94% dos políticos presentes nas assembleias regionais não recebem salários, e sim apenas uma pequena gratificação, com a finalidade de ajudar com transporte ou coisas relacionadas a administração, visto que, estes possuem outros trabalhos. Nas assembleias suas funções não são necessárias em tempo integral, ocorrendo sessões periódicas, no qual estes trabalham de forma voluntária utilizando de suas horas vagas.

## **CAPÍTULO II – TRANSPARÊNCIA: “QUEM VIGIA OS VIGIAS”?**

No ano de 1766 foi criado na Suécia a primeira lei de transparência, em que a população seria responsável por vigiar juntamente com a imprensa livre os gastos realizados

pelos poderosos, por meio do acesso público aos documentos oficiais até os dias atuais. Desta forma, pode-se observar as despesas das instituições e também dos representantes, dificultando e erradicando com a corrupção. Deste modo, quanto a lei de transparência sueca apresenta-se como regra a abertura e o segredo a exceção, no tocante as informações governamentais de acordo com a Constituição (WALLIN, 2014). Assim, a única ressalva a transparência se trata da Lei do Sigilo, que mantém em privacidade apenas assuntos relacionados à segurança nacional e internacional. Entretanto, caso seja recusado o acesso aos documentos, esta poderá ser contestada nos tribunais.

Os ouvidores do Governo e do Parlamento são os vigias da transparência, e estas instituições inspecionam se está sendo cumprida a lei de acesso à informação da maneira correta. Caso não, os tribunais da Suécia podem receber queixas por parte da população e até processos. Apesar, de ser um país modelo em relação a sua clareza de informações, mesmo assim, seus cidadãos acreditam que de nada serve uma lei a respeito se não houver pessoas observadoras.

Segundo Anna Aspegren (2014, p. 89) “A razão principal do nosso trabalho é garantir que o dinheiro dos contribuintes não seja desperdiçado pelos parlamentares”. Ou seja, caso alguém queira saber de algo, no setor de Serviços

Parlamentares ela poderá encontrar, ou então pedir via internet, telefone ou correspondência. Dado que este, tem como propósito certificar-se de que os parlamentares não gastem dinheiro de forma desnecessária, e sim eficientemente. Há dez funcionários neste setor, analisando todas as contas prestadas pelos parlamentares, e caso seja percebido alguma informação incompleta estes receberão uma ligação pedindo explicações concisas. No entanto, isso é muito difícil de acontecer, já que os deputados estão mais preocupados em fazer o certo. Qualquer incoerência que ocorra, eles são comunicados e geralmente agradecem por estarem sendo alertados, pois caso a situação não seja esclarecida rapidamente os jornalistas descobrem e publicam a respeito, causando revolta as pessoas que lá residem.

### **CAPÍTULO III – A CORRUPÇÃO EM XEQUE**

Apesar da Suécia ser considerada o país de sistema mais aberto do mundo, ainda possuem seus escândalos políticos. Mas, diferentemente de outras nações, não há impunidade devido ao cargo exercido, inexistindo imunidade ao representante que agir de má-fé. Conforme Wallin (2014, p. 128) em sua obra "A perspectiva de serem desmascarados, expostos, detidos e julgados faz com que certos integrantes deste seleto grupo de mulheres e homens probos pensem três

vezes antes de colocar dinheiro alheio dentro de malas ou meias". Assim dizendo, os representantes são submetidos a mesma justiça que os demais cidadãos, podendo serem julgados e processados. Devido sua transparência, raramente ocorrem desvios ou falhas graves, pois existe um grande risco de ser descoberto e julgado.

Todavia, a certo tempo atrás a Suécia não era nada semelhante ao que se tornou atualmente. Apenas, no final do século XIX que o país conseguiu se ver livre da corrupção, passando a ter maior confiança nas instituições públicas e adotando como competência a honestidade. Em nível municipal ocasionalmente ocorrem imoderações, mas quanto ao nível federal isto não ocorre. A lei de acesso à informação torna a Suécia um dos países menos corruptos, pois tanto cidadãos comuns quanto jornalistas têm livre acesso às informações, e isso faz com que o país se torne não muito propenso ao abuso de poder. Fora que com o estabelecimento desta lei instituiu-se o ensino obrigatório fazendo com que a educação dos que ali residiam obtive-se um aumento apreciável em seu nível.

Visto que, a população está sempre atenta aos jornais e também inteirada sobre a esfera política, ao ocorrer algum deslize os cidadãos não facilitam, perdendo rapidamente a confiança depositada em tal representante e não cometendo



mais o erro de votar novamente no mesmo. E isso, quando o deslize não é delicado o suficiente, porque ao se tratar de algo mais grave a pressão sob tal político é tão grande que em boa parte dos casos que ocorreram estes vieram a renunciar.

Para que se tenha um bom padrão ético existe na Suécia o Código de Normas sobre Presentes, Prêmios e Vantagens, que regulamenta as cortesias suspeitas. Os servidores públicos compreendem que os mimos ofertados precisam ter limites, não podendo em seu local de trabalho receber presentes com valores maiores do que em torno de sessenta e sete dólares, pois este ato é considerado uma infração contra a lei. E, mesmo que apresente valor inferior ao estabelecido é necessário questionar se o brinde oferecido possui ligação com o trabalho que exerce, pois caso seja, aceitá-lo o torna um transgressor da lei. Até mesmo em datas comemorativas é necessário cautela com valor da cortesia. E, dependendo da posição que o servidor possua, independentemente do valor já será considerado um suborno. Observa-se que há um receio geral por parte dos servidores em receber presentes, principalmente em seus escritórios, em que o melhor a se fazer é simplesmente recusar dependendo das circunstâncias.

## CAPÍTULO IV – QUE PAÍS É ESTE?

As autoridades da Suécia possuem o hábito de consultar o povo quando se trata de assuntos relacionados ao próprio nos dias de hoje, consistindo em uma nação bem igualitária. No entanto, antes de se tornar um país modelo por apresentar alto nível de transparência, serviços públicos de qualidade e uma sociedade educada e bem instruída o povo deste país que apesar de não terem sido prejudicados devido seu passado, ultrapassaram por momentos complicados. Como descrito por Wallin (2014, p. 164):

De Londres, chegavam doações voluntárias para a faminta Suécia por volta de 1860. A economia do país era agrária e atrasada, e quase 90% da população vivia e trabalhava no campo. Na capital, os bairros operários eram verdadeiras favelas, onde trabalhadores alugavam camas em habitações paupérrimas e superlotadas. Até o começo do século XX, Estocolmo, fundada por volta de 1251, ainda era uma cidade insalubre: a expectativa de vida média dos habitantes de Estocolmo era de trinta e nove anos de idade para os homens, e quarenta e sete anos para as mulheres (WALLIN, 2014, p. 164).

Assim, imensas foram as dificuldades em torno do ano de 1860, pois se tratava de um país pobre, onde se tinha fome extrema e a renda de grande parte da população era proveniente de trabalho do campo, e nas capitais as moradias eram superlotadas apresentando condições lamentáveis.

Desta forma, muitas pessoas emigraram em busca de uma vida melhor, já que não bastava migrar do campo para cidade.

No ano de 1842 enfrentando algumas adversidades foi-se fornecido a todos o ensino primário compulsório e gratuito, e assim o nível de alfabetização tornou-se cada vez maior, contribuindo para que aqueles menos favorecidos agora frequentassem universidades. Aos poucos as instituições foram passando por mudanças estruturais que conseqüentemente diminuiria a corrupção dando início a uma gestão mais transparente e imparcial. Mas, somente em 1921 conseguiu-se o direito do voto universal, ou seja, no século XX com os cidadãos escolarizados e instruídos fazendo suas escolhas políticas, o país estava prestes a se tornar uma das nações mais desenvolvidas e educadas do mundo.

Com o decorrer dos anos o país simplesmente passou a vivenciar um grande avanço tecnológico, visto que houveram diversas transformações econômicas e liberais, e assim a economia começou a crescer de forma desenfreada. Observou-se a chegada dos trens e numerosas invenções patenteadas no país, mas um dos fatores mais importantes foi a política de neutralidade sueca durante as duas grandes guerras mundiais. Pois, estava com sua capacidade industrial intacta e pronta para fornecer a Europa no que fosse preciso

para restaurar-se. Dessa forma, sua economia cresceu cada vez mais e por fim o país enriqueceu.

Em 1930 a Suécia possuía um dos impostos mais caros do mundo, sendo este o financiador responsável pelo erguimento progressivo do Estado de bem-estar social. Apresentava uma política que não era direcionada especialmente aos pobres, mas sim se tratava de políticas e benefícios que favoreciam ao bem estar de todos (WALLIN, 2014). Por meio desta foi concedido um bom sistema público de saúde, boa qualidade de ensino até a universidade de forma gratuita, salários desemprego, licença maternidade etc. E, esta política foi direcionada a todos sem exceção, desde os mais pobres até os mais favorecidos, onde todos teriam iguais possibilidades. Com o decorrer dos anos tanto os benefícios quanto os serviços sociais foram expandidos pouco a pouco, fazendo com que em 1950 alcançasse em termo igualitário o maior padrão de vida do mundo, e em 1970 encontrava-se em quarto lugar entre os países mais ricos.

Embora o país possua um dos melhores índices sob diversos aspectos, ainda há contratempos que preocupa aos seus cidadãos no presente momento, fazendo questionarem-se em relação ao bem-estar social e igualdade, se caso esta irá ou não progredir com o passar do tempo. Outro fator que os tornam apreensivos é o envelhecimento constante e

distendido, que pode acabar por prejudicar o equilíbrio existente no sistema de seguridade social.

Segundo o relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OECD), a Suécia é considerada um dos países mais igualitários está tornando-se desigual, apesar de pouco. Crescendo de forma rápida a disseminação na renda dos mais ricos e mais pobres dentre da OECD. E, há também dificuldades quanto a integração dos imigrantes, ainda que o país esteja entre os mais solidários do mundo no que se refere ao abrigo de refugiados. Em 2013 concedeu-se vistos de residência permanente aos emigrados por causa de confrontos da Síria.

No tocante aos imigrantes, grande parte mora em comunidades afastadas da sociedade sueca, evidenciando dificuldades para conseguir trabalhos, não se sentindo representados pela classe política. Assim, um dos maiores obstáculos do país se trata da integração desses imigrados, sendo estes cada vez mais importantes, já que o envelhecimento populacional se estabelece.

Foi visto no ano de 2006 o anúncio de que seria feita a quinta redução de impostos perante aqueles que trabalham, mas ao oposto do que muitos imaginam os cidadãos não se mostraram tão satisfeitos assim. A ação tomada na realidade desagradou boa parte da população, porque já se encontram

acostumados a pagar elevados impostos, pois tem-se a confiança de que seu dinheiro será direcionado a políticas bem definidas e aos serviços públicos resultando em uma melhor qualidade, e não desviado por seus políticos.

O Sociólogo Sueco Stefan Svallfors, em 2010, constatou por meio de sua pesquisa que, cerca de 75% dos suecos pagariam impostos ainda maiores para custear a educação, saúde e tratamento de pessoas idosas. Consideram suspeitos os representantes que tem como proposta a diminuição dos impostos, preferindo deixar da forma que está para não afetar a boa qualidade dos serviços públicos e do Estado de bem-estar social já existentes.

## CAPÍTULO V – ENQUANTO ISSO NO BRASIL?

Enquanto, na Suécia o primeiro-ministro vai até seu trabalho de bicicleta, no Brasil tanto os ministros quanto os parlamentares facilmente utilizam de aviões particulares. Um exemplo bastante interessante retratado no “Roleta Chilena” de Alfredo Sirkis, em 1981, foi o primeiro-ministro sueco Olof Palme que estava parado no sinal em seu fusca branco indo em direção a ao seu trabalho, enquanto que em terras brasileiras é comum ver políticos utilizarem de carros luxuosos ou estarem acompanhados de seus motoristas particulares.

De poder, influência e privilégios são dotados os representantes do Brasil, que deveriam estar ali para prestar serviços à população, mas que na realidade passam a usufruir de luxos e vantagens. Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), um parlamentar custa US\$ 7,4 milhões por ano, sendo o segundo Congresso mais caro do mundo. Mas, este valor não consiste em um bom investimento, visto que não retrata a qualidade dos legisladores brasileiros.

O valor para bancar os que constituem o Congresso não é baixo, e fazer parte deste significa para muitos obter vantagens com dinheiro dos cofres públicos, não sendo bom exemplo para as assembleias legislativas e câmaras municipais. Diversos são os tipos de benesses recebidos pelos parlamentares, como salários altos e ainda com adicional para arcar com custos de suas atividades, opção de utilizar imóveis funcionais à disposição da Câmara ou então um valor para custear diárias de hotéis em Brasília. Com o acréscimo de que, esses imóveis dispõem de mobílias modernas e até mesmo banheiras de hidromassagem, no qual quem as ocupa não precisa arcar com nenhuma despesa.

Foi em 1990 que se deu início a elevação dos privilégios aos parlamentares, dado que deputados e senadores favoreciam a eles mesmos quando começaram a editar por conta própria atos administrativos, sem nenhuma

dificuldade ou constrangimento, sendo assim disposto a eles diversas regalias. Despesas médicas tanto dos parlamentares quanto de seus familiares são pagos com dinheiro público, e não se trata apenas de questões de saúde, há bem mais benefícios.

Outro fator também interessante são as aposentadorias de alto valor direcionados aos ex-deputados e ex-senadores, além das pensões das viúvas dos parlamentares. Ao longo dos anos os privilégios fornecidos aos representantes se tornam cada vez maiores, mas não desperta maior revolta na população porque por muitos anos isso está inserido em sua cultura como normal devido a função que desempenham e além do mais pela falta de transparência plena. Desta forma, o mau uso do dinheiro público em consequência do hábito que veio sendo desenvolvido ao decorrer dos anos no país devido até mesmo a algumas leis internas acaba por formalizar os exageros e as regalias.

Em vista disso, consegue-se facilmente notar a enorme distância existente entre a política da Suécia e do Brasil. Na primeira observa-se um país de passado difícil, mas que com o decorrer do tempo conseguiu ultrapassar obstáculos como a pobreza extrema, desemprego e a falta de acesso a educação, enquanto no outro que também



atravessou um passado conturbado apesar de possuir nos dias de hoje oportunidade e instrumentos necessários para desenvolver uma grande mudança em sua administração e conduta até então permanece com seu modelo de governo antigo e ultrapassado, dispondo então dos problemas que a Suécia detinha em meados do século XIX.

## CONCLUSÃO

Constata-se que apesar da Suécia ser considerado um dos países mais abertos do mundo, não significa dizer que deixam de ocorrer pequenos casos de corrupção. No entanto, estas ocorrências raramente acontecem a nível federal, pois quanto a esta há uma alta transparência e também uma cultura tão forte em relação a honestidade inserida no cotidiano dos cidadãos e parlamentares que ao decorrer de muitos anos ocorreram apenas dois pequenos casos. Nas municipalidades é o oposto, já que não se tem clareza suficiente, ocorrem mais casos de desvios.

Entretanto, por motivos de haver uma grande transparência quanto aos gastos e serviços prestados, quaisquer que sejam os deslizes que porventura vierem a acontecer serão descobertos, e os políticos envolvidos sofrem grande represália por parte da população, perdendo a confiança depositada neles, e não sendo reeleitos nas

próximas eleições ou fazendo com que renunciem ao cargo ocupado. O que de fato é algo bom, pois assim, os representantes tomam aos outros que falharam como exemplo, sabendo que não devem fazer coisas semelhantes. E, apresenta-se uma sociedade estudada e com elevado nível escolar, o que facilita para um país menos corrupto e com tendências a melhorias constantes. Compreendem que todos merecem ter a oportunidade de uma boa educação, e que este é o melhor caminho e o fator primordial para que todos possam ter uma vida de qualidade e plena.

Logo, enquanto em uma é notável o compromisso para com o povo, e a honestidade exercida por parte de seus representantes políticos, no outro existe um grande abuso de poder, obtendo vantagens e regalias em virtude do cargo exercido. No entanto, não é impossível fazer com que um país corrupto obtenha melhorias, visto que a Suécia que já esteve nesse patamar agora se trata de uma nação igualitária, de pequena desigualdade e grande transparência.

Portanto, com os casos de corrupção crescendo sucessivamente e com a ausência de transparência pública têm-se que, há um aumento referente aos casos de impunidade dos corruptos e desonestos que se encontram no poder. Consequentemente, não só se ocasiona desconfiança na população, mas também impactos diretos como: a falta de



retorno das contribuições ou serviços prestados com pouca eficiência e falhas. Também, ao continuar nessa estagnação, na qual não se toma nenhuma medida a respeito e os cidadãos prosseguem como se tudo isto fosse algo normal, atitudes como abuso de poder continuarão a acontecer. No entanto, caso ocorra um desejo de mudança há sim como esta vir a suceder, e o Brasil se potencializar e desenvolver.

## RESENHA DO LIVRO

### **O MITO DA BELEZA: COMO AS IMAGENS DA BELEZA SÃO USADAS CONTRAS AS MULHERES**

WOLF, Naomi. **O Mito da Beleza como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres.** Tradução Waldéia Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

Por **Emanoela de Lima Maracajá**

O livro "*Mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres*", é de autoria da Norte Americana Naomi Wolf. A primeira edição foi publicada no início dos anos 1990 do século passado. Ao longo do livro Wolf discorre como a beleza feminina é distorcida pela indústria da beleza, num ambiente em que as mulheres lutam para conquistar seu espaço em diversos setores da sociedade, todavia, essa busca por independência vem associada a imagens construída pela indústria da beleza, de modo que, na busca pelo corpo perfeito, algumas mulheres desenvolvem distúrbios

como bulimia, anorexia, e realizam intervenção cirúrgica no intuito de satisfazer os padrões de beleza idealizados na mídia. O livro está dividido em oito capítulos: O mito da beleza; o trabalho; a cultura; a religião; o sexo; a fome; a violência; para o mito da beleza.

No primeiro capítulo d'*O mito da beleza*, Wolf discorre que: após um longo silêncio, as mulheres ganharam as ruas nas duas décadas de atividade radical que se seguiram ao renascimento feminino; no início dos anos 1970, as mulheres ocidentais conquistaram os direitos legais e de controle de reprodução, alcançaram a educação superior, entraram para o mundo dos negócios e das profissões liberais derrubando crenças antigas e respeitadas quanto ao seu papel social. Todavia, a autora questiona, se apesar dessas conquistas, as mulheres se sentem livres (WOLF,1992). É possível perceber que mesmo as mulheres conquistando diversos espaços no mercado de trabalho, tendo um controle maior sobre as suas escolhas, essa liberdade é minada pela ditadura da beleza propagada pela indústria da beleza.

Wolf observa que no decorrer da história, na mesma medida em que as mulheres superaram os inúmeros entraves que lhes foram postos, em contrapartida, ocorre a imposição de imagens de beleza mais rígidas e cruéis sob as mulheres. Por conseguinte, a indústria da beleza, segundo a autora,

envenena a liberdade feminina, visto que, por mais que a maioria das mulheres conquistem seu espaço no mundo do trabalho, possam obter sucesso, e sejam atraentes, os conceitos de beleza destilam "ódio" a imagem feminina; conseqüentemente, as mulheres desenvolvem uma obsessão em manter o corpo perfeito e desencadeiam o medo de envelhecer.

Para Wolf todas as gerações femininas, desde de 1830 tiveram de enfrentar sua versão de mito da beleza. A autora cita o exemplo da sufragista Lucy Stone; para ela no ano de 1855, ter direito ao voto ou possuir propriedades, significava pouco se não pudesse ter o pleno direito sobre o próprio corpo. Wolf disserta que o mito da beleza na realidade, ele é composto de distanciamento emocional, política, finanças e repressão sexual; que o mito da beleza não teria a ver com a mulher, e sim está relacionado ao poder institucional dos homens.

O mito da beleza está enraizado na nossas vidas de uma forma que rege nossos corpos ao longo da vida, assim como, existe um temor entre as diferentes gerações, ou seja, nós mulheres temos medo de envelhecer. Segundo a autora isso acontece porque foi construída na nossa cultura que a identidade feminina deve ser pautada na beleza, sendo assim, para ficarmos bem dependemos da aprovação do outro. De

acordo com Wolf, desde da Revolução Industrial as mulheres são controladas por pensamentos, estereótipos e restrições materiais, com isso, o crescimento do mito da beleza para Wolf, foi somente um dentre as várias ficções sociais que se disfarçavam como componentes naturais da esfera feminina para melhor encerrar as mulheres que ali estão (WOLF,1992)

De acordo com Wolf, após a segunda onda do movimento feminista, o mito da beleza foi aperfeiçoado de forma a frustrar em todos os níveis na vida individual da mulher. A neuropatia pela busca de um corpo perfeito espalha-se entre as mulheres de forma muito rápida; à vista disso, o mito está minando lentamente, os espaços conquistados com dificuldades pelas mulheres ao longo dos anos. Portanto, o mito da beleza no momento é mais traiçoeiro que qualquer "mística feminina" surgida ao longo do tempo.

No segundo capítulo intitulado: "O trabalho" a autora discorre que no momento em que as mulheres ganharam espaço no mercado de trabalho, tanto as mulheres, quanto os homens já estavam acostumados ao fato de a beleza ser avaliada como moeda de troca; Com isso, à medida que as mulheres conquistavam esses espaços , a estrutura do poder recorreu ao mito da beleza para prejudicar, sob o aspecto material o progresso da mulher, ou seja, quanto mais a mulher

ganha liberdade financeira mais ela vai gastar com tratamento estéticos, pois, precisam adequar seus corpos aos padrões da indústria da beleza (WOLF,1992).

Para Wolf, no momento em que as mulheres escapavam do matrimônio, no qual, muitas estavam presas por dependerem economicamente de seus maridos, encaram um sistema de moeda de troca semelhante ao casamento, ou seja, quanto mais as mulheres ganham espaço no mercado de trabalho, mas o mito da beleza tornar-se empecilho para sua liberdade. Pois, acreditam que para ser aceita não apenas no ambiente de trabalho, mas em outros espaços devem seguir os padrões desenhados pelo mercado da beleza.

Antes que as mulheres entrassem para o mercado de trabalho em grandes contingentes, existiam uma classe de mulheres que eram remuneradas explicitamente pela sua beleza, a exemplo das mulheres que trabalhavam diretamente com a mídia e tinham grande visibilidade como as modelos, as atrizes, as bailarinas. Até a conquista do mercado de trabalho, de uma maior autonomia feminina, as profissionais da beleza eram geralmente anônimas de baixo status e para sociedade não eram dignas de respeito (WOLF,1992)

Por conseguinte, quanto mais as mulheres adquirem liberdade financeira, ocupam espaços no mercado de trabalho, maiores são as preocupações com a aparência física

e a beleza ganha uma maior importância. Acerca da relação do trabalho com a beleza Wolf diz que:

A ideologia da beleza ensina às mulheres que elas têm pouco controle e, poucas opções. A imagem das mulheres segundo o mito da beleza, são simplistas e estereotipadas; a qualquer momento existe um número limitado de rostos "lindos" reconhecíveis. Através de percepções tão limitadas, as mulheres concluem que são opções igualmente limitadas. Os esforços das mulheres pela beleza, e a sua avaliação segundo a beleza e, não relativa ao seu trabalho, proporciona às mulheres, a cada dia, metáforas das verdadeiras injustiças econômicas que lhe são aplicadas no local de trabalho (WOLF,1992, P.64).

O mito da beleza nos mostra o quanto as mulheres estão refém dessa indústria que molda a aparência feminina. A indústria da beleza controla os corpos femininos através das mídias, ditando qual aparência a mulher deve almejar, com isso minando a liberdade da mulher sobre o seu corpo. Conforme Wolf, as mulheres jamais chegam a esperar pela coerência, mas pode-se contar que não pararam de tentar, a busca incessante pela beleza e a qualificação profissional, caminham de mãos dadas.

No terceiro capítulo intitulado: "A cultura", no subtítulo "heroína", discorre que a busca pela imagem ideal de beleza tornou-se uma obsessão por parte das mulheres. Quando as mulheres impõem sua personalidade na sociedade, elas não são desejáveis como as mulheres que demonstram

ingenuidade. Uma linda heroína é um espécie de contradição, pois o heroísmo trata da individualidade, é interessante e dinâmico, enquanto a beleza é genética, monótona e inerte. Enquanto a cultura resolve dilemas de natureza moral, a beleza é amoral (WOLF,2006).

Segundo o pensamento de Wolf, "o mito da beleza" isola as mulheres de uma geração das outras, e as revistas parecem oferecer o conselho sábio, testado pela experiência de uma admirável parenta mais velha, ou seja, a revista é um espaço onde a mulher pode encontrar um modelo que possa imitar. A mulher passa a ignorar os ensinamentos da mãe sobre beleza, já que, as mães estão envelhecendo. A revista transparece uma autonomia invisível para as mulheres, desenvolvendo um papel de aliança com as leitoras; para Wolf, como um serviço de assistência social gerido por mulheres. Sendo assim, a indústria de cosméticos utiliza das revistas para seus produtos atingir um público feminino maior (WOLF,1992)

Para Wolf, é difícil ler uma revista com um olhar crítico e aproveitarmos o que é útil e descartamos o desnecessário. Todavia, é mais fácil compreender os anúncios, e matérias sobre beleza, de maneira errada, como se fossem mensagens de que as mulheres devem ser iguais às modelos. É plausível elencar em conformidade com a autora, que os anunciantes

que viabilizem a cultura feminina de massa dependem do mal estar das mulheres com o próprio corpo e rosto, e de gastarem mais com produtos inócuos ou dolorosos do que gastariam se se sentissem belas por natureza.

No quarto capítulo: "A religião", a autora afirma que, as revistas transmitem o mito da beleza como o evangelho de uma nova religião:

Ao lê-las, as mulheres participam na recriação de um sistema de crenças tão poderosas quanto o de qualquer das igrejas, cujas influências sobre elas se desfaz tão rapidamente. À medida que as mulheres entram em luta com um mundo que está chegando a um novo milênio, elas são cada vez mais oprimidas pelo sistema de crenças que mantêm parte de sua consciência presa à uma forma de pensar que o mundo masculino abandonou na Idade Média (WOLF, 2006, p. 113).

Wolf compara os ritos de beleza a crenças religiosas, de modo que este sincretismo de crenças quando não mais faz efeito sobre o corpo são abandonados. Evidencia-se neste capítulo que muitas mulheres demonstram medo de envelhecer e utilizam de alguns ritos para amenizar os sinais da idade avançada. Nos aspectos relacionados à gordura, as mulheres realizam uma série de hábitos para combater o peso, a exemplo: a mulher mastigar os alimentos trinta e duas vezes.

Portanto, de acordo com Wolf, os ritos da beleza são posto como uma religião, doutrinam o comportamento das mulheres na busca pelo corpo perfeito. E mais uma vez as mulheres são moldadas de acordo com os padrões impostos pela indústria da beleza. Três elementos são utilizados por esses ritos: a fome, o medo do futuro caótico e endividamento; com isso, o rito da beleza mantém esse estado de sedação da mulher, por meio de sua premissa diária de adiamento. Sendo assim, impede que as mulheres habitem totalmente o próprio corpo, na busca por um corpo perfeito que chamais chegará (WOLF, 1992).

No quinto capítulo: "O sexo", para Wolf, a sexualidade feminina não é apenas definida de forma negativa, ela é elaborada de forma negativa. A sexualidade feminina é virada pelo avesso desde o nascimento, para que a "beleza", possa assumir o seu lugar, mantendo os olhos das mulheres voltados para os seus próprios corpos, olhando de relance para cima, só para verificar a imagem refletidas nos olhos homens (WOLF, 1990).

No sexto capítulo, denominado: "A fome", para Wolf, a ideologia da magreza acaba com o feminismo, conseqüentemente, afetando nossa mente. O corpo feminino sempre foi posto como o errado, o que precisa ser moldado. Mesmo o movimento feminista ensinando que as mulheres



devem gostar de si mesma. A sociedade prega que as mulheres não são bonitas da forma que nasceram, se a sociedade não mudar a maneira de ver a beleza feminina, que a mulher é bonita por natureza; as meninas continuarão a desenvolver distúrbios alimentares como bulimia ou/ e anorexia. Na busca insaciada pelo corpo "ideal", ditado pelo "mito da beleza" e difundido pelas mídias (WOLF,1992).

O sétimo capítulo intitulado: "A violência", Wolf discute o quanto os processos cirúrgicos são dolorosos para as mulheres, como as cirurgias estéticas, moldam a forma de pensar e o comportamento feminino. Esse vício feminino pela beleza ameaça à integridade física da mulher. Nessa busca incessante pelo corpo perfeito as mulheres violentam seus corpos com procedimentos cirúrgicos que muitas vezes não são eficazes, se submetem a dor, ao sofrimento para adequar seus corpos aos padrões estéticos da sociedade.

No último capítulo: "Para Além do mito da beleza", o mito da beleza minou a liberdade feminina, transpondo diretamente para o nosso rosto os limites sociais impostos à vida da mulher. Em consequência disso, é necessário nos questionar sobre o nosso corpo, até que ponto somos livres para escolhermos o que é melhor para nós, como as mulheres da geração passada fizeram sobre seu lugar na sociedade. Os arquitetos da Mística Feminina não acreditavam de

verdade que um chão parecesse um espelho indicasse uma virtude fundamental nas mulheres (WOLF,1992).

Para Wolf, nós mulheres estaremos livres do mito da beleza quando pudermos optar por usar nosso corpo, nosso rosto e nossas roupas simplesmente como uma forma de expressão em meio a toda uma gama de outras.

Enquanto a televisão e a imprensa em geral forem sustentadas pela indústria da beleza, anunciando qual creme as mulheres devem usar no rosto ou sapato devem calçar, a maneira como a mulher porta-se na sociedade vai ser ditado pela indústria da beleza. Para Wolf, se pudéssemos ver uma mulher de setenta anos que aparenta a idade apresentando um telejornal, uma grande brecha se abriria para o mito da beleza. Enquanto isso, deixemos bem claro que o mito governa as ondas televisivas somente porque os produtos desse processo compram o espaço de propaganda (WOLF,1992).

Por fim, Wolf questiona como as mulheres poderiam agir para além dos limites da beleza? Quem saberia dizer? Segundo Wolf, talvez se deixássemos nossos corpos engordar e emagrecer, apreciando as variações, evitaríamos a dor, porque quando alguma coisa dói, ela começa a nos parecer feia. Quem sabe não passemos a nos enfeitar com

verdadeiro prazer, com a sensação de estarmos adornando o que já é lindo (WOLF, 1992).

A narrativa de Naomi Wolf, nos faz refletir o quanto pode ser dolorido para as mulheres, a busca incessante pelo corpo perfeito para adequar-se aos padrões de beleza impostos pela sociedade e enfatizado pelas mídias sociais e indústria da beleza. Por conseqüências, muitas seguem ritos de beleza que são comparados à práticas religiosas pela autora. O livro nos faz repensar o nosso comportamento diante da indústria da beleza, o quanto os padrões impostos aos corpos femininos podem ser nocivo para o corpo e mente das mulheres. Ao mesmo tempo que conquistamos o mercado de trabalho ocupando cargos de chefia, não somos realmente livres, pois, nos deixamos ludibriar pelas capas de revista e acreditamos que o nosso corpo não é belo, conseqüentemente, muitas mulheres desenvolvem distúrbios como bulimia e anorexia para atingir o inatingível.

Portanto, mesmo que o livro *“Mito da beleza: como as imagens da beleza são usadas contra as mulheres”*, de Naomi Wolf, a primeira edição tenha sido publicado em 1992, é plausível destacar que a indústria da beleza, ainda vende um padrão de beleza a ser seguido pelas mulheres na atualidade, principalmente com o advento das redes sociais que fortalece esse discurso do “corpo feito”, no qual as mulheres muitas

vezes se submetem a procedimentos invasivos, para agradar ao olhar da sociedade. Porém, esse padrão de beleza imposto a mulheres por essa indústria, vem sendo desconstruído ao longo dos anos, em que muitas mulheres passam a aceitar seus corpos da forma como eles são.

RESENHA DO LIVRO

**ESSÊNCIA: MAPEAMENTO DA  
PERSONALIDADE**

FROTA, Denis. *Essência:  
mapeamento da personalidade*. Rio de  
Janeiro, 2008.

Por **Itana Pereira Campos**

O livro *Essência*, escrito pelo teólogo e analista do comportamento humano, Benedito Denis Frota Gomes (Benne Den), tem como objetivo, realizar um mapeamento da personalidade em uma abordagem da psicoterapia teocêntrica. Segundo Denis (2008) o modelo criado, denominado pelo próprio nome do título, busca analisar as características comportamentais, identificando os seus atributos, habilidades intelectuais, pontos fortes e negativos presentes em cada indivíduo. Estes aspectos são bem explicados no decorrer do livro.

O capítulo um aborda sobre o estudo da alma, definida pelo livro como uma dimensão imaterial, capaz de

expressar um ser distinto, com individualidades baseadas na própria existência do homem. Para isso, Denis Frota inicia conceituando mente e cérebro, trazendo aspectos das modalidades do monismo e dualismo, em que, para ele, o segundo conceito seria o considerado coerente (pensamentos vindos da imaginação seriam dos estados subjetivos da mente e os fenômenos físicos estariam na parte física do cérebro), ao invés do primeiro (subjetividade e sensações físicas seriam apenas frutos de reações químicas). É nesse aspecto que a alma é citada como o local para os sentimentos e pensamentos, na qual, por está ligada ao mundo espiritual e material (localizada no centro entre as duas realidades) armazenaria a racionalidade (consciência, lógica, imaginação, etc), a afetividade (emoções e sentimentos) e a vontade (capacidade de escolha). O cérebro pode ser comparado ao hardware e a mente ao software. Lado a lado trabalham em perfeita harmonia (DENIS, 2008, p. 32).

O segundo capítulo trata-se da temática heranças e vivências, onde é fornecido pelo o autor, dois aspectos básicos para a formação da personalidade: as características geneticamente herdadas pelos ancestrais (Heranças) e os aspectos adquiridos do meio externo, este pelo meio ambiente e as experiências do cotidiano (vivências). Ambos influenciam as características biológicas, psicológicas e espirituais da

seguinte forma: o portal das Heranças possui os padrões definidos para aspectos genéticos da fisionomia (Biologia), tendências a valores e padrões comportamentais (Psicologia) e crenças religiosas seguidas pela família (Espiritualidade), todas essas predisposições podem ser modificadas pelo portal das Vivências, seja pelo genótipo modificado com base no clima, doenças, estilo de vida, dentre outras questões (Biologia), o caráter formado pelos valores postos em prática (Psicologia) e a religião presente ou não na vida do indivíduo (Espiritualidade). Os aspectos da natureza do homem formados pelas Heranças serão chamados ao longo do livro de temperamentos.

Os capítulos 3 e 4 discutem as perspectivas do temperamento, sendo abordados a sua origem e natureza comportamental herdada respectivamente. No primeiro, o autor utiliza exclusivamente da teologia ao afirmar que a essência perfeita do homem foi extinta com o pecado do primeiro ancestral da raça humana (Adão) e com a vinda de Jesus, foi possível restaurar a natureza espiritual quando este venceu o pecado. Na seguinte abordagem por sua vez, Benne Den utiliza-se da ciência (em convergência com a bíblia) para embasar a pesquisa, acrescentando no aspecto dos temperamentos, o conjunto de padrões (não alterados pelo fator externo) que permanecem nos indivíduos, tornando-se

padrões comuns a serem estudados. Essas tendências, assim como a interação com o ambiente e o relacionamento com as pessoas (explicados no próximo capítulo) contribuem para o estudo e formação das teorias comportamentais.

É utilizado no quinto capítulo, um modelo simplificado de estilo de pessoas (MOSEP) adaptado no livro para explicar melhor as diferenças de comportamento. Este modelo permite e tem como meta fundamental, identificar, além do perfil pessoal, os dos demais indivíduos, permitindo que estes, saibam melhor lidar com o outro, auxiliando portanto, em um convívio harmonioso.

O estilo das pessoas avaliado no modelo, refere-se ao conjunto de três aspectos chaves para delinear o perfil individual, são o comportamento, o padrão e o hábito. O comportamento é o foco do capítulo, pois as ações do indivíduo, influenciam na essência do mesmo (o exterior reflete o interior). Essas ações podem ser das mais diversas, entretanto, a maioria destas são ajustadas em duas categorias amplas: Extrovertidos e Introversos.

A forma na qual o ser humano lida com o mundo e principalmente com as pessoas, se dá pela Extroversão e Introversão. "O dinamismo psíquico depende do bom relacionamento com o mundo exterior, para uns, e com o mundo interior, para outros" (DENIS, p. 78). Os considerados

extrovertidos tendem a serem mais abertos e terem uma maior facilidade para comunicação e relacionamentos interpessoais, conhecem muitas pessoas superficialmente, buscam quantidade e não profundidade, falam muitas vezes sem pensar. Os introversos, por sua vez, são mais retraídos, geralmente possuem dificuldades de comunicação e interação, conhecem poucas pessoas porém com profundidade, buscam qualidade e não quantidade, pensam antes de falar. Essas categorias são acompanhadas por duas posturas de comportamento, a afirmação e a reação.

A reação refere-se as respostas emocionais, ou seja, a forma como cada indivíduo expressa as suas emoções. As pessoas que possuem uma maior facilidade para expressar sentimentos, que gesticulam mais e possuem variadas expressões faciais e entonações de voz, tendem a serem mais responsivas, enquanto o contrário dessas ações (esconder sentimentos, gesticular e entonar a voz com dificuldade além de utilizar menos expressões faciais) levaria a um comportamento menos responsivo.

A afirmação é o grau de positividade ou expressão. Indivíduos com muita energia, que falam mais alto e a todo momento, focalizam os problemas e resolvem o mais rápido possível, são considerados com uma maior afirmação, enquanto as pessoas mais lentas, que falam menos e de uma



maneira calma, focalizam o problema e demoram a resolverem, são classificadas como menos afirmativas.

A união dessas posturas comportamentais em uma dimensão maior de extroversão e introversão gera uma estrutura de avaliação comportamental, o mapa simplificado de estilo de pessoas, no qual, irá classificar os extrovertidos como mais afirmativos e mais responsivos (AR) ou mais afirmativos e menos responsivos (Ar) e os introvertidos como menos afirmativos e menos responsivos (ar) ou menos afirmativos e mais responsivos (aR). Para Denis (2008) essa habilidade de compreender os estilos de comportamento é uma das maneiras mais úteis para obter relacionamentos saudáveis e afetivos.

O conjunto de comportamentos afirmativos e responsivos permite delinear um perfil de acordo com quatro comportamentos: os Expressivos/ plenamente Extrovertidos (AR- perfil carismático, possui facilidade de comunicação e tendem a não gostarem de trabalho por considerarem uma tarefa tediosa); Dirigentes/Extrovertidos (Ar-perfil autoritário, buscam não perder tempo conversando com pessoas que não possuem ideias interessantes, trabalham muito e sabem lidar bem com multitarefas); Analíticos/plenamente Introvertidos (ar- perfil reservado, pensam bem antes de responder alguém, bastantes perfeccionistas, analisam cada detalhe das tarefas

realizadas) e os Diplomáticos/Introvertidos (aR- são introvertidos porém não extremamente, calmos, não gostam de atenção mas exigem respeito quando falam, eficientes e amáveis, gostam de trabalhar em equipe).

O capítulo seis trata sobre as inteligências múltiplas, ou seja, as capacidades diversas de utilizar o cognitivo, o emocional e o operacional, sendo consideradas como as três potências da alma que agem no comportamento humano. Esses três aspectos são baseados e utilizados a partir de uma estrutura hereditária e de vivências.

O modelo de estudo comportamental utilizado neste ponto do livro, criado por Benne Den, avalia a personalidade baseado nas questões referentes a inteligência racional, motivacional e operacional no indivíduo. Esses três aspectos da mente possuem um nível de domínio diferente em cada um. As diversas combinações de grau destes, geram uma infinidade de modelos e conseqüentemente as características individuais marcantes da raça humana.

Diante das várias características do indivíduo, o modelo analisa o comportamento voltado para a questão da inteligência, tentando identificar a predominância entre as inteligências racionais, motivacionais ou operacionais. Estes são organizados pelo modelo da seguinte forma: Racional referente ao o centro teórico (Neocórtex), utilizado para

pensamentos, decisões e avaliações; Motivacional, localizado como o centro emocional (cérebro emocional) onde compreende-se os sentimentos e o Operacional como centro ativo (cérebro físico), com a funcionalidade de proteção e segurança.

O capítulo sete é caracterizado pelo debate sobre a busca da felicidade. A sociedade procura constantemente algo que proporcione satisfação pessoal, essa necessidade de propósitos e de valores reais são consideradas necessidades do homem, o desajuste natural presente em todos, gera na humanidade uma vontade incansável (geralmente inconsciente) de uma reengenharia da alma. Essa busca, marcada pela falta de algo, ocasiona uma insatisfação vivencial, que irá refletir no meio profissional e pessoal do indivíduo. Segundo Denis (2008) quanto maior for a consciência dessa ausência de sentido, melhor será para focar toda a motivação, energia e habilidades nesse empenho. Os temperamentos formam e são a base dessa procura.

Os capítulos 8; 9; 10 e 11, abordam, respectivamente, os quatro tipos de temperamentos apresentados pelo livro: Tipo 1-Sensoriais, Tipo 2-Existenciais, Tipo 3-Diplomáticos e Tipo 4-Direcionais, abordando suas virtudes e falhas. É necessário ressaltar que

nenhuma pessoa possui na prática apenas um, o que existe são predominâncias, um indivíduo pode ter, por exemplo, dois tipos com um mais forte.

O Tipo Sensorial exposto no capítulo 8, refere-se aos indivíduos que buscam, dito pelo próprio nome, sensações e prazeres. São afetivos e tomam decisões baseadas na própria satisfação. São plenamente expressivos-extrovertidos, impulsivos, competitivos e ousados, porém, também podem ser bastante generosos e amigáveis. Tem um espírito livre e uma mente criativa, além de serem otimistas e confiantes. Em um ambiente profissional, a realização pessoal é um fator extremamente importante. Áreas que estabeleçam contato com o público, como jornalismo, direito, publicidade, dentre outros, tendem a serem áreas ideais. Possuem, dentre outras características, a desorganização, indisciplina, dificuldade de concentração, egoísmo, insegurança e impulsividade como pontos negativos.

Os do Tipo Existencial, conceituados no capítulo 9, buscam perfeição e identidade, são afetivos sentimentalmente, ou seja, os laços familiares tendem a pesar nas decisões a serem tomadas. São sentimentais, éticos, sensíveis, idealistas, curiosos, talentosos, leais, reservados e compreensivos. Buscam profissões que valorizem os laços pessoais e que tenha trabalho em grupo. Áreas de

intelectualidade como a educação e filosofia são interessantes. Possuem como pontos negativos o egocentrismo, pessimismo, desconfiança, desejo de vingança, insegurança, mau humor, dentre outros.

Os Diplomáticos, no qual o capítulo 10 refere-se, possuem o temperamento moldado pela busca de segurança e equilíbrio (harmonia entre o racional e o emocional), as decisões são baseadas nas recompensas futuras. São sensatos, realistas, calmos, leais, organizados, prudentes e pacientes. No ambiente profissional, buscam segurança financeira. Medicina, educação, diplomacia e engenharia, são uma das diversas áreas para os do tipo três. O egoísmo, avareza, comodismo, procrastinação e indecisão, são algumas das características negativas.

O capítulo 11 aborda por fim, os do tipo Direcionais. Estes, buscam conhecimento e liderança, a valorização e o reconhecimento pessoal feito por outras pessoas, são aspectos importantes para a vida. Independência, perfil de liderança, eficiência, organização, disciplina e praticidade são alguns exemplos dos pontos positivos. Em um ambiente profissional, preferem priorizar a valorização do seu trabalho, administrador, gerente, diretor e/ou donos de empresa, são exemplos de áreas que se enquadram nesse tipo. Agressividade, rancor, prepotência, orgulho e impaciência,

são alguns dos pontos negativos, tendo segundo Denis (2008), a necessidade de controlar as tensões cotidianas nas quais se submetem, buscando manter o controle de eventuais mudanças.

O capítulo 12 aborda os temperamentos individuais e sociais, chamados nesse momento de tributos (comportamentos utilizados individualmente, com o mundo interior ou em grupos, com o mundo exterior) e o quão estes podem ser compatíveis uns com outros. Ter uma certa noção sobre essas características presentes no eu e no outro, pode melhorar, sem sombra de dúvidas, no convívio.

Para exemplificar esse tema, é esquematizado no capítulo, 10 características sociais e 10 individuais, abordados em dois tipos de modelos de personalidades diferentes (denominados como A e B e Sociáveis-S e Não Sociáveis-N), utilizados para saber como cada um comporta-se em cada tributo. Neste resumo, serão expostos a seguir, sete das dez características, a quantidade mínima pra mapear um tipo de personalidade, segundo o próprio autor.

Tributos individuais: 1 realização (grau de motivação) A: Persistente e B: Desmotivado; 2 Temperamentos emocionais (emoção) A: Confiante e B: Inseguro; 3 Grau de Energia (referente as ações diárias) A: Ativo e B: lento, 4 Intelectualidade (racionalidade) A: Alerta e B: Desatento; 5

Ações matérias (utilização do dinheiro) A: econômico e B: gastador; 6 Maturidade (grau de sabedoria) A: experiente e B: inocente; 7 Filosofia (maneira de pensar) A: otimista e B: pessimista.

Tributos Sociais: 1 Relacionamento (com as pessoas) S: amigável e N: agressivo; 2 Domínio (grau de influência) S: persuasivo e N: dominante; 3 Confiança (credibilidade) S: verdadeiro e N: mentiroso; 4 Egoísmo (grau de egoísmo) S: generoso e N: ganancioso; 5 Sentimentos (forma de expressar) S: extrovertido e N: introvertido; 6 Senso de justiça (julgamento alheio) S: imparcial e N: parcial e 7 Liderança (comportamento em grupo) S: líder e N: seguidor.

Diante dos resultados obtidos, Benne Den mostra como é perceptível a divergência de características, dificultando assim, uma boa compatibilidade comportamental entre os dois tipos. O autor ressalta ainda que, o grau de compatibilidade de temperamentos não deve ser confundido com tolerância e amor cristão, para ele, os que amam a Deus, conseguem ter bons relacionamentos mesmo com divergências. Ao respeitar as características individuais e sociais do próximo estará construindo uma ponte de interação. (DENIS, 2008, p.190)

Os capítulos 13 e 14 explicam, respectivamente, a natureza perfeita de Jesus Cristo e como este comportamento

pode está presente no ser humano. O primeiro aspecto mostra as diversas personalidades ou atributos que Jesus possuiu ao longo das passagens bíblicas. As histórias retratando toda a vida de Cristo (nascimento, vida em serviço de Deus, morte e ressurreição) são suficientes para revelar as suas características.

O perfil de Jesus é caracterizado e resumido em quatro seres, o Rei, o Servo, o Filho do Homem e o Filho de Deus. Como Rei, veio para governar, possuindo o domínio, a liderança, a eficiência, a coragem e a audácia como características. Como Servo, veio para servir e para sofrer, tendo as características de, obediência, tranquilidade, prudência e pacificação. Sendo filho do homem, veio para consolar a humanidade, tendo a lealdade, sensibilidade, inteligência, responsabilidade e sabedoria como marca comportamental, por fim, como o filho de Deus, veio para revelar a verdade do senhor pelo carisma, simpatia, comunicação, compaixão, alegria e bondade. Essa união de qualidades gera uma natureza genuinamente harmoniosa.

O segundo aspecto, debatido no capítulo 14, revela que a essência perfeita de Jesus, pode ser refletida e introduzida, da melhor maneira possível na natureza espiritual do ser humano, para isso, é necessário que este converta-se a Cristo, recebendo assim, uma herança baseada em um

temperamento perfeito, formado por quatro tributos essenciais, a humanidade (exemplo para os homens), espiritualidade (santidade perante Deus), Liderança (conquistas) e Serviço (obediência). Não importam quais sejam as falhas de uma pessoa, o Espírito Santo presta auxílio na modulação de todas as deficiências e pontos fracos de um indivíduo. (DENIS, 2008, p.220).

O último capítulo trata-se, da reengenharia da alma, apontando-a, como única forma de remodelar a natureza problemática de Adão, herdada por toda a humanidade. Mudar apenas o comportamento não é o suficiente, é necessário modificar a essência para ter resultados significativamente positivos, gerados pelo uso harmonioso da racionalidade, afetividade e vontade que só é possível com a imagem de Cristo em nós.

Por fim, as considerações feitas ao livro são: apesar de ser um estudo detalhado sobre o comportamento, a linguagem clara e objetiva, sem tantos termos técnicos, permite uma compreensão fácil para qualquer leitor, a utilização de conhecimentos científicos, mesclados com a compreensão teológica, fornecem uma credibilidade maior e concretizam o objetivo voltado para a compreensão do autoconhecimento comportamental e dos demais indivíduos, oferecendo melhores relações pessoais e profissionais.

A utilização deste modelo de mapeamento pode ser inserido no cotidiano profissional, seja em empresas, organizações e quaisquer grupos de pessoas com a finalidade de conhecer os integrantes, permitindo um ambiente mais harmonioso, em que atende as necessidades individuais de cada um, ou até mesmo na etapa da seleção de pessoas para cargos profissionais, saber se o indivíduo possui, além de qualidades técnicas, características semelhantes a cultura organizacional da instituição em questão, permite prever quais pessoas se adequariam melhor ao cargo. Estes pontos fortalecem a recomendação da leitura para todos os indivíduos que busquem compreender os aspectos da natureza humana.



## RESENHA DO LIVRO

### **AS ARMAS CONTRA A POBREZA**

LEITE, Pedro Sisnando. **As Armas Contra a Pobreza**. Fortaleza: Autor, 2016. Paráfrases de Haroldo Lyra. 266p.

Por **Vinícios Matheus dos Santos Farias**

Pedro Sisnando Leite é um economista cearense, formado pela própria Universidade Federal do Ceará, com pós-graduação em “Economia Rural e Planejamento Regional”, em Israel. Ele nasceu em terras do semiárido nordestino, cuja realidade é de secas extensas, pobreza, fome, desigualdade e desemprego, onde muitas pessoas se sujeitam há esmolas políticas para sobreviver. Segundo Leite, a experiência pessoal foi quem o impulsionou a dedicar seus estudos e seu trabalho, em pensar formas de superação para subdesenvolvimento econômico e social do Brasil, em especial da região Nordeste.

Este livro é resultado de estudos, análises e experiências de Leite, durante sua trajetória profissional no Estado do Ceará e no Banco do Nordeste. Segundo Leite, os dados apresentados na obra correspondem à fase econômica do Ceará do período de 1995 a 2002, porém, ele acredita que estes dados são atemporais, e servem muito bem para ilustrar a situação da pobreza, subdesenvolvimento e do atraso institucional do país em criar políticas sociais de transferências de renda e erradicação da *pobreza*.

A obra está organizada de forma simples e objetiva, proporcionando aos leitores, uma melhor compreensão a respeito da situação do Brasil dos últimos anos. Ela reuniu algumas questões que são bem pertinentes para pensarmos um pouco sobre a conjuntura atual: Pobreza estrutural, Linhas da pobreza, Desigualdade, Desemprego, Dignidade humana, Exclusão social, Atraso social/econômico do perímetro rural, Êxodo rural, Autonomia e Educação do homem do Campo, Subdesenvolvimento do país, Agroindústria, Assistencialismo político, e Programas sociais e de transferência de renda. Ele também explora o debate sobre a ineficácia dos programas de curto prazo para a superação da *pobreza/fome*, em contextos como o do Nordeste, onde estes fenômenos atacam com mais força, por conta de situações que vão desde questões

climáticas, há debates como o da desigualdade de oportunidades.

Segundo Leite, “O Brasil não é um país pobre, mas um país desigual” (p. 92), isto porque existe no país uma disparidade econômica imensa, onde a maior parte das riquezas produzidas está concentrada ou sob o controle de grupos familiares da elite. As próprias formas de distribuição de renda do país aumentam sua desigualdade, por exemplo, enquanto os capitalistas acumulam riquezas na forma de lucro; os proletários vendem sua força de trabalho superexplorada, em troca de um salário mínimo, isto em um cenário em que a grande parte da tributação/impostos do país é por consumo e não por concentração de riqueza. Neste sentido, o próprio sistema brasileiro se torna um dos precursores de legitimação sua desigualdade. Está ideia me lembra de reflexões postas por Laura Carvalho em seu livro “Valsa Brasileira”.

Este volume trata-se de uma edição especial composta de 266 páginas, divididas em 4 partes. O texto é complementado por paráfrases de Haroldo Lyra, em formato de “prosas e versos”, deixando a leitura, mas sucinta, o que o tornar um guia ideal, para o leitor que busca entender um pouco mais sobre o fenômeno da *pobreza*. Este exemplar mostra alguns exemplos de possíveis caminhos para a

superação deste fenômeno mundial. Pedro Sisnando usa a analogia da “Guerra” em seu livro para mostrar ao leitor, o quão destrutivo a *pobreza* pode ser. “Neste documento são apresentadas propostas de algumas ações direcionadas a essa finalidade. São as armas contra a pobreza, pois se trata, na realidade, de uma guerra” (p.13), ou seja, o autor faz sua reflexão da *pobreza* comparando-a com a “guerra”, por que o país vem travando de forma cíclica esta batalha há décadas, e ainda não conseguiu produzir armas realmente eficazes para uma vitória efetiva sobre este fenômeno, que têm deixado sua marca de histórica por onde passa.

Conforme foi registrado por Leite nesta obra, o nordeste brasileiro é uma das regiões mais afetadas do país, quando o assunto é *pobreza* e *subdesenvolvimento*. Ele acredita que para obter-se êxito, nesta corrida rumo ao desenvolvimento econômico pleno, é preciso primeiro criar melhores condições de vida para as pessoas pobres, principalmente aquelas que foram marginalizadas pela sociedade, que vivem nos subúrbios brasileiros e em zonas rurais, esquecidas e desamparadas pelo Estado. “Para orientar as prioridades de ação e investimentos, devem ser definidas claramente as estratégias e os programas, de acordo com os princípios do ataque à pobreza e da redução das desigualdades” (p.13). Desta forma, é preciso que se der

ênfase ao desenvolvimento de uma investigação profunda sobre estes contextos, considerando suas particularidades, os círculos de interesses que estão envolvidos naquele ambiente e às suas dimensões econômicas, políticas e culturais, para assim, criar uma base sólida para o desenvolvimento destas estratégias de combate a *pobreza*.

A primeira parte do livro é sobre a “*A pobreza existente*”. Este bloco começa há discussão apresentando ao leitor o tema da *pobreza rural*, como um dos pilares causadores do subdesenvolvimento dos países. Segundo Leite, 70% das populações mais pobres vivem em áreas rurais, sobrevivendo apenas da própria agricultura de subsistência, ele diz que “nos países subdesenvolvidos, os problemas fundamentais da pobreza, desigualdade e desemprego têm origem na vida econômica das áreas rurais” (p.17). Isto por que, ele elenca, há pouco investimento no setor rural; as terras por não serem tratadas adequadamente possuem baixo ou nenhum potencial de produção para comercialização; além do fato de que estes sujeitos do campo possuem pouco grau de instrução, em muitos casos, seus conhecimentos são apenas oriundos de suas próprias experiências.

Com base em suas observações no Ceará, Leite elenca 4 possíveis motivos que levam as pessoas a

permanecerem na situação de *Pobreza Crônica* no país. O primeiro é que grande parte das famílias pobres vive em zonas rurais, desempregadas, vivendo apenas de suas plantações; A segunda razão é que toda ou maior parte das produções agrícolas destas famílias carentes é destinada para subsistência e não para geração de renda; O terceiro motivo é a carência dos Órgãos Públicos em prestar apoio e investimento pra estes sujeitos; e a quarta causa é a precarização da educação no ambiente rural. Concordo com Pedro Sisnando, “Uma das razões do atraso da agricultura está na existência de preconceitos, tanto das instituições quanto das pessoas influentes das cidades, em relação à agricultura” (p.21). Este estigma de atraso e inferioridade intelectual sempre foi associado ao povo nordestino, principalmente, pessoas do interior/campo. As experiências de Leite no semiárido cearense foram cruciais pra ele começar suas reflexões a respeito da *pobreza* e do *subdesenvolvimento* da região nordeste, elas são fruto da sua observação dos estigmas criados pela própria sociedade sobre estas pessoas, em especial, aqueles sujeitos do meio rural que se encontram desfavorecidos e silenciados pelo Estado.

É fato, que existe uma disparidade enorme entre a zona rural e a urbana. Seguindo o raciocínio de Pedro

Sisnando, a ideia para a superação destes obstáculos seria justamente *urbanizar o campo*. Primeiro precisara-se criar oportunidades para que estes sujeitos fiquem nestes espaços, ou seja, produzir empregos. Então você pode perguntar-se, mas como? Leite diz que será através da interiorização econômica e da indústria rural, às *agroindústrias*. Estas empresas é fruto da articulação entre os setores agropecuários e industriais, elas podem significar um elemento inovador para o homem do campo, na hora de garantir-lhe um emprego e uma renda digna, que seja suficiente para suprir suas necessidades. Eles deixariam de depender do Estado, e esta ajuda viria a ser um incentivo inicial para estas famílias começarem seus negócios. “A relação mútua entre a agricultura e a indústria foi um dos fatores notáveis do processo de crescimento da economia dos países hoje desenvolvidos” (p.39). Pedro reflete que, o êxodo rural é fruto da pobreza, justamente pelo fato de que a zona rural não consegue sozinha gerar empregos. Ele afirma: “Como a história econômica comprova, a única saída para erradicar definitivamente a pobreza é o povo ter empregos, que podem ser viabilizados através da interiorização do desenvolvimento econômico e da industrialização rural” (p.41). Isso significa que estimular a produtividade destes sujeitos irá ajudá-los a elevar seu capital, que como efeito dominó,

resultará na elevação do seu poder de compra, assim, movimentando a economia local. Em longo prazo, isso representaria uma das alternativas para superação do subdesenvolvimento da região e posteriormente, o próprio país.

A ideia central deste capítulo inicial é justamente pensar em formas de auxiliar estes sujeitos a ajudarem-se a si mesmos no próprio contexto social. “O desenvolvimento deve ir para o Campo e não deixar que a população do Campo vá para as grandes cidades, que são incapazes de oferecer o essencial para a melhoria das condições de vida da população” (p.53). Neste sentido, Leite assina-la a educação como um pilar essencial para a ascensão dos sujeitos, pois ele indaga que todo e qualquer crescimento pessoal nasce de alguém que foi devidamente educado. Haroldo Lyra complementa, “Além de capacitar deve-se o homem educar, formar em todos sentidos: Ético e intelectual, físico e o moral para os lauréis pretendidos” (p.72). Fazendo-nos refletir que, pessoas intelectualmente capazes são mais suscetíveis a ter um papel ativo na busca pelo desenvolvimento de superação da cultura de submissão e superexploração do trabalho, em prol da construção da sua autonomia econômica e ascensão social.

“Educar para Mudar” (p.73), esse é um dos subtópico em que Pedro Sisnando, fala da importância do papel fundamental que a educação exercer no âmbito do desenvolvimento econômico e na transformação sociocultural dos sujeitos da zona rural. Ele vê a educação dos indivíduos como um ativo de geração de renda constante, algo que tem o poder de eliminar a desigualdade, diminuir o desemprego, romper as barreiras de exclusão e injustiças sociais, ou seja, algo que pode promover e preservar a dignidade humana. Neste sentido, o corroboro:

A educação, na verdade, desempenha uma tríplice função: a difusão de ideais comuns, a possibilidade de o povo compreender e julgar a organização sociopolítica; a transformação das atitudes e o comportamento favorável às inovações e ao progresso. É formando quadros técnicos e melhorando o nível de instrução e adestramento que irá aumentar a possibilidade de derrotar a pobreza. Não basta apenas capacitar, mas se trata, sobretudo, de educar e formar o homem em todos os sentidos; intelectual, físico, moral e ético. Ou seja, preparar o homem para a missão de produtor e cidadão (LEITE, 2016, p. 75).

Neste sentido, preparar os sujeitos para a missão de cidadãos produtores, significaria romper a relação de dependência das pessoas (em situação de pobreza) com o Estado, ou seja, as políticas sociais deixariam ser meramente assistencialistas e passariam a desempenhar um papel de



precursoras da criação de indivíduos ativos da sociedade. Por exemplo, a entrada das mulheres dependentes da bolsa família no mercado de trabalho, resultaria em uma redução significativa da população sem rendimento, por conseguinte, implicaria no aumento da presença de jovens na escola, que há longo prazo, resultaria uma nova classe que deixaria de depender exclusivamente do Estado. Melhorar o nível educacional dos sujeitos, além de reduzir a desigualdade, promove a ascensão efetiva deles (as) na hierarquia de classes sociais.

A parte II da obra é intitulada, “A quantificação da pobreza do Brasil: IBGE/Pesquisa Nacional de Amostra por Domicílios (1992-2015)”. Nesta seção Pedro Sisnando Leite, faz uma exposição das suas análises diacrônicas da situação da pobreza brasileira, e chega há conclusão, “A Pobreza é Estrutural e Crônica” (p.87). Seu argumento parte do pressuposto de que a pobreza naturalizou-se nos países, e leva o leitor a entender que as injustiças sociais sempre existiram para os desfavorecidos, deixando-os incapazes de gerar sua própria renda, condenando-os a ficar há mercê de assistencialismos político deploráveis. “Eu mesmo sou oriundo de comunidades muito pobres do interior do Ceará, e na adolescência pude observar os traumas que essa exclusão provoca nas populações frequentemente enganadas por

promessas de políticos desprovidos de verdadeira solidariedade humana” (p. 89). A experiência do autor foi um fator decisório para formulação da sua complexa investigação, a cerca da ilusória ideia de que os assistencialismos político têm algum efeito efetivo na superação da *Pobreza Estrutural*.

Segundo Leite, sua experiência tem mostrado que, não é dando só dinheiro à população que a *pobreza* vai ser superada, é preciso criar formas de oportunidades para que estas pessoas possam ascender socialmente, pois, não se trata apenas de um problema financeiro, é também uma crise social. “A pobreza é multidimensional, com fatores econômicos, sociais e culturais associados” (p.90). A educação, por tanto seria é o caminho mais rápido para há evolução destes sujeitos, por que ela pode ser facilmente distribuída para as massas e uma vez que alguém há adquirido ninguém jamais pode roubar dele (a). A educação para as famílias das classes baixa, representa uma porta de oportunidades para seus filhos conseguirem um emprego e melhorar de vida, algo que eles não tiveram.

Nesta parte de sua produção, Leite também apresenta seu método de determinação das *Linhas da Pobreza*. Ele ainda afirma que as linhas classificatórias da pobreza podem variar de acordo com contextos particulares de cada país, por isto, ele indaga que é difícil se ter uma noção clara do que é

ser pobre, por que estas demarcações estão sempre mudando, o que pode variar de acordo com o olhar analítico de cada pesquisador, se levar em consideração seu objeto de pesquisa. Segundo Pedro Sisnando “A linha da pobreza real adotada neste livro é o valor de  $\frac{1}{2}$  Salário Mínimo per capita ao mês, que, em 2016, era de R\$ 440,00, ou seja, R\$ 15,00 per capita por dia para atender as necessidades essenciais de uma pessoa” (p. 100-101). Está classificação adotada por ele, que até então, era o valor do salário mínimo brasileiro no ano de 2016, lhe serviu como norte para o desenvolvimento da sua definição do que é ser pobre no contexto nacional, levando em consideração as particularidades socioculturais e socioeconômicas do país. Ele fala que as *Linhas de pobreza* brasileiras (2014) são determinadas de acordo com os níveis do salário mínimo, por exemplo: Classe Média baixa, são aqueles que recebem 1 salário mínimo; Os sujeitos que conseguem ganhar até  $\frac{1}{2}$  salário, são os pobres; Receber um  $\frac{1}{4}$  significa que o individuo é indigente (Mendigo); e quem receber abaixo de  $\frac{1}{8}$ , está na linha da pobreza extrema, ou seja, na completa miséria.

De fato, os dados que são apresentados no livro deixam em evidência que o Brasil padece de uma elevada disparidade entre ricos e pobres. Enquanto o país sofre com uma massa considerável vivendo em linhas de pobreza

extrema, há um pequeno grupo da elite brasileira que concentra grande parte do capital produzido no país em seus cofres pessoais, com efeito, ficamos condenados a viver em desigualdade crônica. As políticas de superação desta situação são em parte de curto prazo e não tem um efeito definitivo, na superação da *pobreza* e da *fome*, conforme é apontado por Leite, “Não me cansarei jamais de insistir que a ajuda financeira prestada às pessoas carentes é oportuna e salutar, mas tem um impacto apenas marginal na superação da pobreza efetiva” (p. 107). Desta forma, é evidente a necessidade de verificar-se há efetividade, eficácia e eficiência destas políticas na vida destas pessoas, e perguntar-se há realmente uma mudança considerável na realidade destes sujeitos, após sua implementação.

Delinear “o perfil da pobreza” (p.113), não é tarefa fácil, por que devemos enxergá-la não só como uma questão financeira. Os sujeitos são pobres quando são marginalizados pela sociedade, quando são excluídos politicamente das tomadas de decisões, aqueles cuja cultura está esquecida e há também os que são pobres em moral e espírito. Leite dá a entender que, ser pobre é não ter liberdade de ação ou escolha, é ficar controlado pelo assistencialismo político, e viver em condições indignas que fogem do princípio da dignidade humana.

A seção 3 do livro corresponde à temática referente aos “*Programas de Transferência de renda no Brasil*”. Neste momento Pedro Sisnando, faz um recorte temporal de alguns dos principais programas sociais de transferência de renda do Brasil dos últimos anos, com um olhar central para os programas *Bolsa Família* e o *Brasil sem miséria*.

A *Bolsa Família* é um programa de transferência de renda criado pelo governo Lula, em 2003. Leite diz que este programa é destinado a conceder a famílias carentes uma quantia mensal de acordo com o nível da linha de pobreza em que a família se encontra. Para receber este dinheiro os indivíduos precisam comprovar que só recebem até  $\frac{1}{4}$  por pessoa do salário mínimo, mensalmente. O outro programa nacional de grande sucesso é o *Brasil sem miséria*, do governo Dilma, cuja ajuda é concebida há aqueles que se encontra em situação de extrema pobreza.

Leite, no entanto, afirma que mesmo com estes programas sociais, o Brasil ainda encontra-se entre um dos mais desiguais do mundo em todos os aspectos. Nesse sentido, concordo com ele, em pensar que estas políticas sociais não proporcionam uma ascensão social às pessoas, pelo contrário, alienam os sujeitos a permanecerem nesta situação por mais tempo. As políticas de curto prazo podem promover certo alívio financeiro para estes indivíduos,

proporcionar-lhes a chance de sair da condição da fome total, para o direito de uma refeição por dia (Já é um avanço, de fato), porém estas políticas não são o suficiente para a superação da *pobreza* ou da *fome* do país. Leite retrata muito bem a situação destas políticas quando ele fala, “Direi que as pessoas que estão na condição de pobreza extrema e recebem um complemento de renda poderiam ser classificadas como transferidas temporariamente dessa categoria para o patamar superior da indigência (enquanto perdurar a concessão do benefício)” (p.102). Isto significa que, os beneficiários destes programas só se elevaram artificialmente de suas categorias classificatórias, o benefício só representa uma espécie de ajuda temporária para estes sujeitos, por tanto é necessária uma política de longo prazo, que contemple uma proposta definitiva para superação da pobreza e do subdesenvolvimento nacional.

O último capítulo desta edição é referente a “*Exemplos de Programas para a Redução da Pobreza com crescimento Econômico (casos no Ceará)*”. Neste fragmento final de sua obra, Leite faz uma seção de relatos referentes à suas experiências pessoais, no desenvolvimento de projetos sociais que foram executados por ele no Ceará, no período em que foi Secretário de Estado da Secretaria de

Desenvolvimento Rural, nas duas administrações do Governador Tasso Jereissati (1995-2002).

Pedro Sisnando Leite, exemplifica 3 modelos adotados no Ceará, que ele acredita ter tido bom êxito e um retorno positivo, por parte da população do Campo, na execução destes projetos. O primeiro exemplo é o “*Projeto São José*” (p.173), uma iniciativa do governo que tem como objetivo a redução da pobreza rural do Estado e promover a autonomia dos sujeitos.

O projeto São José vem se constituindo ao principal instrumento de ação para o fortalecimento do semiárido no Estado do Ceará, investindo em infraestrutura socioeconômica básica, apoiando os pequenos produtores e grupos comunitários, através de suas próprias associações representativas, criando oportunidades de geração de emprego e renda no meio rural (p.173-174).

O *Projeto São José*, além de promover autonomia para os trabalhadores rurais no trato de suas produções; também melhora a condições de vida destes sujeitos, por que através deste apoio, o homem do campo poderá desenvolver suas iniciativas de geração de renda ancoradas a um suporte do Estado. O segundo é a “*Reforma Agrária Solidária*” (p. 187), é um programa financiado pelo Governo Federal, com o apoio do Banco Mundial, Leite complementa:

Tem como finalidade desenvolver novo modelo de reestruturação agrária, no qual os trabalhadores sem terra e minifundiários, através de suas Associações, negociam a aquisição de terras diretamente com os proprietários rurais obtendo financiamento reembolsável para aquisição da terra e financiamento não reembolsável (a fundo perdido) para os investimentos necessários (p. 190).

Neste sentido, de acordo com o autor, este projeto visa formar uma Rede de Proteção Social. Assim, os trabalhadores rurais sem terra são organizados em grupos de associações, para que seja feita há escolha (pelos próprios beneficiários) das terras que serão financiadas pelo programa. Esta forma de aquisição representa/symboliza o aumento da autonomia dos trabalhadores/produtores na hora de dirigir suas safras.

Outro programa muito semelhante a este, é o “*Projeto Cédula da Terra*” (p. 207), ele é uma espécie de continuação da iniciativa anterior. Leite, fala que este novo projeto tem como objetivo a instalação de assentamentos rurais, como uma forma de gerar emprego e renda para sujeitos já com certa experiência no Campo, tornando-os donos do seu próprio negócio. O último programa apresentado como modelo é o “*Programa Seguro-Safra*” (p.221), há finalidade deste é promover segurança ao pequeno agricultor na hora de

fazer sua plantação, principalmente aqueles do semiárido nordestino, onde há extensas secas, que castigam as plantações anualmente. “O Seguro Safra é um Programa que possibilita ao agricultor o sustento da família no caso de perda de 50% ou mais da sua lavoura, por conta da seca, [...] o Seguro Safra é a garantia que o homem do campo precisa na hora de plantar” (p. 223). Além de uma garantia, este programa, junto aos demais, acima citados, representou uma ação de reafirmação do compromisso do Governo Cearense na inovação e no avanço da superação da *pobreza* do homem do campo, no Estado.

Em síntese, esta obra de Leite, reuniu temas de grande relevância para pensarmos a respeito da desigualdade estrutural do nosso país, que pela minha concepção é um dos principais problemas que a nação brasileira tem que enfrentar diariamente. A pobreza não se resume a uma questão unicamente econômica, mesmo que este seja um dos pilares primordiais do subdesenvolvimento, a pobreza deve ser combatida, tanto no campo econômico, assim como igualmente no político e social. Esta não deve ser só uma questão direcionada há indivíduos isolados, ela é um problema de toda uma classe que é oprimida, explorada e marginalizada pela sociedade, cada dia mais. Toda a argumentação de Leite neste livro resume-se no fato de que

ele tem a plena convicção de que o fracasso destas políticas reside no fato de que estes programas têm como foco uma superação artificial da pobreza, visando indivíduos isolados e excluindo o todo social. Concordo completamente com Pedro Sisnando Leite, quando ele diz que:

Para superação da pobreza são necessárias mudanças de estruturas sociais, políticas e econômicas injustas, acompanhadas pela mudança mental e educacional da população excluída. Ou seja, a promoção humana há de ser em favor do pobre, respeitando a dignidade pessoal, ensinando-lhe a ajudar-se a si mesmo (p.162).

É necessário refletir que estas mudanças estruturais da sociedade brasileira não vão acontecer de forma simultânea com o desenvolvimento econômico do país. É preciso dar ênfase ao processo educacional, que através dele e/ou só por ele, os indivíduos poderão ascender socialmente de maneira definitiva. Como bem é destacado por Leite, só é através da educação que os indivíduos poderão criar condições para a superação da exclusão social. Por exemplo, um jovem só pode desenvolver sua plena cidadania, quando ele está ciente dos seus direitos e também dos seus deveres, desta forma, há promoção humana das pessoas só acontece quando um sujeito toma consciência de si mesmo e do mundo que o cerca. A ideia de Leite de criação em massa de



cidadãos produtores só é possível quando estiver alinhada há uma educação pública de qualidade, garantida pelo Estado.

Para finalizar a discussão, gostaria de complementar que, além de uma análise referente há pobreza e a desigualdade, acredito ser necessário que se faça um estudo sobre os sistemas de tributação e capitalista brasileiro. Por que é fato que existe no Brasil uma disparidade econômica e social imensa entre as classes sociais. Como citei anteriormente, há uma parte da elite concentra grande parte dos recursos brasileiros em seus cofres, enquanto existe uma massa considerável de brasileiros (as) em situação de pobreza extrema ou em condições de superexploração do trabalho. Além de analisar e pensar formas de superação da pobreza e da fome do país; acredito ser necessário observar como é a relação e qual é o papel desempenhado pelos sistemas capitalista e tributário brasileiro na legitimação fenômeno. Devera-se perguntar se eles desempenham ou não influência para à perpetuação da *pobreza*.

## RESENHA DO LIVRO

### **EXPERIÊNCIA DEMOCRÁTICA, SISTEMA POLÍTICO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

AVRITZER, Leonardo. **Experiência democrática, sistema político e participação social**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2013.

Por **Tarlan Alexandre de Lima**

O livro é uma coletânea de artigos que faz parte da coleção de livros “Projetos para o Brasil”, um conjunto de estudos temáticos da Fundação Perseu Abramo do ano de 2013, neste volume o organizador Leonardo Avritzer trás junto a outros 8 (oito) autores uma visão crítica a respeito da Democracia, do Sistema Político e da Participação Social brasileira em 9 (nove) artigos que compõem o volume.

**UM BALANÇO DA PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO BRASIL  
PÓS-CONSTITUIÇÃO DE 1988 – LEONARDO AVRITZER  
(p. 11-20)**

Com a Assembleia Nacional Constituinte sendo a responsável por abrir “as portas para a participação social no país” e futuramente a década de 1990 ser considerada o período do grande aumento da participação social no Brasil, existem 3 (três) grandes marcos para a participação social no país, são eles: 1) a própria Assembleia Nacional Constituinte; 2) Os Orçamentos Participativos – iniciando em 1988 e sendo eles a marca dos governos do PT, pelo fato dos governos locais petista serem os pioneiros na implementação; 3) e, As Conferências Nacionais – existentes desde 1940, mas mais frequentes nos governos dos PT.

O fenômeno da “incapacidade do Estado brasileiro de dar conta da pauta de reivindicação de serviços públicos e de participação na área de infraestrutura” terminou sendo um dos causadores do desgaste de alguns mecanismos de participação social no Brasil, a exemplo, os Orçamentos Participativos e o Conselhos, gerando insatisfação por parte da sociedade devido ao afastamento dela da participação de determinadas pautas reservando-as à elite.

Quando se observa a ausência de uma modernização dentro dos governos do PT da participação social, o esgotamento/desgaste de Orçamentos Participativos e Conselhos que originou tal insatisfação da sociedade (um

ponto cumulativo as manifestações de 2013), gerado pela estranheza na seletividade de participação, tornando-se notório o aumento nas gestões Petistas, especialmente, por parte da população mais carente - que normalmente possuem baixa escolaridade – e das minorias, e, conseqüentemente ampliando as políticas sociais - apesar de o autor apontar o esgotamento de alguns mecanismos devido à seletividade nas pautas, como no orçamento participativo continua sendo uma ferramenta de tamanha importância que ainda esta sendo implementado (a exemplo da cidade de Sumé, no Cariri Paraibano, que só implementou em 2019) e evoluindo junto as TICs, o OP Digital implementado pela cidade de Belo Horizonte já nos anos de 2007-2008 (CUNHA, COELHO, POZZEBON, 2013).

#### **FINANCIAMENTO ELEITORAL EM PERSPECTIVA COMPARADA – ANDRÉ MARENCO (p. 21-34)**

Além dos fundos públicos, a permissão de aquisição por parte de fundos privados para a campanha incentiva uma desigualdade na competição política e uma intervenção nos interesses de quem incentiva aos partidos, o *International IDEA (Institute for Democracy and Electoral Assistance)* aponta que há um número equivalente a 116 países que

possuem alguma legislação de financiamento partidário eleitoral, que entre eles estão: 60 distribuídos de forma regular o financiamento; 19 apenas em eleições; e 37 com distribuição período eleitoral e extra-eleitoral, observando que o “financiamento eleitoral tornou-se nevrálgico de instituições poliárquicas”.

Ocorrendo uma correlação com a classificação realizada pela *Freedom House*, que considera a qualidade da democracia nos países para classificá-los como *free*, *partly free* e *not free*, desta forma, realizada entre os países que se encaixam em cada uma das 3 classificações da *Freedom House* pela provisão de fundos públicos (Quadro 1, p. 23). Concluindo-se que, para os *Free* e *Partly Free* têm a maioria com algum dinheiro dedicado, ocorrendo o oposto aos *not free*.

Em uma comparação apenas considerando o sistema eleitoral (Figura 1, p.24) e com as “Democráticas e Parcialmente Democráticos” - por ser bem reduzida a presença de financiamento em regimes não democráticos. Contatou-se que em todos os 116 países não existem nenhuma restrição completa a recursos de doações privadas, mas existem normas para regulamentação determinados do repasse de recurso e formas de distribuição proporcionais.

Países Parcialmente Democráticos possuem a necessidade de cotas parlamentares de gênero para que ocorra uma maior igualdade na distribuição da representatividade nos partidos, observando também a existência de países que fazem uso dos recursos e se encontram entre os mais corruptos do mundo, como o Brasil.

Configurado como o mais importante recurso, presente ao menos em 114 países, os meios de comunicação e especialmente a TV – visto até em um cenário com a distribuição de tempo de tela de acordo com a legenda e forte ferramenta para a garantia a vitória dos candidatos, com uma ressalva ao fato surpreendente nas eleições de 2018, onde ocorreu do então candidato a presidente, Jair Bolsonaro, que tinha – um dos menores tempos - apenas “8 seg + 11 inserções” (site HUFFPOST, 2018) e mesmo assim ganhou a eleição.

#### **A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO NÍVEL NACIONAL: DESAFIOS A UM PROJETO INACABADO – ROBERTO ROCHA COELHO PIRES (p. 35-46)**

A participação social é uma marca dos governos petistas, podendo ser observado na evolução da implementação dos Orçamentos Participativos, Conselhos,

Conferências e ocorrendo também “a adoção crescente de outras formas de interação entre Estado e Sociedade, como ouvidorias, consultas públicas, audiências públicas e outros formatos menos institucionalizados como grupos de trabalho [...] (PIRES E VAZ, 2012)”, dentro deste contexto as ações federais que têm cerca de 92% da interação social.

Mesmo com a participação há pontos que precisam ser observados: a) efetividade das instituições participativas; e, b) lições a partir das manifestações de 2013, a partir desses pontos, analisa-se fatores que venham a mostrar o esgotamento dos métodos de participação, esse acontecimento se dá pela variação existente entre o grau de participação dos grupos sociais e das áreas que participam formando uma disparidade visualizada quanto as decisões nas áreas de Infraestrutura e Economia sendo elas reservadas para participação de grupos de interesse da Elite, junto a isso, a não-padronização dos processos de participação social, que conseqüentemente gera divergentes processos, e a falta de diversidade na tomada de decisão também por área (Gráfico 2, p. 41).

Com pontos abordados para que se possa driblar o esgotamento das ferramentas de participação social, como: “Maior articulação entre as instituições participativas e integração ao ciclo de planejamento, gestão e controle das

políticas públicas [...] Reoxigenização dos espaços participativos [...] Canais de contato direto entre movimentos sociais e atores governamentais [...] Formas eletrônicas de participação” – o seguinte ponto de formas eletrônicas pode ser visto como medida já tomada (OP Digital de BH de 2007-2008 e na Paraíba o atual Orçamento Democrático Digital de 2020).

### **A DEMOCRACIA BRASILEIRA NA AUSÊNCIA DAS MULHERES: A PERSPECTIVA DA TEORIA POLÍTICA FEMINISTA – MARLISE MATOS (p.47-58)**

Considerado como direito nas democracias contemporâneas, mas não efetivado quando olhamos a situação, a representação políticas poderia ser um forte instrumento de inclusão nas arenas políticas e para a justiça social. Apesar de o Brasil possuir 52% da população composta por mulheres no país e um eleitorado também próximo a esse percentual composto por mulheres (51,8%), continuamos com uma representação inferior a 9% na Câmara e no Senado com um número de 13 cadeiras ocupadas para um total de 81.

Os movimentos já chegaram à decisão de não apenas lutar só por o movimento e sim por representatividade e

participação na política – de acordo com o TSE (2018), o número de mulheres na Câmara e no Senado, sendo 15,01% na Câmara e o senado foram 7 eleitas de 54, voltando a marca de 2010 de acordo com Senado (2018).

“O processo da inserção política das mulheres brasileiras e de uma representação política mais justa para elas precisa ser questionado pelo viés de gênero e feminismo. Isso porque, por princípio, todo projeto democrático deveria ser igualmente um projeto inclusivo”. Devido a inúmeras raízes que permanecem com o sentido de invalidar mulheres na política, pela divisão sexual do trabalho que traz consigo as ideias da divisão de tarefas em um contexto binário de “para homem e para mulher”.

O Contrato Sexual de Carole Pateman (1998), que trabalha com a ideia de que, tende-se a tratar mulheres como um ser mais sensível, e, portanto, menos racional, incapazes de manter o autocontrole e não aptas para assumirem cargos de maior visibilidade e importância, agindo com imparcialidade. Presente também o ideal de autores contratualistas, “a origem contratualista moderna da democracia é uma origem de exclusão e/ou subalternização”, sendo mesmo após a inclusão das mulheres, continuou-se com situações desiguais, como as de salários inferiores. Se fazendo necessário o combate para que se alcancem

mudanças simbólicas nas estruturas da sociedade, alterando o simbolismo e a cultura de gênero.

### **A DEMOCRACIA CHEGA À UNIVERSIDADE BRASILEIRA – JOÃO FERES JR. E ANDRÉ LÁZARO (p. 59-74)**

“Um centro de excelência para a formação das lideranças de nossa sociedade”, era desta forma como as universidades brasileiras foram vistas durante muito tempo, um espaço reservado à Elite, antes da interiorização da Universidade Pública no país, ação que levou o acesso a ela para regiões antes esquecidas.

Com um grande aumento da quantidade de vagas no dentro do fundamental, ocorreu um fenômeno de expansão descontrolada das vagas no Ensino Fundamental e Médio que trouxe como consequência a perda na qualidade do Ensino, abrindo o mercado para a rede privada de ensino começar a acolher os alunos de famílias de classe média e alta, disponibilizando um ensino melhor para quem pudesse – e possa! Fato que ocorre até os dias atuais - pagar por ele, mas, concomitantemente, no Ensino Superior ocorria o contrário, sendo o Ensino Superior Público com uma qualidade superior ao Privado no país – dados da UNIFESP indicam que mais de 95% das pesquisas no Brasil eram



realizadas nas Universidades Públicas (2019) -, e deste modo, os alunos de famílias com melhores condições com mais chances de adentrar ao Ensino Superior Público, sobrando para os alunos de baixa renda adentrarem à Esfera Privada, que possuía menos qualidade.

A vitória do PT nas eleições para o seu primeiro mandato trouxe um novo ar para a educação e mostrar a importância dela para a transformação de um país, “alterar a própria composição da Universidade”, passando a realizar movimentos para que tal transformação ocorra e com o aumento investimentos para esta área gerou imensos debates a respeito do público que estava presente nas Universidades (a elite), que discursavam a respeito do favorecimento da elite, outro ponto também foi o da criação de cotas, ponto que não era bem visto pela elite – com a maioria sempre de brancos na política, a real importância da representatividade sempre foi de grande debate, dados da Câmara Federal de 2020, aponta que, temos 21 Deputados Pretos eleitos.

O Prouni, no contexto de inclusão de toda a comunidade, surge como mais um programa que acolhe o público e gera inclusão, como o autor, mesmo define:

Por um lado, pelo público que acolhe, é um forte programa de inclusão [...]. Por outro, há o aproveitamento de vagas ociosas nas instituições particulares [...]. O Prouni traz, por tanto, duas

novidades que irão estruturar políticas de inclusão na educação superior. A primeira é a formulação de critérios para uma lei de reserva de vagas no setor privados [...]. Em segundo lugar, a utilização do Enem para a seleção de candidatos abre caminhos importantes: muda o patamar do exame (aumenta os participantes, adesão de mais instituições) (FERES e LÁZARO, 2013, p. 64).

E assim, conseqüentemente funciona como uma reserva de vagas na esfera privada, que aumentou o incentivo ao uso do ENEM, que, intensificou o número de concorrentes, e assim, campi, cursos e regiões e garantindo mais inclusão e igualdade no processo seletivo – criando o ar de um real caminho nacional e (menos im)possível para a situação do nosso país.

A expansão das Federais se deu por 3 programas: Reuni; a expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica; e a UAB, contando com intensa participação social, com estudos realizados para medição dos impactos sociais, raciais e econômicas nas instituições de educação pública, desencadeando um crescimento expressivo nas vagas em geral e nas vagas reservadas as cotas, sendo inegavelmente expressivo, mas ainda abaixo do ideal, pois, “50% das vagas das [...] federais ainda estão abertas a competição desigual” – é inegável que quem está na rede privada de ensino em sua maioria possui recursos financeiros que auxiliam no aprendizado, tornando os que não estão em

desvantagem, ou, a própria luta entre quem têm mais recursos para investimento.

### **PARTICIPAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E COMUNIDADES TRADICIONAIS - LILIAN C. B. GOMES (p. 75-86)**

Com uma ampla ascensão da pauta de proteção aos povos indígenas e sua cultura “torna-se mister reconhecer os direitos territoriais/identitários” desses povos. Com o aumento de sua participação é possível o redimensionamento possível das pautas que já são legalmente asseguradas pela participação do Brasil na Convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho (OIT, 25/07/2002). Entretanto, a visibilidade se diferencia dependendo do grupo na arena política, sendo altas (povos indígenas), médias (seringueiros e quilombolas) e baixas (quebradeiras de coco-de-babaçu e outros) representações.

Os três poderes dentro de suas atribuições, realizam seu trabalho com relação às pautas de tais formas: O Executivo traz a participação na OIT, criação da Seppir, Decreto 4887/2003, medidas de educação sobre igualdade racial (possuindo queda no segundo mandato); O judiciário, representado pelo STF no caso, ganha grande visibilidade e apoio, por ele quem age contra a ausência de importância

recebida e das consequências de atos do executivo, se contrapondo; e o Legislativo, as comunidades entram em grande conflito com este poder, por exemplo, pela banca Ruralista têm seus interesses de encontro aos direitos das comunidades, como projetos como a PEC 215/2000 e a PLP 227/2012 – a ideologia como algo que antecede e pré-define ações e pensamentos do ser dentro de grupos (CHAUI, 2016) traduz uma parte dos acontecimentos onde ocorre a diferença de representatividade dos povos e o jogo de interesses dos políticos, em um ambiente totalmente polarizado com vários conflitos de interesse se traduzem no que será “pré-votado”, “pré-debatido”, “pré-representado”.

Para o combate de conflitos, insatisfação e visibilidade dos povos, é indiscutível a reforma na participação e representatividade deles nas arenas políticas para serem ouvidos e respeitados.

### **AS CONSEQUÊNCIAS DA CORRUPÇÃO PARA O SISTEMA POLÍTICO BRASILEIRO – FERNANDO FILGUEIRAS (p. 87-98)**

Com manifestações ocorrendo no ano de 2013, vimos o descontentamento da sociedade com os escândalos de corrupção que estavam sendo expostos, mas não era um fato

exclusivo do Brasil, esquemas de corrupção estavam sendo descobertos no mundo todo, “Tamanho presença da corrupção no discurso público, no âmbito das democracias, tem gerado reações por parte das organizações internacionais” e essas criando mecanismos para enfrenta-la.

O termo Corrupção tem um amplo conceito, porém, há um grande empecilho para o verdadeiro significado e compreensão de sua nocividade, com interpretações e acontecimentos ligados a fatos econômicos ao Estado, que conseqüentemente leva para a população a imagem de Estado corrupto, quando na verdade “a corrupção ocorre na intersecção entre a dimensão pública e a dimensão privada”, com um comportamento privado que se sobrepõe ao interesse público.

O juízo moral da sociedade em cima do termo corrupção, por vezes, baseado nas normas que definem regras e valores da sociedade – com o pós-positivismo, descartou-se a ideia de “norma que define valor”, sendo o contrário, os valores evoluem e ditam as normas, pois as normas “caducam” - ligados aos ideais de justiça se convertendo em “corrupção um conceito normativamente dependente, contendo um caráter plástico e flexível”.

Estão intimamente ligados: corrupção, desigualdades e efeito imediato de não participação de determinados grupos

na sociedade com “a compra de votos, por exemplo, pode representar uma forma de corrupção” – ressaltando que, a compra de votos é crime eleitoral, definido como “captação ilícita de sufrágio” pelo artigo 41º A da Lei das eleições, pelo TSE, sendo assim, é crime e não “podendo representar”.

Com a Constituição Federal de 1988 e a definição do novo valor da justiça como pilar, o processo de influencia das mudanças na sociedade somado ao sistema presidencialista de coalizão permite a evolução da democracia, mas ao custo do uso da moeda de troca do sistema “nesse contexto institucional, os casos de corrupção ficam favorecidos, ampliando uma lista de “escândalos” que prejudicam a democracia brasileira”, podendo ser vista tal evolução também nos poderes, como uma faca de dois gumes, que melhora a atuação a custo da criação de empecilhos para a implantação de Políticas Públicas, ligando o público com os agentes privados – os *veto-players*, que são agentes que tem poder de vetar ações parlamentares (AMES, 2003) que trabalham acima de tudo, para interesse próprio.

**A ORGANIZAÇÃO DO SISTEMA POLITICO NO BRASIL NA DÉCADA PETISTA (2003-2013) – OSWALDO E. DO AMARAL (p. 99-110)**

Para que os instrumentos da democracia funcionem de forma adequada se faz necessária a estabilidade do sistema político, no Brasil, pode ser observada com o passar das duas últimas décadas, no qual pode ser observar a redução do índice de volatilidade eleitoral “14,5 (1998), 15,2 (2002), 10,2 (2006) e 9,9 (2010)”, também acompanhando pelo desempenho dos partidos nas eleições, o NEP aponta um índice de 3,2 (2002), demonstrando o bipartidarismo das eleições (PT e PSDB) junto ao calendário periódico estabelecido e cumprido – O’Donnell aponta a necessidade de eleições limpas, periódicas e igualitárias como um características de uma democracia consolidada, que pode ser visualizado na brasileira -, já na situação da Câmara, o cenário se inverte, havendo uma fragmentação de partidos, cenário que se repete ao longo dos anos de 2003 (8,5), 2007 (9,3) e 2011 (10,4).

A permanência do PT por uma década no poder intensificou a estabilidade ao sistema político e uma regularidade nos atores partidários, garantindo também, um desenvolvimento mais eficaz das estratégias dos partidos, porém, causando uma instabilidade com a identificação de seus eleitores – com exceção do PT, que possui eleitores bem fiéis ao partido.

Com a fragmentação das cadeiras na Câmara, o presidencialismo de coalizão constrói-se como uma “melhor opção” para o sistema brasileiro. Com a eleição do ex-presidente Lula e seus 25% de cadeiras em seu primeiro mandato e necessitando de coalizões - mas também passando pelos problemas de interesse do próprio partido - e conseguindo 49,3% (desvantagem frente ao Congresso) de apoio fez uso de emendas parlamentares para aprovar suas reformas.

No segundo ano, tentou concertar se unindo ao PMDB, porém com desproporcionalidade na divisão dos ministérios que trouxe uma séria consequência para a aliança entre os partidos, concertado em seu segundo ano de mandato com o ato de abrir mão de maior parte de controle do PT. Assim, com um sistema de participação mais plural e ampliado, com a troca de algumas ferramentas por outras (Orçamentos Participativos para Conferências Nacionais de Políticas Públicas) em diferentes anos da gestão petista, teve um saldo positivo para os mecanismos estabelecidos que trazem, em geral, uma ampliação participativa e inclusiva melhor visualizada.

**SISTEMA POLÍTICO, DEMOCRACIA E OPINIÃO PÚBLICA**  
– RACHEL MENEGUELLO (p. 111-120)



O artigo trabalha a contextualização e evolução do sentido da democracia junto a participação da sociedade no exercício de suas atribuições do sistema político, exercer a sua cidadania, que ainda existe a desconfiança para com os políticos, e conseqüentemente, com o corrente modelo de democracia, a democracia representativa, como visto a seguir:

“A democracia requer altos níveis de confiança pública nos mecanismos institucionais de formação de governos, em função da delegação de poder que os cidadãos fazem aos seus representantes eleitos, e a incerteza de seus resultados leva a que os cidadãos atentem para os mecanismos institucionais definidos para tornar efetivas as expectativas de liberdades, direitos e igualdades.” (MENEGUELLO, 2013, p. 111).

Acontecimentos como escândalos de corrupção, amedrontam os representado e os revoltam causando o efeito oposto ao que se deve acontecer, a desconfiança na política, no sistema e em seus representantes, como o que acontece no Brasil.

O trabalho com o desempenho, confiabilidade, evolução da sociedade, das instituições e o uso de pesquisas de opinião são fortes instrumentos para a realização de balanços de como a sociedade esta se sentindo em relação aos papéis e ações da sociedade “a opinião pública reflete-se,

portanto, na relação com o sistema político através da avaliação das instituições, da avaliação das políticas governamentais e na formação da legitimidade democrática”. No aspecto nacional, demonstrasse uma evolução nos conceitos e entendimentos da jovem democracia, e o que os fazia pela população, onde é apontada a dependência desses fatores para o sistema político.

## CONCLUSÃO

O livro é um material coeso e didático, as cabeças pensantes por trás dos artigos conseguem abordar ao mesmo tempo as temáticas principais que intitulam a obra (Participação Social, Democracia e Sistema Político) bem como transbordam as suas particularidades para temas ramificados a vivência da sociedade (Feminismo, Educação, Opinião Pública, Sociedade, Inclusão, Partidos Políticos, Comunidades Tradicionais entre outros) com uma olhar e variáveis bem didáticas.

Apesar de ter sido publicado em 2013 e necessitar de algumas atualizações para os acontecimentos pós protestos da época, temáticas ainda continuam muito recentes (como os dados do artigo sobre a Representação Política Feminina, escrito por a Marlise Matos) e a luta contra o (bem) evidente desmanche educacional do Governo (que contrasta com a



evolução do sistema educacional apresentado por Ferez e Lázaro), mas que são ótimos para refletir sobre o caminhar de nossa jovem Democracia e compreender melhor as demandas da população brasileira.

## REFERÊNCIAS

AMES, Barry. **Os entraves da democracia no Brasil**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 2003.

CÂMARA DOS DEPUTADOS, Composição da Câmara em 2019, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/agencia/infograficos-html5/composicaoocamara2019/index.html#text7>>. Acessado em: 26 de Julho de 2020.

Com sete senadoras eleitas, bancada feminina no Senado não cresce. **SENADO FEDERAL**, 24, Outubro de 2018. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2018/10/08/com-sete-senadoras-eleitas-bancada-feminina-no-senado-nao-cresce>>. Acesso em: 25 de Julho de 2020.

CUNHA, Maria Alexandra Viegas Cortez; COELHO, Taiana Ritta; POZZEBON, Marlei. Internet e participação: o caso do orçamento participativo de Belo Horizonte. **Revista Administração de Empresas**, São Paulo, Vol. 54, n. 3, Mai-Jun. 2014. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75902014000300005&script=sci\\_arttext&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-75902014000300005&script=sci_arttext&lng=pt)>. Acesso em: 25 de Julho de 2020.

Horário eleitoral: como é feita a divisão do tempo de TV. **HUFFPOST**, 23, Agosto de 2018. Disponível em: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/07/20/entenda-como-e-feita-a-divisao-do-tempo-de-tv-no-horario-eleitoral-a-23485856/>>. Acesso em: 25 de Julho de 2020.

O'DONNEL, Guillermo. Teoria Democrática e Política Comparada. **DADOS Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, V.42, n. 4, 1999. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0011-52581999000400001&lng=pt&lng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0011-52581999000400001&lng=pt&lng=pt)>. Acesso em: 26 de Julho de 2020.

MOURA, Mariluce. Universidades públicas realizam mais de 95% da ciência no Brasil. **Universidade Federal de São Paulo**, 16, Abril de 2019. Disponível em: <https://www.unifesp.br/noticias-antiores/item/3799-universidades-publicas-realizam-mais-de-95-da-ciencia-no-brasil>>. Acesso em: 25 de Julho de 2020.

RESENHA DO LIVRO

**GOVERNO E MERCADO: A ECONOMIA DA  
INTERVENÇÃO ESTATAL**

ROTHBARD, Murray N. **Governo e Mercado**: a economia da intervenção estatal. São Paulo: Mises Brasil, 2012.

Por **Cássio de Oliveira Almeida**

## **1 SERVIÇO DE DEFESA NO LIVRE MERCADO**

No contexto em que é empregado o serviço de defesa no livre mercado é apresentada uma análise ao livre mercado e como podem ocorrer esses serviços de defesa, em que é levado em consideração o homem, a economia e o estado, dessa forma o estado tem que se abster das relações econômicas para que se possa ter um livre mercado.

É que o livre mercado está relacionado a uma sociedade livre, em que tem que haver liberdade para que possam ocorrer trocas voluntárias entre a sociedade, e não um sistema em que o estado cobra tributos as pessoas, ou seja, "essa conta paga pelas pessoas", nem sem sempre

serão retornadas para o que as pessoas realmente querem e/ou necessitam.

Todavia, aqui é levado em consideração o serviço de defesa no livre mercado, em que Rothbard afirma que:

A oferta de serviços de defesa pelo livre mercado significaria manter o axioma da sociedade livre, ou seja, que não haja uso de força física, exceto ao se defender daqueles que usam de força para invadir uma propriedade ou atacar algum indivíduo. Isto sugeriria a completa ausência de um aparato estatal ou de um governo [...]. (ROTHBARD, 2012, p. 21).

Entretanto, após fazer essa afirmação Rothbard denota de forma explícita que para se ter um livre mercado tem que haver ausência do aparato estatal, porém Rothbard cai em enorme contradição quando afirma que:

[...] a liberdade do mercado deve ser conservada e que os direitos de propriedade não podem ser infringidos. Entretanto, acreditam piamente que o serviço de defesa não pode ser fornecido pelo mercado e que defesas contra invasão de propriedade devem ser, portanto, adquiridas fora do livre mercado, por meio da força coercitiva do governo. Rothbard (2012, p. 22).

Portanto, quando em sua análise Rothbard cita os economistas que defendem o livre mercado e esses inserem o governo como monopólio da força contra a invasão de propriedade, é notória a profunda contradição, tendo em vista

que o livre mercado presa pelo absentismo estatal e por relações livres entre as pessoas.

A obra levanta algumas incógnitas quando os adeptos ao livre mercado afirmam que deve haver um Supremo Tribunal, em que seria o único detentor compulsório de coerção e tomada de decisão na sociedade, e que deveria ter um judiciário livremente competitivo. Essas incógnitas são levantadas ao ser postulado como seria a defesa em um livre mercado em que Rothbard (2012), cita e exemplifica de maneira memorável que esses serviços seriam conflitantes, pois como haveria vários Tribunais, competindo entre si por mercado, as pessoas sempre buscariam peticionar ou se defender no Tribunal que está vinculado, outra objeção feita por Rothbard (2012), é que algumas agências de defesa poderiam usar seu poder coercitivo para fins criminosos, e assim querer se sobressair sobre as outras empresas de forma fraudulenta.

## 2 OS FUNDAMENTOS DAS INTERVENÇÕES

O livro busca fazer uma análise comportamental em que se ressalta a liberdade do mercado e da sociedade e tem como parâmetro a defesa de invasão violenta e contra a invasão de propriedade, ou seja, se quem exercer esse papel



for agências de defesa em livre competição, então temos uma sociedade livre, caso o precursor dessa defesa seja o estado, então temos um estado controlando a sociedade.

O autor utiliza-se do termo "invasor" para se referir a um indivíduo ou grupo que se intromete de maneira abrupta nas relações sociais e de mercado, dessa forma são remontadas três formas de intervenção, (que podem ser encontradas na página 32) que são elas:

1) intervenção austística, quando envolve o próprio sujeito e a outra parte obriga ou restringe algo do sujeito; 2) intervenção binária, temos que, o invasor pode forçar uma troca entre as partes, 3) intervenção triangular, nesse contexto, ocorre a atuação do invasor e de dois permutadores em que o invasor restringe ou obriga os permutadores a fazerem ou deixarem de fazer algo. Dessa forma o autor se utiliza desses três tipos de intervenção para mostrar as formas que o estado age manipulando e invadindo o mercado.

O Estado intervém de forma austística ao emitir decretos, intervém de forma binária ao cobrar impostos, já à intervenção triangular ocorre quando o estado faz controle de preços.

Entretanto o autor enfatiza a impossibilidade de traçar o número quase infinito das possíveis formas de intervenção, (que podem ser encontradas da página 34 à página 44), mas ele aponta algumas formas que são:

- Intervenção e conflitos; nesse contexto o autor aborda de forma memorável que quando o indivíduo é coagido, ou seja, quando ele sofre qualquer tipo de intervenção, seja austística, binária ou triangular, ele se sente sem utilidade, enquanto que os indivíduos que são livres para agir, estes sentirão-se mais valorizados e úteis. Dessa forma o conflito ocorre com a intervenção de modo que, quando o indivíduo é coagido a fazer ou deixar de fazer algo, este sente-se como perdedor e tem o outro como ganhador, dessa forma a intervenção do estado gera conflito, pois quando o indivíduo recebe algum benefício do estado ele está pertencendo a uma classe vista como exploradora e o que contribui de dominado.
- Democracia e modo de agir voluntário; é levantada a discussão em que busca-se mostrar que o fato de um estado ser democrático isso não implica que sempre terá a vontade da maioria decidindo e ainda que haja a vontade da maioria prevalecendo, tem um minoria que se sentirá oprimida, entretanto o autor deixa claro que a coerção e é o atributo do estado e não importa o tamanho da maioria, mas se não for a totalidade sempre haverá uma coerção a minoria.

- Utilidade e resistência a invasão; nesse contexto é ressaltado que a não intervenção do estado aumenta a utilidade dos indivíduos e que tanto o estado quanto o mercado agirão de forma invasiva nas relações de conflito entre as pessoas, o mercado atuará de forma que essa invasão seja não pelo fato da existência de agências de defesas e sim pela existência de invasores, ou seja, do provocador do conflito.
- O argumento da inveja; aqui o autor defende de forma veemente que o fato de uma pessoa ficar com inveja do sucesso da outra, não diminui a sua utilidade, pois para isso o autor se baseia em fatos e atos que podem ser inferidos, fatos ou atos concretos.
- Utilidade *Ex post*; a utilidade *Ex post*, trata-se de uma forma de utilidade que os indivíduos sentem quando tomam decisões e essas decisões aumentam sua utilidade de forma posterior a tomada de decisão.

Como visto, o autor apresenta diversas formas que podem ocorrer à intervenção, deixando bem claro que quaisquer que sejam as formas de intervenção não trazem progresso, seja para o homem a economia ou até mesmo o Estado.

### 3 A INTERVENÇÃO TRIANGULAR

A intervenção triangular ocorre quando um interventor intervém nas relações de trocas entre os indivíduos e essa intervenção pode ser de dois tipos: controle de preços e controle de produtos.

No controle de preço não há livre mercado se no controle de preço o preço é baixado, pode levar a uma grande demanda e uma oferta menor, fazendo com que ocorra uma desregulação do mercado, ausência de oferta dos produtos, levando a favoritismo, suborno, entre outras formas de ilegalidades para que esses clientes obtenham esses produtos sem a competição que o livre mercado teria.

Em contraponto havendo um controle de preço em que é estipulado um valor mínimo ocorrerá uma demanda menor que a oferta e assim terá um excedente de produtos não comercializado.

Na página 56 o autor afirma que o controle de produtos ocorre quando o governo proíbe a produção ou venda de determinado produto, com isso tanto os consumidores perdem em utilidade quanto os produtores também, pois são impedidos de produzir e ganharem por sua produção, vale ressaltar também que, com no controle de produção a oferta do produto será escassa e com isso o preço será mais



elevado. Além disso haverá um grande número de empresas trabalhando no mercado negro, produzindo os produtos que estão sendo controlados, mas isso também é dificultado pelo estado de forma que quanto maior for a sanção contra os produtos ilegais menor será essa produção devido o medo da punição.

O autor ressalta que o controle de produção gera privilégios a determinadas empresas e gera também a criação de monopólio fazendo com que o consumidor seja prejudicado com um maior preço dos produtos. Entretanto vale ressaltar que no livre mercado também há a ocorrência de monopólio em que pode ser citado como exemplo a empresa *Google* em que detém um monopólio de mais de 90% da participação global. Dessa forma não é apenas no mercado em que com a regulação são criados monopólios, no mercado livre há essa ocorrência e muitas vezes até maior, pois as grandes empresas tendem a esmagar os pequenos varejistas.

Todavia, concordando com o autor ao afirmar que a curva de demanda em monopólios criados pelo estado é menos elástica que o do livre mercado, pois os consumidores não terão muita escolha intervencionistas, enquanto que no livre mercado poderá efetuar essa troca, pois a criação de novas empresas será menos burocráticas. Outra diferença é que os monopólios criados no livre mercado são muitas vezes

criados a partir da qualidade e preços, enquanto que os monopólios instituídos pelo estado são criados mais pelo privilégio especial concedido pelo estado.

Foi possível observar que são apresentadas formas de um liberalismo radical, que é possível observar quando o autor fala nos tipos de concessão monopolista e ele cita alguns exemplos; o autor afirma que leis que proíbem o trabalho infantil, elas atrapalham a competição de trabalhadores abaixo de uma certa idade, e diminui a utilidade desses jovens. Entretanto não é levado em consideração que o fato desses jovens estarem em escolas buscando conhecimento e se capacitando melhor para poder obter um melhor emprego muitas vezes é um programa de estado que busca capacitar os profissionais para obter um nível mais elevado, em contrapartida o autor não leva em consideração que os jovens não têm um pensamento formado, ou seja, uma experiência para saber escolher qual o melhor caminho, e o estado tem provido isso juntamente com os familiares, dessa forma as leis que impedem o trabalho infantil é justamente para que se possa ter uma sociedade com mais conhecimento e uma mão-de-obra mais qualificada.

Outro ponto que o autor diz ser prejudicial para a economia é a instituição de leis que tratam de salário mínimo e limite de horas, dessa forma é apontado que as leis que

tratam da instituição de um salário mínimo são justamente para evitar que haja quaisquer tipos de exploração de mão-de-obra, assim como as leis que tratam de um limite máximo de horas trabalhadas, é justamente para evitar os tipos de trabalhos similares a trabalhos escravos, assim como os tipos de trabalhos praticados na China, em que os trabalhadores são submetidos a longas jornadas de trabalho e com salários bem abaixo dos praticados em lugares onde as leis trabalhistas defendem um salário mínimo obrigatório, ou seja, as leis que defendem uma jornada máxima de trabalho e um salário mínimo vão exatamente ao encontro do princípio universal da dignidade da pessoa humana.

#### 4 A INTERVENÇÃO BINÁRIA: TRIBUTAÇÃO

A tributação é uma forma coercitiva que o estado tem de extrair dinheiro da sociedade e que o principal problema da tributação é o fato que o pagador de tributos nem sempre tem seu dinheiro gasto com o que ele acha que é importante ou que esteja precisando.

Outro ponto levantado na obra é a existência de dois grupos de indivíduos, que são os pagadores de impostos e os consumidores de impostos, dessa forma o autor Rothbard (2012, p. 107) afirma que: “Está claro que os beneficiários

principais são aqueles que, em tempo integral, vivem à custa desse rendimento, por exemplo, os políticos e a burocracia”. Logo os pagadores de impostos são a sociedade, já os consumidores são os políticos e os burocratas.

Os impostos não são transferidos e nem alteram o preço final e sim a demanda final por estoque, entretanto, fazendo um contraponto temos a doutrina da transferência que diz que os impostos dos produtos são transferidos aos consumidores e os consumidores transferem aos empregados e assim por diante, fazendo com que ninguém pague imposto algum.

O autor defende que imposto de renda atua de forma direta diminuindo a qualidade de vida dos contribuintes haja vista que as pessoas têm seus salários diminuídos e tendem a trabalhar mais para compensar essa perda na renda, com isso são privados de terem um tempo a mais de lazer. Além disso, Rothbard (2012, p. 111) afirma que:

É verdade que um imposto pode ser transmitido, em certo sentido, se o imposto fizer com que a oferta do bem sofra uma redução, e, portanto, apresente uma elevação de preço no mercado. Este processo dificilmente poderá ser chamado de transferência per se, pois a transferência significa que o imposto seja repassado com pouca ou nenhuma dificuldade ao produtor.

Nesse contexto, o autor evidencia que um imposto pode ser transferido para o produtor e até mesmo para o consumidor final, desde que seja para diminuir o valor final de um bem, pois dificilmente esse valor seja para aumentar o valor do bem, pois como há um mercado em concorrência a tendência que sejam procurados outros bens substitutos.

Dentro da tributação ficou visto que não tem como haver o imposto sobre o consumo de forma singular, ou seja, esses impostos são transferidos também para a renda, fazendo com que essas pessoas sejam tributadas duas vezes, para solucionar esse problema os economistas do livre mercado sugerem que os impostos sejam sobre o consumo, de modo que não haja a cobrança dupla de impostos.

O imposto sobre as propriedades não é um bom negócio, pois prejudica as linhas de produção, distorcendo a alocação de recursos e causando dupla tributação, assim como as pessoas irão investir menos em habitação e irão investir em bens de consumo menos duráveis, fazendo com que houvesse uma distorção na produção e na satisfação dos consumidores.

Dentre as formas de tributação, uma forma que chama bastante atenção é o imposto progressivo, pois diminui os incentivos e a produção, pois age como uma penalidade a quem produz mais, ou seja, a quem tem méritos no mercado,

assim como os impostos de renda progressivos tendem a reduzir o incentivo ao ato de poupar.

O autor deixa claro que a questão de preço justo é uma questão mais filosófica pragmática do que quantitativas, pois não tem como mensurar quantitativamente se um preço é justo ou não, entretanto ele acredita que, o único critério objetivo para se ter um preço justo é o preço no livre mercado, pois esses preços são determinados de forma voluntária sem imposições e sem acordos.

## 5 INTERVENÇÃO BINÁRIA: OS GASTOS DO GOVERNO

Nesse contexto são apontadas duas categorias de gastos do governo que são: a transferência e uso de recursos e elas apresentam consideráveis semelhanças, entretanto elas apresentam diferenças que são bastante importantes para serem preservadas: o autor afirma na página 188 que, "em um dos casos, os bens são usados e os recursos dedicados para propósitos estatais conforme a vontade do estado; no outro caso, o estado subsidia indivíduos privados, que empregam os recursos como lhes apraz". Ou seja, na intervenção binária o que ocorre é que o Estado utiliza os recursos como os burocratas acham melhor, assim como

subsídios para que eles utilizem os recursos como acharem melhor.

O autor afirma na página 188: "há dois, e somente dois modos de adquirir riqueza; pelos meios econômicos (produção voluntária e trocas) e pelos meios políticos (confisco por coerção)". Com isso, ele afirma que no livre mercado só pode haver os meios econômicos que fazem com que a riqueza seja resultado de trocas voluntárias, ao passo que no subsídio governamental ocorre uma distorção na alocação dos ganhos, penalizando os eficientes e beneficiando os ineficientes.

Nenhum bem deverá ser grátis, pois a demanda por esse bem será grande e com isso haverá uma escassez, insuficiência, superlotação, reclamações etc. No livre mercado não ocorre nenhum dos fatos citados anteriormente. Ainda nesse contexto o autor deixa claro que apesar do bem está sendo oferecido de forma gratuita, se torna bem mais caro que o bem oferecido de forma privada, pois para oferecer esses bens o governo arrecada dos contribuintes e gera esse bem, com bem menos eficiência que no mercado privado e com isso o custo de produção do bem sairá bem mais caro, a única diferença é que quem utiliza o bem oferecido pelo governo já terá pago o seu valor antes de utilizar e com alguns acréscimos, já os bens oferecidos por empresas

privadas irá cobrar o valor dos bens de forma posterior, ou seja, o indivíduo terá a oportunidade de escolher o que quer.

O autor levanta críticas a respeito do modelo socialista, em que esse modelo busca extinguir a atuação de empresas privadas, buscando um monopólio governamental, assim como gera confusão e caos ao sistema econômico, pois ocorre através da imposição, afirma ainda que os regimes nazistas e fascistas fossem socialistas, assim como o sistema comunista.

## 6 ÉTICA ANTIMERCADO: uma análise praxeológica

A praxeologia exerceu fundamental importância para as relações que estabelecem tese e refutações de tese, assim a praxeologia pode ser utilizada para refutar fatos que afirmavam que o livre mercado não alcança os objetivos propostos, de modo que diversas críticas foram refutadas e ao refutar essas críticas foi mostrado que o governo quem realmente não tem cumprido com os objetivos propostos.

Para Rothbard (2012, p. 221) "[...] qualquer monopólio, qualquer que seja a definição usada, surge somente via concessão coercitiva de um privilégio exclusivo pelo governo, e isso inclui todas as tentativas de "forçar a competição". Ou seja, o surgimento dos monopólios passa pelo Estado, em



que o Estado com a sua coerção tende e intervenção tende a gerar monopólios, o que no livre mercado não ocorrerá

O autor afirma que a única forma de diminuir a pobreza e a fome é com um mercado livre, entretanto na realidade é o inverso, temos como exemplo a "teoria da mão invisível do mercado" de Adam Smith, que consiste na tese que o mercado por si só se regula, como isso foi observada diversas formas de desigualdades sociais, em que os mais ricos exerciam grande opressão sobre os mais pobres e essa disparidade econômica só aumentou, dessa maneira é fato relatar que o absentismo estatal tende a prejudicar os mais pobres e a gerar mais desigualdades sociais e econômicas aumentando assim a pobreza e a fome.

## 7 CONCLUSÃO

O autor Murray Rothbard, apresenta no livro "*Governo e mercado: a economia da intervenção estatal*", aspectos gerais em que busca relacionar o mercado com intervenção estatal ao livre mercado, para isso Rothbard faz uso de duras críticas ao mercado intervencionista e aponta o mercado livre de intervenção como a solução para muitas mazelas encontradas no mercado e na sociedade. Rothbard busca mostrar de forma filosófica, sociológica e praxeológica que o

mercado livre de intervenção do estado traz um maior sentido de pertencimento às pessoas, entretanto Rothbard faz uso de um liberalismo extremista que nos dias de hoje seria praticamente impossível, tendo em vista que se faz necessário a intervenção de algum órgão nas relações interpessoais para que se tenha uma sociedade mais organizada, assim como é de suma importância a execução de leis que Rothbard acredita ser prejudiciais ao mercado, tais como: leis trabalhistas e leis que proíbem o trabalho infantil.

Portanto, a essência do livro consiste em mostrar que o livre mercado é superior ao mercado regulado pelo governo, entretanto Rothbard, utiliza-se de argumentos que não visa o bem estar das pessoas e apenas às relações de trocas da economia, pois com um mercado livre existirá a existência e prevalência de monopólios e o esmagamento dos grandes produtos para com pequenos produtores, entretanto são validas muitas críticas ao estado tal como o excesso de burocracia para se implantar uma empresa.

Para sustentar toda sua argumentação, Rothbard utiliza as três formas de intervenção, (intervenção austística, quando envolve o próprio sujeito e a outra parte obriga ou restringe algo do sujeito; intervenção binária temos que, o invasor pode forçar uma troca entre as partes e a intervenção triangular que ocorre a atuação do invasor e de dois



permutadores em que o invasor restringe ou obriga os permutadores a fazerem ou deixarem de fazer algo). Dessa forma o autor se utiliza dessas três formas de intervenção para mostrar de que maneira o estado age manipulando e invadindo o mercado.

Portanto, a obra ressalta que a melhor maneira da economia atuar de forma harmônica é com o livre mercado, sem que haja quaisquer tipos de intervenção por parte do Estado, logo em um mercado livre de intervenção estatal a economia se regular por si só, pois ocorre fatores como oferta e demanda que estão na economia para equilibrar o mercado.

## RESENHA DO LIVRO

### EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. São Paulo: Paz e Terra, 1983.

Por **Carlos Eduardo de Lima Nascimento**

### APROXIMAÇÃO SEMÂNTICA AO TERMO EXTENSÃO

No começo da obra, o autor inicia sua fala com uma análise crítica da palavra Extensão. Sabemos que existe um processo de formação de cada palavra, cada uma tem um contexto e tem um estudo como base da mesma. Diversos contextos podem ser usados na palavra, mas o sentido contextual da palavra que mais interessa neste estudo, é o cujo tem o sentido de estender algo a alguém. O sentido da palavra extensão, é aquilo que é estendido a alguém.

O termo extensão, no contexto: Pedro é agrônomo e trabalha em extensão ( o termo agrônomo no contexto faz com que se subentenda a atributo agrícola do termo extensão), significa que Pedro exerce profissionalmente uma ação que se dá em uma certa realidade – a

realidade agrária, que não existiria como tal, se não fora a presença humana nela. (FREIRE, 1983, p. 11).

A presença humana faz com que o sentido da extensão possa existir, através da associação de palavras e sinônimos que a mesma tem em sua composição, para existir a realidade agrária, necessariamente tem que existir a presença humana.

De acordo com Freire (1983, p. 13) "Daí que, em seu "campo associativo", o termo extensão se encontre em relação significativa com transmissão, entrega, doação, messianismo, mecanismo, invasão cultural, manipulação, etc.". Traz referências aos sentidos e associação da palavra com o emprego e a contextualização da mesma.

De acordo com Freire (1983) não se pode decidir sobre os camponeses e nem sobre ninguém, quando se tem uma opção libertadora. Não se pode levar o camponês a ser persuadido com o agrônomo.

Para terminar o ponto **a** do primeiro capítulo, Freire (1983) enquanto educador, questiona a extensão enquanto agente educador, mostrando a através da extensão não se educa.

## O AQUÍVOCO GNOSIOLÓGICO DA EXTENSÃO

Segundo Freire (1983) "Educar e educar-se, na prática da liberdade, não é estender algo desde "sede do saber", até a "sede da ignorância" para "salvar", com este saber, os que habitam nesta. Entende-se que deve haver uma troca de diálogos entre o agrônomo e o agricultor, para que haja uma troca de conhecimento de ambas as partes, dando acesso a voz e experiência do agricultor, ensinando e aprendendo com o mesmo.

Para Freire (1983) o fundamental é que não haja a substituição de uma forma de conhecimento por outra, não pode deixar um reflexão filosófica de lado, o conhecimento deve ser adaptado de acordo com a cultura do homem, não deixando que o meio tradicional de ensino, que se baseia no professor como detentor do conhecimento, prevaleça, a medida que o homem vai se adaptando a cada contexto, o conhecimento vai se adaptando junto com ele. Não pode ser uma extensão invasora, ela tem que ser mediadora.

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o

“como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato (FREIRE, 1983, p. 16).

Para adquirir o conhecimento, a pessoa tem que se sentir livre para perguntar, falar, trocar conhecimentos. Não podendo ser interrompido de se posicionar criticamente sobre o que lhe incomoda ou sobre o que seria melhor sobre determinado assunto. A origem do conhecimento para Freire, não está só no sujeito ou o contrário, mas na interação entre os mesmos, através da mediação de fatos históricos e culturas diante do problema.

Pois bem, quanto mais observarmos as formas de comportar-se e de pensar de nossos camponeses mais parece que podemos concluir que, em certas áreas (em maior ou menor grau) eles se encontram de tal forma próximos ao mundo natural, que se sentem mais como parte dele, do que como seus transformadores. (FREIRE, 1983, p. 19).

Diante da situação mágica dos agricultores, pode-se observar que eles são detentores de um conhecimento histórico e cultural, que usa meios de fazer com que as pragas que invadem suas lavouras possam ser expulsas a partir de habilidades que eram usadas antes por povos mais velhos, que passaram a ser usadas também por povos mais novos, mas isso não impediu o desprezo das fórmulas mágicas, a partir de novos conhecimentos do agrônomo.

É por isso que não é possível ao agrônomo-educador tentar a mudança das atitudes dos camponeses, em relação a qualquer destes aspectos (dos quais o conhecimento deles [que não se pode ignorar] se encontra em nível preponderantemente sensível) sem conhecer sua visão do mundo e sem enfrenta-la em sua totalidade. (FREIRE, 1983, p. 22).

Mostra que todos os termos que englobam a palavra extensão, são ações que transformam o agricultor. O termo extensão também mostra ações que transformam o mesmo.

Segundo Freire (1983) “Para discutir com os camponeses qualquer questão de ordem técnica, impõe-se que para eles, a questão referida já constitua “um percebido destacado em si”. Para que seja posicionado um problema técnico pelo agrônomo é preciso que o camponês perceba esse problema junto do agrônomo.

Por tudo isto, o trabalho do agrônomo não pode ser o de adestramento nem sequer o de treinamento dos camponeses nas técnicas de arar, de semear, de colher, de reflorestar etc. Se satisfazer com um mero adestrar pode, inclusive, em certas circunstâncias, conseguir uma maior rentabilidade do trabalho. Entretanto, não terá contribuído em nada ou quase nada para a afirmação deles como homens mesmos. Desta forma o conceito de extensão, analisado do ponto de vista semântico e do ponto de vista equívoco, de ordem técnica e humanista, que cabe ao agrônomo desenvolver (FREIRE, 1983, p. 23).

A extensão segundo Freire, mostra que não se educa por extensão, pois ela não gera questionamentos e sim dá a denominação a quem detém o conhecimento e transforma o camponês em um ser passivo. A produção por meio de novas tecnologias expostas pelo agrônomo pode ser mais rentável com relação ao período de tempo, mas não traz uma relação contextual com a realidade dos indivíduos. Se tem que pensar na relação ao ambiente e a cultura que vive o camponês, fazendo com que haja uma educação além do que se tem nos livros didáticos, mas no aprendizado em geral.

## **EXTENSÃO E INVASÃO CULTURAL**

Neste capítulo podemos começar afirmando que somente o homem é capaz de refletir sobre ele mesmo. O homem veio se transformando com o passar dos tempos. “é um homem que está sendo no mundo e com o mundo”.

Segundo Freire (1983) “Esta ação sobre o mundo, que, sendo mundo do homem, não é apenas natureza, porque é cultura e história, se acha submetida aos condicionamentos de seus próprios resultados.” A ação sobre o mundo não pode ser realizada sem pensar na cultura e na história, que estão juntas nos fortalecimentos dos sujeitos enquanto seres críticos e pensantes.

De acordo com Freire (1983) para efetivar a invasão cultural o invasor precisa conseguir objetivos, com isso, precisa ser auxiliada por outras que a partir do momento que servem a elas, são de distintas dimensões da teoria antidialógica.

A propaganda, os slogans, os “depósitos”, os mitos, são tidos como instrumentos pelo invasor para conseguir seus objetivos: persuadir os invadidos de que devem ser objetos de sua ação, de que devem ser presas dóceis, por isso, é fundamental que o invasor descaracteriza a cultura invadida, rompe seu perfil, enchendo-a de subprodutos da cultura invasora (FREIRE, 1983).

Os invasores usam de ferramentas que chamam a atenção, para poder conseguir seus objetivos, que é persuadir os invadidos para ser usados como objetos de suas ações, usados para fazer com que a originalidade dos invadidos passam ser mudadas, rompendo com seu perfil e sendo obra barata dos subprodutos dos invasores.

Segundo Freire (1983), o diálogo é fundamental para transformação e humanização do mundo. Uma relação de posicionamento, onde o sujeito não pode ser neutro, com isso faz com que se haja um posicionamento com relação ao contexto.



Para Freire (1983), o saber começa com a consciência do saber pouco, no momento que determinada pessoa acha que sabe pouco, ela vai querer buscar saber mais, pois se já fossemos donos de todo saber, não necessitaria buscar constantemente o conhecimento. Precisamos pensar o que nós estamos produzindo de conhecimento, com quem e para quem estamos produzindo. Temos o grande desafio na produção do conhecimento, de diálogo de saberes, de criticidade, etc.

Se  $4 \times 4$  são 16, e isto só é verdadeiro num sistema decimal, não há de ser por isto que o educando deve simplesmente memorizar que são 16. É necessário que se problematize a objetividade desta verdade em um sistema decimal. De fato,  $4 \times 4$ , sem uma relação com a realidade, no aprendizado sobretudo de uma criança, seria uma falsa abstração. (FREIRE, 1983, p. 34).

Com a problematização se pode chegar ao resultado, passando pela construção do problema e vendo a esquematização realizada para obtenção do desejado. Não se pode somente chegar a um resultado, sem saber o porquê daquele resultado. Como disse Freire (1983) "Uma coisa é  $4 \times 4$  na tabuada que deve ser memorizada; outra coisa é  $4 \times 4$  traduzidos na experiência concreta: fazer quatro tijolos quatro vezes." Não se deve pensar a educação como uma forma de repetição, onde o professor é detentor de todo saber, como uma educação usado no modo tradicional de ensino. O

processo de educação tem ser feita a partir do diálogo e da esquematização. Não se pode meramente se dizer que  $4 \times 4$  é igual a 16, se tem que saber chegar ao resultado de forma explicativa e com todo um processo de ensinamento.

## **REFORMA AGRÁRIA, TRANSFORMAÇÃO CULTURAL E O PAPEL DO AGRÔNOMO EDUCADOR**

Na segunda parte deste capítulo, vamos analisar o papel que deve cumprir o agrônomo, sem nenhuma dicotomia entre o técnico e o cultural, no processo de reforma agrária.

A reforma agrária não é uma questão simplesmente técnica. Envolve, sobretudo, uma decisão política, que é a que efetua a impulsiona as produções técnicas que, não sendo neutras, implicam a opção ideológica dos técnicos. Daí que tais proposições, para falar só neste aspecto, tanto possam defender ou negar a presença participante dos camponeses como reais co-responsáveis pelo processo de mudança. Como também possam inclinar-se pelas soluções tecnicistas ou mecanicistas que, aplicadas ao domínio do humano, como, indubitavelmente, o é o domínio em que se verifica a reforma agrária, significam fracasso objetivos ou êxitos aparentes (FREIRE, 1983, p. 37).

É por isso que existe uma questão indiscutível no processo de produção da Reforma Agrária, poucos tem muitas terras, mas não fazem uso, muitos têm pouca terra ou não tem, mas querem usa-la de forma que não agrida que possa ser uma fonte de renda básica para muitas famílias.



Para Freire (1983) “Na modernização, de caráter puramente mecânico, tecnicista, manipulador, o centro de decisão da mudança não se acha na área em transformação, mas fora dela.” Não se pode pensar em mudança, trazendo sempre contextos próprios da realidade que se tem no interior, se tem que pensar também na realidade do exterior, onde o processo de mudança deve acontecer e assim avançar modernamente.

Freire (1983) também falou que a reforma agrária deve ser um processo de desenvolvimento que traga novidades enquanto a modernização do campo, através na modernização da agricultura. Freire (1983) “Neste sentido, o assentamento, na reforma agrária chilena, precisamente porque é uma unidade de produção[...] dever ser também, todo ele, uma unidade pedagógica, na acepção ampla do termo”. Esse assentamento na reforma agrária chilena, não faz uso de produção fora da relação homem-mundo.

Para Freire (1983) “É urgente que nos defendamos da concepção mecanicista. Em sua ingenuidade e estreiteza de visão, tende a desprezar a contribuição fundamental de outros setores do saber. Tende a se tornar rígida e burocrática”, Precisa-se ligeiramente se libertar da concepção mecanicista que traz o professor como o detentor do conhecimento e o aluno não é nada disso, nesse sistema mecanicista, o aluno não é nada disso.

Freire (1983) diz que “Eis aí, no processo de reforma agrária, o que fazer fundamental do agrônomo: mais do que um técnico frio e distante, um educador que se compromete e se insere com os camponeses na transformação como sujeito, com outros sujeitos”. Mais do que um pensamento técnico, que só visa o lado tecnicista, é fundamental um educador que vai à luta junto com o camponês na transformação.

### **EXTENSÃO OU COMUNICAÇÃO?**

Neste terceiro e último capítulo, traz o título da obra e ressalta a todo instante que o educador e educando precisam de diálogo para que não haja extensão, invasão cultural ou manipulação, mas sim a comunicação.

Segundo Freire (1983) “Não há, realmente, pensamento isolado, na medida em que não homem isolado. O pensamento tem que ser amplo, na medida que o homem também não consegue viver isolado, sem ter acesso ao mundo em si.

Freire (1983) também ressalta que “Todo ato de pensar exige um sujeito que pensa, um objeto pensado, que mediatiza o primeiro sujeito do segundo, e a comunicação entre ambos, que se dá através de signos linguísticos. Ressalta que para que haja esse ciclo de pensamentos, é

preciso ter a comunicação entre os indivíduos e o objeto pensado.

A comunicação em nível emocional pode realizar-se tanto entre o sujeito "A" e o sujeito "B", como em uma multidão, entre esta e um líder carismático. Seu caráter fundamental é ser acrítica. No caso anterior, a comunicação implica na compreensão pelos sujeitos intercomunicantes de conteúdo sobre o qual ou a propósito do qual se estabelece a relação comunicativa (FREIRE, 1983, p. 47).

Entendesse nesse caso, que uma pessoa "X", está como mediador da comunicação, se tem como exemplo um cantor, ele está no palco, cantando uma música que serve como meio de comunicação com as pessoas durante o show, aquela música que é cantada, gera uma emoção nas pessoas.

Freire (1983) "Daí que, à pergunta que dá título não só à primeira parte do presente capítulo, mas a este ensaio: Extensão ou comunicação?, respondamos negativamente à extensão e afirmativamente à comunicação." Como já mostrado durante os capítulos, o autor faz críticas à extensão e adota a comunicação. A extensão é colocada com uma maneira de se passar o conhecimento, sem que aconteça uma reflexão ou contraponto de ideias. Com isso o autor

respondeu de maneira positiva à comunicação, pois tem uma maior relação de acordo com a troca de saberes.

## A EDUCAÇÃO COMO UMA SITUAÇÃO GNOSIOLÓGICA

A educação gira em torno do conhecimento humano, onde o ser educador tem como missão a criação e a produção do conhecimento, onde o aluno possa observar seu contexto e possa chegar ter uma visão de mundo. Ou seja, teoria do conhecimento.

É exatamente em suas relações dialéticas com a realidade que iremos discutir a educação como um processo de constante libertação do homem. Educação que, por isto mesmo, não aceitará nem o homem isolado do mundo – criando este em sua consciência -, nem tampouco o mundo sem o homem – inca – paz de transformá-lo". (FREIRE, 1983, p. 51)

A educação tem que ser libertadora, não podendo impor que o aluno seja o detentor do saber, o aluno tem que ter um papel importante na construção do conhecimento, que o mesmo, tem que ser contextualizado de acordo com o tempo e ambiente que o ocorrido acontece.

Freire (1983) afirma "Se, por outro lado, este mundo histórico-cultural fosse um mundo criado, acabado, já não seria transformável. Mais ainda: se fosse um mundo acabado,

não seria mundo, como tampouco o homem seria homem.". O mundo vive em constante transformação, não se foi concluído, mas se fosse um mundo concluído, não seria necessariamente chamado de mundo, nem o homem que vive no mundo seria homem.

Segundo Freire (1983) a educação, para ser humanista de verdade, tem que ser uma educação libertadora, não se pode ocorrer impedimento no pensamento crítico dos educandos.

Freire (1983), "quem fala de neutralidade são precisamente os que temem perder o direito de usar de sua ineutralidade ao seu favor". Não se tem de certa forma uma neutralidade, por mais que se tente, é impossível que haja neutralidade diante de um indivíduo.

Para Freire (1983) "Os professores que não fazem este esforço, porque simplesmente memorizam suas lições, necessariamente rejeitam a educação como uma situação gnosiológica, e assim não podem querer o diálogo comunicativo". O professor que se nega a aplicar uma educação que está se modificando a cada tempo, não querem ensinar o novo, querem manter o modo tradicional de ensino, não querem o diálogo comunicativo.

Não se pode dá voz a alguém, mas se pode potencializar uma voz que já existe. O processo de formação

de um sujeito que tenha a capacidade de interagir criticamente é bastante importante na numa formação de caráter educativo. É necessário que se trabalhe a partir do diálogo, onde se possa ter um espírito libertador do conhecer.

## CONCLUSÃO

O primeiro capítulo aborda mais a origem da palavra extensão, que significa algo que é estendido a alguém. Trata-se também de derivados que juntos a palavra extensão tem seus significados. Ele mostra que não se educa por extensão, pois não gera questionamentos, e transforma o camponês em um ser passivo.

O segundo capítulo, aborda extensão e invasão cultural, traz também reflexões diante da reforma agrária e o papel do agrônomo educador. Ele mostra como a extensão retira os ensinamentos, quando de certa forma o agrônomo força os camponeses que se adequem a forma teórica, sem que haja uma comunicação, invadindo a cultura do camponês e o transforma em "coisa".

No último parágrafo, ele traz o título da obra e mostra sempre que a comunicação e de suma importância no processo de aprendizagem. Necessita-se de uma dialogo para

que não haja extensão, invasão cultural ou manipulação, e sim comunicação.

Estou de acordo com as ideias de Paulo Freire, pois visto a educação como uma prática de liberdade, não podemos nos calar e deixar que tomem decisões sem antes debatermos, preso pela liberdade de expressão de todos, e pelo lugar que todos tem no mundo. Não acho interessante o modo de ensino onde os alunos não podem colocar seu pensamento crítico em debate, onde os mesmos sejam condicionados à só escutar em vez de falar e passar seu conhecimento. O aluno que tem a mente aberta e que pode colocar seus conhecimentos em roda de conversa, faz com que ele não o guarde só pra ele, mas que ele passe adiante.

## RESENHA DO LIVRO

### CIÊNCIA E POLÍTICA – DUAS VOCAÇÕES

WEBER, Max. **Ciência e Política: Duas Vocações**. São Paulo: Editora Cultrix, 1970.

Por **Barbara Barros Paulino**

Considerados os dois ensaios, “A Ciência como Vocação” e “A Política como Vocação”, exposições são feitas acerca dos pensamentos de Weber bem como suas análises consideráveis relacionadas fundamentalmente a racionalidade, considerada como a preocupação central de sua obra. Para tanto, são estudadas questões relativas à função da ciência; a como a prática científica contribui para o desenvolvimento da racionalidade; a estruturação da política e o funcionamento do Estado moderno.

Inicialmente, em “A Ciência como Vocação” Weber analisa como a prática científica pode ser exercida como vocação, indicando, para tanto, uma comparação entre os aspectos estruturais bem como do funcionamento dos



sistemas acadêmicos dos Estados Unidos da América e da Alemanha, pontuando considerações relativas à forma como a carreira do jovem cientista é tratada na esfera dos dois sistemas.

Em se tratando da vocação científica propriamente dita, considera que atualmente essa vocação tem sido determinada, antes de tudo, pelo fato de que a ciência atingiu um estágio de especialização que ela outrora não conhecia (WEBER, p.24). Disso depreende-se, conforme as concepções de Weber, que a vocação científica se encontra instruída por dois aspectos, a saber: pela especialização do conhecimento (somente através da qual o trabalhador científico se tornará capaz de produzir algo que “permanecerá”, isto é, algo que encerre valor) e pela paixão para perseguir o que segundo ele se qualifica como a “experiência viva da ciência”. A par disso, discorre sobre a inspiração, que só ocorre após profundo esforço do cientista, e sobre a intuição científica, a qual surge como resultado do trabalho e da paixão (uma vez que para o homem nada tem valor caso não o seja realizado com paixão). Assim, atendo-se na perspectiva sobre qual seria a significação de que está revestido todo e qualquer trabalho científico, aponta para o fato de que o mesmo está ligado ao “curso do progresso” compreendendo, portanto, que toda obra científica resguarda

um único sentido/significado: ser “ultrapassada” para que a partir dela surjam-se novas indagações e outros trabalhos avancem ainda mais.

Discutindo, por conseguinte, o problema da significação da ciência para o mundo moderno, entende que a intelectualização e a racionalização crescentes não equivalem a um conhecimento geral acerca das condições em que vivemos. Estes, no entanto, conduzem ao entendimento de que os fenômenos são racionais, e que, portanto, podem ser explicados e dominados através da previsão e da técnica, sendo esta, portanto, a significação essencial da intelectualização. (WEBER, p.30)

Numa outra perspectiva, busca discutir acerca do significado e, igualmente, do valor que a ciência assume no contexto da vida humana. Indica que a ciência é concebida de forma contrastante no passado e atualmente, uma vez que, retomada a alegoria de Platão dos prisioneiros confinados à caverna, neste contexto a ciência tinha por objetivo conhecer não apenas as aparências e as sombras, mas também o ser verdadeiro (WEBER, p.32), em nossos dias, ou mais especificamente para a juventude, as percepções ante a ciência se apresentam de maneira diferenciada. A seus olhos, as construções intelectuais da ciência constituem um reino irreal de abstrações artificiais [...] acredita-se, atualmente, que



a realidade verdadeira palpita justamente nessa vida que, aos olhos de Platão, não passava de um jogo de sombras projetadas contra a parede da caverna (WEBER, p. 32).

Nesse contexto, evidencia a descoberta pela ciência do que Weber considerou como os grandes instrumentos do conhecimento e do trabalho científico, a saber: o “conceito” e a “experimentação racional”. O primeiro que tornava possível a compreensão do “ser verdadeiro”, uma vez que visava ensinar a forma correta de agir na vida e essencialmente como cidadão, e o segundo, como um princípio de pesquisa que fala da ciência empírica moderna.

A par disso, Weber busca expor o significado que a ciência veio a assumir na aurora dos tempos modernos, tendo em vista que a experimentação se estendeu para as mais diversas esferas, como a da arte, da teoria, das ciências e das ciências exatas. Considera que essencialmente à época da formação das ciências exatas, passou-se a esperar mais da ciência, o que significa, portanto, que por intermédio das ciências exatas o exame da natureza levaria a descobrir os traços das intenções divinas nos fenômenos físicos, indicando, por conseguinte, que a ciência não conduz ao sentido do mundo e nem a Deus, uma vez que de acordo com ele o pressuposto fundamental de qualquer vida em

comunhão com Deus impele o homem a se emancipar do racionalismo e do intelectualismo da ciência. (WEBER, p. 35)

Partindo de tais aspectos, levanta a discussão acerca de qual seria então o sentido da ciência enquanto vocação, tendo em vista a desconstrução feita das perspectivas anteriormente formadas de que a mesma conduziria ao “ser verdadeiro”, à “verdadeira arte”, à “verdadeira natureza”, ao “verdadeiro Deus” e à “verdadeira felicidade”. Admite nesse aspecto que a mesma não é passível de ter sentido, uma vez que remetendo ao pensamento de Tólstói, a ciência não é capaz de fornecer respostas à indagação que realmente importa, qual seja: “Que devemos fazer?” “Como devemos viver?” (WEBER, p. 36)

Assim, remetendo a ideia dos pressupostos da ciência, indica como relevante ponto o de que a ciência pressupõe que o resultado do seu trabalho, isto é, do trabalho científico, é importante em si. Todavia, tal pressuposto segundo Weber, não pode ser demonstrado. Indica, além disso, que os pressupostos que condicionam o trabalho científico são variáveis e que, portanto, dependem da estrutura de cada ciência não sendo possível a ela fixar valores, uma vez que estes são passíveis de alteração de acordo com cada época.

Para além dessas considerações Weber coloca algumas razões práticas que explicam sua recusa à imposição

de posicionamentos pessoais por parte do professor nas salas de aula das universidades. Para ele, o cientista deve portar-se de forma a analisar os fatos cientificamente, portando-se de tal maneira que sua análise forneça meios para que o ouvinte formule seu próprio entendimento, tendo em vista que, de acordo com texto, um verdadeiro professor deve perceber-se impedido de impor qualquer tomada de decisão, valendo-se apenas do seu dever, que se resume, portanto, a transmissão de conhecimentos e de experiência científica. Defende também a ideia, de que o professor em suas exposições deve tornar-se útil a todos em razão dos seus conhecimentos e do seu método, embora haja discordâncias quanto aos critérios de "avaliação" do tema abordado.

Assim, com base em tais considerações acrescenta que a tarefa primordial de um professor é a de levar seus discípulos a reconhecerem que há fatos que produzem desconforto, assim entendidos os que são desagradáveis à opinião de um indivíduo. (WEBER, p.41). Disso é possível apreender, que ao passo em que um professor consegue habituar os seus alunos a esse "gênero de coisas" está aí realizando.

Distanciando-se para tanto das exposições quanto às razões práticas que justificam sua recusa ao professor impor suas tomadas de posições e convicções pessoais, menciona

ser um erro procurar em um professor coisa diversa de um mestre diante de seus discípulos, isto é, esperar que ele detenha as qualidades de um líder e não somente de um professor. Nesse sentido, considera que ao professor não cabe ter a pretensão de ser "orientador" no que diz respeito às questões que concernem à conduta na vida uma vez que o valor de um ser humano não se põe, necessariamente, nas condições de líder que ele possa possuir (WEBER, p. 44). Portanto, em detrimento a isso, admite que a sala de aula não é, e nem tampouco será, um ambiente possível para que possa fazer prova de que tem aptidão de líder.

Sendo assim, para Weber, a significação e a contribuição positiva da ciência para a vida prática e pessoal reside no fato de que ela fornece conhecimentos que tornam possível o domínio técnico da vida por meio da previsão, tanto na esfera dos fenômenos, como na atividade cotidiana; reside também no fato de que ela pode proporcionar instrumentos e métodos de pensamento para aplicá-los na construção do conhecimento; e, por último, no fato de que ela pode contribuir para a clareza (desde que ela preexista no cientista), a qual indica os meios necessários para atingir determinadas metas, ou seja, ela contribui para que diante de algum problema se adote esta ou aquela posição. Além disso, menciona-se a necessidade de por certas vezes na condução de um projeto,

os métodos apresentarem um caráter necessário de ser recusado, daí a necessidade, segundo Weber, de escolha entre os meios ou o fim, o que conduz, portanto, ao entendimento de que ao professor cabe indicar as consequências que as ações podem ocasionar, entendendo com isso que a clareza auxilia as pessoas a darem conta do fim último de seus atos.

No segundo ensaio, em "A Política como Vocação", Weber distancia-se da análise das formas de encaminhamento do poder na vida prática e se fundamenta na exposição do significado e do sentido da vocação política. Deste modo, considera como política a direção do agrupamento político denominado no contexto atual de "Estado", compreendendo-o como uma comunidade humana que, dentro dos limites de determinado território reivindica o monopólio do uso legítimo da violência física (WEBER, p.56). Nesses termos, entende que o Estado se fundamenta, isto é, tem sua condição de existência pautada na relação de dominação que um homem exerce sobre outro, valendo-se do uso da violência legítima. Esta dominação, para tanto, se justifica com base em três fundamentos: no "poder tradicional", no "poder carismático" e no "poder legal", concebidos como formas "puras" de legitimação da violência.

Mencionando especificamente o segundo tipo de legitimidade do poder, qual seja o "poder carismático" (aquele brotado da submissão ao "carisma" puramente pessoal do "chefe") compreende que dele urgem os traços mais característicos da vocação. Nesse contexto, considera que os chefes carismáticos figuraram em todas as épocas e domínios e para tanto, aponta com base nestes aspectos, para a figura do livre "demagogo", o qual é revestido atualmente na figura do "chefe de um partido parlamentar", estritamente no âmbito dos Estados constitucionais. A despeito disso, Weber menciona que não mais pertencem aos particulares os meios para a manutenção da autoridade do Estado, ou seja, o homem político por "vocação" não mais se constitui como a única figura determinante do empreendimento político e da luta pelo poder no âmbito do Estado moderno. No entanto, ao mencionar que "o fator decisivo reside, antes, na natureza dos meios de que dispõem os homens políticos", consideradas todas as formas de dominação já mencionadas, entende que aos representantes do poder, cabe, portanto, o controle da máquina administrativa e a administração dos meios materiais de gestão, a fim de que se mantenha uma dominação organizada.

Assim, no tocante a estruturação do Estado moderno, numa definição de ordem estritamente conceitual, conforme

mencionado na obra, Weber considera que este se configura como um agrupamento de dominação que apresenta caráter institucional e que procurou (com êxito) monopolizar, nos limites de um território, a violência física legítima como instrumento de domínio e que, tendo esse objetivo reuniu nas mãos dos dirigentes os meios materiais de gestão (WEBER, p.62). A par disso, aponta, então, para o surgimento do que se denomina de uma “nova espécie de políticos profissionais”, quando, neste sentido, Weber expõe a possibilidade de se dedicar a política das mais diversas formas, sendo possível, portanto exercitá-la de forma “ocasional” (através do exercício do voto, por exemplo), como profissão “secundária” (quando a política é exercida por indivíduos que não fazem dela sua “vida”, ou por aqueles que só exercem suas atividades quando necessário, a exemplo dos integrantes de órgãos consultivos) ou como “profissão principal”.

Partindo de tais considerações, admite que os políticos podem exercer suas atividades de duas maneiras distintas, sendo aceitável viver para a política ou viver da política, perspectiva através da qual é tornado possível diferenciar os indivíduos que possuem ou não vocação. No entanto, para fins de distinção faz-se uso do aspecto econômico, concebido por Weber como um aspecto extremamente importante da condição do homem político. Nesse sentido, considera-se que

todo aquele que vê na política uma fonte de renda permanente está aí “vivendo da política”, entretanto, ao passo em que o homem se apresenta “economicamente independente” (independente das vantagens proporcionadas por ela), bem como “economicamente disponível” (quando o homem não se vê submetido a despendar totalmente suas capacidades de trabalho e de pensamento com o fim único de garantir a sua subsistência) da política, está aí vivendo “para” ela.

De acordo com estas considerações, depreende-se que ou a atividade política é exercida “honorificamente” e, nessa hipótese, somente pode ser exercida por pessoas independentes, isto é, por pessoas que gozam de fortuna pessoal, ou as avenidas do poder são abertas a pessoas sem fortuna, caso em que a atividade política exige remuneração (WEBER, p. 67). Deste modo, no tocante a remuneração, o homem político profissional que “vive da política” pode revestir a figura de um puro beneficiário ou de um funcionário remunerado a exemplo do funcionário público moderno. De outra parte, se torna plausível destacar que atualmente essas “compensações” foram traduzidas na forma de empregos de forma em que se observa que as lutas partidárias têm sido pautadas em rivalidades para o controle da distribuição de cargos, tendência esta, que se constata em diversos países e



que em certos casos fora aplicado sem que se fosse considerada a capacidade política dos futuros dirigentes.

Contrariamente a isso, com o desenvolvimento da moderna função pública, nota-se que passa-se a ser exigido funcionários especializados e qualificados que tenham se preparado de antemão para o desempenho de suas atividades profissionais. Deste modo, menciona-se que o “verdadeiro funcionário”, isto é, o funcionário especializado, deve desempenhar sua missão *sine ira et studio* (sem ressentimentos e sem preconceitos), ao passo em que a ele não cabe fazer política em razão da sua vocação, cabendo, portanto, a ele “administrar de forma não partidária”. Consequentemente, argumenta-se que a estes não cabe a reprodução das ações do homem político, uma vez que “tomar partido, lutar e apaixonar-se” – *ira et studio* – são características inerentes a este último.

Voltando-se para a análise acerca do processo de desenvolvimento histórico do funcionário de um partido político, a compreensão acerca deste processo depende, não obstante, segundo Weber, de um exame preliminar acerca da vida e organização dos partidos políticos. Disso decorre o entendimento que para que qualquer partido político exista, certas condições devem ser atendidas, a saber: a existência de chefes e seguidores que enquanto elementos ativos

buscam recrutar livremente militantes e a existência de um corpo eleitoral passivo (WEBER, p.84). Nesse aspecto, a fim de discutir acerca da estruturação dos partidos políticos (a qual é passível de variação) Weber adota como foco de análise aqueles que disputam votos no mercado eleitoral através do uso de meios racionais e pacíficos, quando, nesse contexto, ao considerar os partidos da Inglaterra, França e Alemanha aponta para a existência de um “estado idílico de dominação dos homens de prol e de dominação dos parlamentares”.

A despeito de tais considerações, esclarece a forma como os partidos tem se organizado e se estruturado no contexto da modernidade. Neste âmbito, essa “organização moderna dos partidos” diverge radicalmente do já mencionado cenário de dominação de homens de prol e da política dirigida apenas em termos parlamentares, tudo isso devido, segundo Weber, a democracia, ao sufrágio universal, entre outros fatores. Assim, considera que atualmente os partidos têm sido influenciados por uma premente democratização ao passo em que aponta o surgimento da democracia plebiscitária e dos progressos dela provenientes.

Por conseguinte, aborda o teor das “alegrias íntimas” que a carreira política pode vir a proporcionar a quem a ela se dedica, apontando com isso que a mesma vem a conceder



precipuamente o sentimento de poder. Consequentemente, buscando expor as condições prévias exigidas ao homem político para adquirir o direito de interferir na História através da política, considera que certas qualidades se fazem necessárias, a saber: paixão (no sentido de “propósito a realizar”); sentimento de responsabilidade e senso de proporção (concebido como qualidade psicológica fundamental do homem político).

De encontro a tais aspectos, menciona a “ausência de distância” como um dos pecados capitais do homem político, uma vez que para Weber se faz necessário que o homem político mantenha à distância os homens e as coisas de forma em que considera, por conseguinte, ser indispensável o chamado “recolhimento”. Além disso, aborda o fenômeno da vaidade como sendo também um inimigo a ser dominado por ele, uma vez que a concebe como sendo inimiga mortal de qualquer devoção a uma causa, inimiga do recolhimento e, no caso, do afastamento de si mesmo. Baseando-se em tais aspectos, argumenta sobre as consequências da vaidade para o homem político, entendendo que o “instinto de poder” é algo inerente a todo e qualquer político, todavia, o desejo de poder sem qualquer objetivo, utilizado somente como pretexto de exaltação pessoal é algo que, não obstante, vai de encontro a sua vocação (WEBER, p. 107). Portanto, considera

como os verdadeiros “pecados mortais da política”: não defender causa alguma e não possuir sentimento de responsabilidade, ambos desencadeados pela vaidade. Com efeito, deixa explícito neste contexto a figura do demagogo, que não se colocando a serviço de uma causa e contando com a ausência de responsabilidade, valoriza o “poder pelo poder”.

Nesse contexto, Weber aborda a condição ética da política admitindo como questão decisiva a ética da convicção e de responsabilidade, uma vez que qualquer atividade que se encontre orientada segundo a ética deverá estar subordinada a tais máximas, opostas entre si e, no entanto, complementares. Analisando particularmente suas significações práticas, compreende que existe uma profunda oposição entre a atitude de quem se conforma a cada uma delas, e para tanto as relaciona com o instrumento específico da violência legítima por meio da qual se utiliza o Estado a fim de conseguir suas intenções. Sendo assim, Weber considera, portanto, que a ética da convicção e a ética da responsabilidade quando em conjunto, são responsáveis pela formação do homem autêntico.

Portanto, menciona que à política é exigida a paixão e o senso de proporções, e, sendo assim, somente aquele homem que esteja convencido de que não virá a se abater

mesmo que o mundo, julgado sob o seu ponto de vista, se revele demasiado estúpido diante daquilo que ele o pretende oferecer e que permaneça capaz de proferir “a despeito de tudo!”, somente ele é possuidor da vocação da política. (WEBER, p.124).

## RESENHA DO LIVRO

### **A DEPRESSÃO COMO “MAL-ESTAR” CONTEMPORÂNEO: MEDICALIZAÇÃO E (EX) SISTÊNCIA DO SUJEITO DEPRESSIVO**

TAVARES, Leandro Anselmo  
Todesqui. **A DEPRESSÃO COMO  
“MAL-ESTAR” CONTEMPORÂNEO:**  
medicalização e (ex) sistência do  
sujeito depressivo. São Paulo, Cultura  
Acadêmica, 2010.

Por **Ednailson de Moraes Júnior**

A obra explorada é fruto da pesquisa de titulação de Mestrado de Leandro Anselmo Todesqui Tavares, no ano de 2009. Nessa obra, a tese central orbita na hipótese de que os ideais sociais da cultura pós-moderna é catalizadora das sensações de “mal-estar” emocional; de angústias tipificadas como psicopatologias. Nesse sentido, Tavares diz que o interesse em discutir essa relação surge a partir de sua experiência como psicólogo clínico no sistema público de saúde em uma pequena cidade brasileira. Conforme relatado, muito dos casos encaminhados para ele, diagnosticados

inicialmente por outros profissionais como depressão, não necessariamente deveriam ser categorizados dessa forma, pois, segundo ele, a própria tipificação da depressão na contemporaneidade atende aos ideais da sociedade do espetáculo e pode provocar uma condição alienante aos sujeitos. Aliás, a tese de Debord (2003) é central. É sobre ela que Tavares irá sustentar sua argumentação em torno da relação entre a cultura pós-moderna e a depressão como “mal-estar” deste tempo, além das próprias formas de tratamento ser empreendidas para “normatizar” os sujeitos a estas demandas sociais espetaculares.

Deste modo, é sustentado ao longo do texto, o argumento de que as intervenções pelo tratamento psicoterápico e, principalmente, a intervenção medicamentosa, é uma apropriação da subjetividade dos sujeitos, sendo que essas intervenções podem também funcionar para o acirramento das sensações de “mal-estar”. Por efeito, a relevância do trabalho, reside no fato de que muitos pacientes não obtêm êxito nesses tratamentos. Além disso, os trabalhos que envolvem essa temática são essencialmente teóricos.

Portanto, o objetivo da pesquisa é se lançar a compreender as significações que os pacientes atribuem aos diagnósticos e ao tratamento que são submetidos na rede

pública de saúde. Através do método que ele denomina de clínico psicanalítico, Tavares irá aproveitar de fragmentos clínicos de sua experiência como profissional na área para analisar a trajetória dos pacientes em suas tentativas de lidar com seus sentimentos de “mal-estar”, portanto, a forma como esses veem suas condições e também os tratamentos à base de psicofármacos.

No primeiro capítulo, “*Contemporaneidade e “mal-estar”*”, será discutida, fundamentalmente, as demandas sociais de nosso tempo e suas implicações à construção da subjetividade, logo, das identidades dos sujeitos. É proposto, portanto, a reflexão sobre os fenômenos característicos da pós-modernidade, com o objetivo de equacionar a relação entre a contemporaneidade com o desenvolvimento de sentimentos depressivos de uma forma geral.

Foucault (1999) afirmará que os seres humanos são seres discursivos. A sociedade e os indivíduos forjam suas características e percepções sobre o mundo a partir das condições de possibilidades em determinadas épocas, que implicarão nas formas das práticas políticas, econômicas e culturais. A atualidade, por sua vez, se caracteriza pelo vasto pano de fundo constituído pelos inúmeros dispositivos<sup>1</sup>, regras

---

<sup>1</sup> Na epistemologia foucaultiana, dispositivo se refere ao conjunto heterogêneo de diversos elementos discursivos que complementam o todo social em voltas das práticas. Cf com (CHERQUES, 2010.).

e saberes que dão à pós-modernidade uma singularidade bem particular.

Esta singularidade, conforme exposta ao longo do texto, é estruturada na tese de Débord (2003) que caracteriza a sociedade de nosso tempo como uma sociedade do espetáculo, que corresponde às formas como se estruturam a dinâmica social da contemporaneidade. Em outras palavras, o desenvolvimento capitalista, que acaba por elevar a produção e o consumo a níveis exorbitantes, condiciona as massas a perceberem o consumo massificado como elemento de status e reconhecimento social. Por efeito, o reconhecimento nessa cena social advém da imagem que estes elementos vão imprimir aos sujeitos.

Basicamente, o cenário concebido como espetáculo diz respeito a um espaço de sociabilidade, em que os indivíduos utilizam-se dos “artefatos” disponíveis no mercado capitalista para elevarem-se a uma posição em que possam, ou imaginam poder, ser sempre reconhecidos pelo (s) outro (s) (TAVARES, 2010, p. 38).

Não obstante, essa figuração pressupõe que a cultura contemporânea é fundamentalmente narcisista, onde há o ideal de que se expor para o outro é uma necessidade indispensável ao reconhecimento. Assim, Tavares aponta

que, no início do capitalismo, as posses eram o que conferiam o status. Na cena social espetacular, isso não tende a representar muito se o “ter” não vier acompanhado do “ser” contemplado pela exibição, pelo “parecer” e “aparecer”. Destarte, a sociedade do espetáculo expressa uma dialética que expressa o conflito da inserção dos sujeitos em duas condições: de espectadores e de protagonistas do espetáculo exibicionista, mesclando as esferas particulares/individual com a pública/social.

Entretanto, o contorno mais dramático reside no consumo desenfreado de bens simbólicos. As tecnologias informacionais e a indústria cultural (HORKHEIMER; ADORNO, 2002) criaram um cenário onde o acesso a esses bens pode ser realizado em qualquer lugar em um instante fugaz. Nesse sentido, somos constantemente bombardeados de informações, propagandas e imagens que desaparecem na mesma proporção que são produzidas. Coisas e símbolos são produzidos para serem consumidos instantaneamente e depois descartados. Não há nada produzido para durar. A relação que se exprime entre sociedade de consumo e sociedade do espetáculo torna o presente o único tempo que importa. A posse de bens materiais e simbólicos vem acompanhada do componente social. Além disso, o excesso é primordial, quem mais pode consumir tende a ter mais



legitimidade perante a cena social espetacular. Por efeito, diante da oferta excessiva, Tavares pondera que há uma perda da autonomia das escolhas e, portanto, da própria subjetividade que deve atender a estas demandas de uma pseudonecessidade desencadeada pelo desejo de consumir e ser reconhecido.

A cultura pós-moderna, nestes termos, produz personalidades exibicionistas, narcisistas, e pouco solidárias. Onde os empreendimentos são voltados para a autoafirmação egoíca das pessoas. As sensações de “mal-estar” podem, nesse contexto, se reverberarem de diversas formas e por razões variadas, estruturalmente estruturadas pelos discursos e dispositivos próprios da cultura contemporânea. Conflitos na construção da identidade, exclusão por não consumir bens que conferem status, frustração diante do não reconhecimento espetacular, distúrbios alimentares por uma busca de padrões de corpos idealizados, fragilidade das relações afetivas onde corpos são fetichizados e serve ao interesse egoísta do gozo individual, liquidez dos laços afetivos, ansiedade perante um futuro incerto já que as respostas imediatistas são mais relevantes, são alguns exemplos de “mal-estar” na atualidade. Não há espaço para a reflexão, para um porto seguro. Somos espectadores esperando a próxima moda, a próxima imagem espetacular para copiarmos e reproduzir idealismos

fantásticos em detrimento de um público que não se reconhece como tal.

No segundo capítulo, “*Depressão como “mal-estar” contemporâneo*”, é proposta a discussão sobre a depressão do ponto de vista do saber clínico, retomando algumas questões do capítulo anterior para subsidiar o fenômeno da depressão como “mal-estar” contemporâneo.

A depressão, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS) <sup>2</sup> é um transtorno ou estado mental de tristeza profunda e persistente, caracterizada pela perda de interesse em atividades normalmente prazerosas, acompanhada de uma incapacidade de realização de atividades diárias. Em sua pesquisa, Tavares julga importante, devido algumas incongruências em sua categorização, que a depressão seja analisada à luz da psicanálise, pois, segundo ele, há indícios de uma espetacularização da própria patologia, onde qualquer “mal-estar” emocional possa ser diagnosticado como depressão e que, pelo saber da medicina clínica, é uma mal a ser extirpado.

Para fins explicativos, nosso pesquisador faz uso de um texto de Sigmund Freud, intitulado “*Luto e melancolia*”.

---

<sup>2</sup> Disponível em:  
<[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=5372:depressao-o-que-voce-precisa-saber&Itemid=822](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5372:depressao-o-que-voce-precisa-saber&Itemid=822)>. Acesso em: 29/07/2020 às 15h37min.



Nesse texto, Freud nos conduz por meio da comparação entre os fenômenos análogos de luto e da melancolia, nos chamando a atenção para características aparentemente comuns a ambas, como, por exemplo: desânimo profundo, cessação de interesse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda e qualquer atividade, diminuição dos sentimentos de autoestima, etc. (TAVARES, 2010, p. 68).

Freud apontará, portanto, uma diferença substancial entre o luto e a melancolia, que é a perturbação sobre a autoestima do sujeito, expressada por sentimentos autodepreciativos. Ambos os sentimentos predispoem a sensação de perda de um objeto desejado, entretanto, na melancolia, esse objeto é um objeto "ideal", inacessível por crença. O luto é temporário na medida em que contempla a perda de um objeto real. Nessa interpretação, a melancolia é representante de um ideal inalcançável, logo, torna-se um sentimento mais duradouro. Porém, ambas expressam um ato narcisista: o ato de "fechar-se em si mesmo" como resposta a perda. Nesse sentido, tanto o luto quanto a melancolia, funcionam como um tempo de subjetivação e ressignificação diante dessa perda.

Contudo, a pós-modernidade, como destacado anteriormente, predispoem uma apropriação da subjetividade

dos sujeitos, não abrindo espaço para subjetivações e modos de vida que não correspondam aos da cena social espetacular. Nestes termos, para Tavares, o aumento substancial de diagnósticos de depressão na atualidade revela a intolerância a formas de significação e modos de vida que não atendam aos ideais espetaculares. A intervenção por medicamentos evidencia, nesse sentido, a imposição à normatização dos sujeitos aos comportamentos demandados pela sociedade contemporânea. Diante disso, Tavares define a categoria de depressão.

[...] como uma organização narcísica primária defensiva contra o luto, apesar de ser uma afirmação aparentemente contraditória, faz sentido ao relacionarmos o mesmo fenômeno com a expressão de uma espécie de "sentimento nostálgico" com relação a um espaço de gozo. [...] Nesse sentido, a defesa contra o luto significa a própria dificuldade e/ou "recusa" inconsciente em elaborar psicicamente os registros da perda e da falta. (Idem, p. 78).

Em outras palavras, a depressão pode ser tipificada como um estado emocional que, diante da sensação de perda, o indivíduo vê-se em um momento de ressignificação de sua vida. Logo, um momento reflexivo que demanda tempo e acompanhamento, para que esse estado duradouro de melancolia seja superado e, desta forma, o sujeito possa

conviver e aceitar, como parte natural da vida, as perdas que esta proporciona inevitavelmente.

No terceiro capítulo, "*Percursos: caminhos e descaminhos*", é caracterizado a forma como se oferta o serviço e a prática de assistência em saúde mental na rede pública que o autor atua, isto é, como é prestado o atendimento. Além da discussão em torno do saber clínico como possibilidade de "descaminho". A relevância de evidenciar a forma como é prestado esse atendimento recai sobre o intuito do pesquisador em observar as trajetórias dos pacientes para apreender as formas como eles percebem seus quadros clínicos e, conseqüentemente o tratamento.

Tavares adentra na condição de psicólogo clínico em um Centro de Saúde do município, que ele não cita o nome, no ano de 2005. Os pacientes que chegam até ele geralmente são encaminhados por outros profissionais, incluindo os psicólogos que atuam nos PSF's, nesse sentido, os pacientes já chegam até ele com diagnósticos previamente elaborados. Contudo, ele faz uma ressalva, que apesar de está lotado como psicólogo clínico, as práticas extrapolam, em certo sentido, os limites que esta modalidade pressupõe na medida em que há atenção, em alguns casos, a fatores psicossociais. Segundo ele, essa é uma forma de romper com o saber clínico que, em sua concepção, ao patologizar o "mal-estar"

dos sujeitos, ocorre um processo de alienação do paciente sobre si mesmo, uma espécie de captura da subjetividade em detrimento do saber clínico.

Em relação aos encaminhamentos, o autor cita que a clientela é diversa, todavia, o número de encaminhamentos de crianças e adolescentes pela Secretária de Educação e pelo Conselho Tutelar com queixas sobre comportamento e rendimento escolar é frequente e reverbera como se compreende o dispositivo clínico como um "ajustamento" dos indivíduos com condutas desviantes.

Para fins elucidativos sobre a parte quantitativa da pesquisa, foram aceitos os casos de pacientes que foram diagnosticados como depressivos previamente pelos órgãos que encaminharam ao Centro de Saúde que nosso pesquisador trabalha. O que para ele já caracteriza a banalização do conceito de depressão. Deste modo, ao chegar nesse nível, o paciente passa primeiro por uma entrevista preliminar por meio de questionário, que irá ajudar na apreensão da percepção do paciente sobre seu próprio estado, para que se possam delinear os próximos passos. Porém, o diagnóstico prévio feito antes do início do tratamento psicoterápico, produz um efeito problemático quando já de início os pacientes são submetidos à intervenção por medicamentos.

Ou seja, podemos perceber claramente que nesse universo de pacientes “depressivos”, em parte daqueles que obtêm “relativo sucesso” por meio do uso contínuo de medicamentos – o que se evidencia por meio da cessação de sintomas desconfortáveis –, reduz-se, de forma proporcional, sua disposição ao trabalho clínico em psicologia.

A aparente melhora em termos sintomáticos, fruto da sedação medicamentosa, aniquila, de antemão, a possibilidade de uma “demanda de análise”, que implicaria, inevitavelmente, em um desejo de saber de si. (Idem, p, 117).

Ou seja, a crença na autoridade do saber médico é tão forte que o alívio sintomático predispõe uma cultura em que os fármacos são suficientes à “cura”, o que reforça, segundo Tavares, como a patologização é um processo de intolerância, em alguns casos, de comportamentos opostos aos ideais contemporâneos.

No quarto e último capítulo, “A (ex) *sistência do sujeito depressivo*”, serão apresentados os fragmentos clínicos como elementos para subsidiar a reflexão sobre como a intervenção medicamentosa aprofunda as sensações de “mal-estar”, sendo categorizada como uma prática nociva e normatizadora, que promove a docilização dos sujeitos em detrimento dos traços sociais da sociedade consumista e espetacular.

Todo diagnóstico no campo do saber médico é formulado a partir de séries institucionalizadas em manuais e registros oficiais como o Código Internacional de Doenças (CID-10) ou o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM), por exemplo. Estes manuais têm por função estabelecer uma série de sintomas e características que, por evidência, estão relacionados a certas patologias que, ao serem institucionalizadas (nomeadas e catalogadas nesses manuais) produz um efeito de verdade (FOUCAULT, 1999) que as caracterizam como tais.

No que tange ao saber psicanalítico o diagnóstico remete a uma lógica subjetiva, que pode ser acessada por três estruturas clínicas que tendem a se manifestar nos pacientes: neurose, psicose e perversão. Cada qual é uma modalidade de defesa privilegiada pelos sujeitos. Por pressuposto, segundo Tavares, o diagnóstico nesse campo do saber psíquico, não será simplesmente a manifestação de sintomas combinados, mas a apreensão de como o sujeito lidará com seus objetos de desejo. Nesse sentido, esse diagnóstico é um diagnóstico estrutural que serve, *a priori*, à possibilidade de acesso a capacidade significativa do sujeito.

O problema do diagnóstico de depressão será, portanto, um entrave ao acesso à capacidade significativa do paciente por reduzir sua condição a uma doença. No senso



comum, já está arraigado a percepção de que “doença se trata apenas de um modo: com medicamento”. A psicoterapia, dentro da esfera psicanalítica, funciona como um processo de imersão na subjetividade do paciente para que este possa por si só, guiado pelo terapeuta, saber de si, entender as razões de significação de seu “mal-estar” e possa assim delinear uma ressignificação. Com o diagnóstico prévio, o paciente irá “esperar” a cura da autoridade conferida do saber clínico. Nesse sentido, a relação entre terapeuta e paciente não deve ser uma relação passiva, mas transferencial.

Ao expor os fragmentos clínicos relatados, se evidencia a problemática da passividade dos sujeitos ante essas condições supracitadas. Pacientes relatam que ao fazer o uso dos medicamentos, sentiam a perda de qualquer tipo de sensação ou de um “mal-estar” diferente, como “moleza”, “apatia”, e distúrbios alimentares predispostas pela ansiedade.

Nesse sentido, podemos observar constantemente em nossa prática que as combinações de antidepressivos e tranquilizantes, ao mesmo tempo em que aliviam determinados sintomas ou manifestações de angústia, também promovem outras sensações aversivas e, por vezes, até a própria ausência destas. (Idem, p. 136-137).

Nosso pesquisador atribui isso a cultura contemporânea da medicação impulsionada pela indústria farmacológica, que realiza uma “apropriação do campo

existencial pela medicina como forma de exercício do “biopoder”. Deste modo, essa apropriação que aliena o sujeito ante sua própria condição é a noção de (ex) sistência do sujeito depressivo, que ao ser alienado por esse saber, questiona suas certezas e tudo o mais que o define.

Desde já, a reflexão proposta por Tavares neste trabalho nos convida a discutir algumas questões fundamentais em relação à cultura e a vida na contemporaneidade e a autoridade que se confere aos campos do saber, aqui especificamente, o da medicina clínica. Primeiro, a liquidez que é nos é imperativa, que não permite que se construam portos seguros. Até que o ponto a praticidade e o reconhecimento aparente na vida cotidiana são catalisadores de conflitos existenciais? Será possível estabelecer curas imediatas ante ao que há de mais antigo no pensamento humano que são as grandes questões sobre nós mesmos que sempre foram motivos de angústias? Além disso, a que serve a cura? É possível falar em cura como uma forma de adaptação; normatização ao mundo tal qual ele se configura? Será que a medicina, ao atuar nesse campo, não estaria ocupando o lugar que sempre foi da filosofia? No mais, numa cena social onde as aparências têm tanto valor e a positividade na vida individual é elevada a níveis desmedidos, o pensamento é talvez o que há de mais duradouro a se

apegar, e a reflexão proposta nos induz a pensar sobre nos percebemos no mundo. No mais, a grande contribuição deste trabalho é, sem dúvida, que a depressão é um estado subjetivo que não pode em *strictu sensu*, ser visto como uma doença, mas como um momento necessário à própria adaptação do indivíduo a si mesmo e à sociedade.

## REFERÊNCIAS

CHERQUES, H. R. T. À Moda de Foucault: um exame das estratégias arqueológica e genealógica de investigação. In: **Lua Nova**, São Paulo, 81, p. 215-247. 2010.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo (1931-1994)**. EbooksBrasil.org, 2003. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>. Acessado em: 29/07/2020 às 18h40min.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**: aula inaugural no Collège de France pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 5ª Ed. Loyola, São Paulo, 1999.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. p. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. .

## RESENHA DO LIVRO

### ESTÉTICAS DO DIGITAL: CINEMA E TECNOLOGIA

PENAFRIA, Manuela; MARTINS, Índia Mara. (org.) **ESTÉTICAS DO DIGITAL**: cinema e tecnologia. Livros Labcom, 2007.

Por **Michely Maria Vieira Sousa**

## INTRODUÇÃO

A obra escolhida nesse resumo crítico é “*Estéticas do digital: cinema e tecnologia*” de Manuela Penafria e Índia Mara Martins, reúne os textos de André Parente (Universidade Federal do Rio de Janeiro), abordando conceitos do termo dispositivo no contexto cinematográfico e as primeiras experiências do cinema. Paulo Viveiros (Universidade Lusófona), abordando as primeiras experiências enquanto tecnologia das imagens cinematográficas. David Fernández



Quijada (Universitat Autònoma de Barcelona) faz uma abordagem de características relacionadas com a televisão interativa. Carlos Caires (Universidade Católica Portuguesa) aborda as questões que envolvem a narrativa fílmica interactiva. Acrescenta-se também a contribuição de Índia Mara Martins, doutoranda da Pontifícia (Universidade Católica do Rio de Janeiro), com uma abordagem voltada ao estudo e conceituação de documentário animado. Estes textos deram o mote das jornadas de cinema e tecnologia na Universidade da Beira Interior (UBI) em maio de 2007. O livro está dividido em cinco capítulos e possui um total de 124 páginas.

### **CINEMA EM TRÂNSITO: do dispositivo do cinema ao cinema do dispositivo**

Neste primeiro tópico são apresentadas as contribuições do texto do André Parente, que reúne as investigações sobre como é caracterizado o cinema enquanto dispositivo em suas diversas dimensões e as principais transformações e inovações do universo cinematográfico.

Quando, hoje, dizemos que, as novas tecnologias, por um lado, e a arte contemporânea, por outro, estão transformando o cinema, precisamos perguntar: de que cinema se trata? Portanto, o cinema convencional, que doravante chamaremos de "Forma Cinema", é apenas uma forma particular de cinema que se tornou hegemônica, um modelo estético determinado histórica,

econômica e socialmente (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 4).

Este formato de cinema é aquele que visa obter lucro, e exclusivamente não é o único modelo cinematográfico, este modelo sempre é mais lembrado pela mídia e conseqüentemente é mais consumido pela sociedade, no caso esse seria o modelo dominante de cinema. Buscando também influenciar a vida das pessoas através daquela realidade que é apresentada.

O dispositivo cinematográfico tem, portanto, vários aspectos: materiais (aparelho de base), psicológicos (situação espectral) e ideológicos (desejo de ilusão). O cinema possui um dispositivo específico cujo efeito básico consiste na produção da impressão de realidade (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 6).

Diante disso, o dispositivo cinematográfico busca chamar a atenção do espectador para diversos aspectos que estão interligados com a premissa de uma realidade idealizada, promovendo, assim, a reprodução sintética do contexto social.

O que é interessante no pensamento estruturalista, que é um pensamento do dispositivo por excelência, é que ele procura pensar os campos de força e relações que constituem os sujeitos e signos dos sistemas culturais, para além de suas particularidades psicológicas (pessoalidade) e metafísicas (significação). O pensamento estruturalista é relacional, embora tenha

guardado um resquício de idealismo, seja porque acredita em estruturas essenciais e formas a priori (por exemplo, o incesto e castração para a psicanálise e para a antropologia), seja porque acredita na homogeneidade dos elementos que formam a estrutura (são da mesma natureza) (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 9).

A questão filosófica sobre o conceito dispositivo sofre influências de teóricos estruturalistas, no contexto cinematográfico, além da estrutura que o envolve existe uma conexão entre as particularidades da vida dos indivíduos com o que se almeja alcançar com um dispositivo que possui bastante influência na sociedade.

O que os dispositivos colocam em jogo são variações, transformações, posicionamentos, que determinam o horizonte de uma prática, em ocorrência, a prática cinematográfica, em um feixe de relações dentre as quais podemos distinguir algumas esferas: as técnicas utilizadas, desenvolvidas, deslocadas; o contexto epistêmico em que esta prática se constrói, com suas visões de mundo; as ordens dos discursos que produzem inflexões e hierarquizações nas "leituras" e "recepções" das obras; as condições das experiências estéticas, entre elas os espaços institucionalizados, bem como as disposições culturais preestabelecidas; enfim, as formas de subjetivação, uma vez que os dispositivos são, antes de qualquer coisa, equipamentos coletivos de subjetivação (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 16).

A produção cinematográfica se constitui a partir da expressão da percepção individual de quem a produz, logo o

cinema torna-se um mecanismo de dispersão de valores, memórias, experiências e escolhas individualizadas.

O Panorama é um gigantesco dispositivo imagético (muitos panoramas tinham uma tela com mais de mil metros quadrados) de comunicação de massa que dominou a Europa ao longo do século XIX. O panorama é um tipo de pintura mural (patenteada em 1787 por Robert Barker) construída em um espaço circular em torno de uma plataforma central, de forma a criar uma imersão dos espectadores no universo representado pela pintura, como se o espectador estivesse diante dos próprios acontecimentos (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 16).

A ótica da expressão cinematográfica incute, assim, a valorização da leitura da obra pelo telespectador, o qual utiliza-se de suas percepções para assistir, compreender e principalmente para construir significados que codifiquem também as próprias experiências.

Entre outras inovações técnicas que permeiam o dispositivo cinematográfico estão: o Cineorama (Raul Grimoin-Sanson, 1896) este dispositivo simulava ao espectador a sensação de um passeio em um balão de ar quente; O Hale's Tour (George Hale, 1905) eram espaços construídos e projetados para simular uma viagem ferroviária; O Cinerama (Fred Walker, 1938) trabalhava com imagens projetadas em uma tela semicircular simultaneamente por três projetores (PENAFRIA; MARTINS, 2007).

Dentre outros formatos de cinema se encontra o cinema experimental que se preocupa mais com a intensidade e a duração das imagens produzidas. O cinema eletrônico é promovido por meio de vídeos que intensificam as imagens. No cinema expandido é destacado como o pioneiro exemplo de realidade virtual o Sensorama (Morton Heilig, 1955) com imagens estereoscópicas, produzem som e movimentos corporais. Já o cinema interativo possui uma relação entre imagem e espectador (PENAFRIA; MARTIS, 2007).

### **ESPAÇOS DENSOS: configurações do cinema digital**

Neste capítulo encontra-se as contribuições do texto de Paulo Viveiros, que vai abordar as principais concepções que permeiam as configurações do cinema digital e a influência da pintura flamenga e holandesa nesses espaços, onde o ponto principal é a tecnologia utilizada nas imagens.

O “cinema de atrações”, privilegia o espetáculo em detrimento de uma preocupação narrativa. A sua única estratégia é mostrar um acontecimento, uma situação, em vez de contá-la. O espectador é exterior ao espaço da história, que só existe enquanto efeito criado pelo “plano-quadro”, pela duração do plano e pela sua autonomia (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 37).

Este exemplo de cinema foi o primeiro a ser inventado e sua única preocupação estava em fascinar o espectador com o movimento das imagens, não era necessário nenhum tipo de narrativa para se contar uma história, pois o espectador é apenas uma figura externa ao espetáculo.

A densidade visual da pintura flamenga e holandesa reflectiu uma nova forma de conceber o mundo e o olhar, traduzido em amplas paisagens minuciosamente descritas e povoadas por diversas situações e acontecimentos, em mapas de lugares que nivelaram num efeito de superfície o próximo e o longínquo (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 38).

As características presentes nas pinturas flamengas e holandesas do século XVI e XVII utilizavam técnicas realistas da influência barroca que possibilitavam um movimento nas imagens, fixando o olhar de quem as observava. Nesse sentido, a influência dessas imagens possibilitou certa sofisticação tecnológica, impulsionando as imagens no meio cinematográfico.

Uma segunda forma da conceptualização do espaço digital, também ela fruto de uma imagem coerente, são os filmes com planos extremamente densos que derivam da composição visual da pintura flamenga e holandesa que se actualizou nos filmes de Boustani, por exemplo, como resultado da necessidade de pôr na tela os conhecimentos e fascínio pelo mundo, equivalente ao que se passa com o digital que parece

querer expor o “estado da arte” num único enquadramento (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 45).

O cinema digital recebeu certa inspiração das pinturas flamengas e holandesas, com a chegada das tecnologias digitais as imagens passaram a ganhar efeitos especiais e sincronizados, as imagens começaram a ganhar movimentos principalmente em cenas de batalha com mais impressão de realidade.

## **IMPLICACIONES DE LA TELEVISIÓN INTERACTIVA EM LA DISEÑO DE LA OBRA AUDIOVIDUAL**

Neste capítulo serão abordados alguns pontos do texto do David Fernández Quijada, que analisa as características da televisão interativa e suas implicações para a construção de uma obra audiovisual, analisando fatores tecnológicos, econômicos e sociais.

A pesar de que la televisión interactiva nació analógica, hoy en día su análisis se suele centrar exclusivamente en la de naturaleza digital, especialmente em el contexto actual de transición de las emisiones analógicas a las digitales em todas sus plataformas de difusión. La digitalización ha permitido desarrollar herramientas de producción y distribución más flexibles, baratas y fáciles de manejar, disminuyendo de esta manera las barreras de entrada en el mercado de los productores (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 51).

A televisão interativa inicialmente surge no modelo analógico, mas com a chegada da televisão digital esse modo interativo ganhou mais força, pois sua chegada no mercado teve excelente retorno com custo baixo para produção dessas ferramentas, ocasionando também uma maior praticidade no manuseio dos usuários.

Una primera reflexión se refiere a la necesidad de promover los estudios de recepción para conocer realmente cómo se consume la interactividad asociada a la televisión. De entrada, sí se puede decir que mientras la televisión convencional apelaba al espectador en cuanto que unidad familiar, la televisión interactiva apuesta por la personalización. Así, en la mayoría de ocasiones ésta se presenta como un producto destinado a individuos y no a familias (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 55).

O formato televisivo analógico foi criado pensando em um contexto de interação familiar, em qual os familiares reunidos assistiriam aos mesmos programas. Já o formato digital interativo passa a ser mais individualista, promovendo uma enorme possibilidade de escolhas em que cada público alvo faz suas próprias decodificações.

Para que um profissional possa trabalhar na criação de um audiovisual para televisão interativa, faz-se necessária uma formação qualificada na área computacional,



possibilitando um melhor desempenho no trabalho em equipe (PENAFRIA; MARTINS, 2007).

As plataformas interativas televisivas, juntamente com a internet, possibilitam aos usuários uma maior autonomia para escolher os programas que desejam assistir, podendo existir até uma interação e aproximação do telespectador com certos programas através de outros suportes digitais, por meio de controle remoto podem existir a escolha de troca de canais, por meio de celular ou computador com uso da internet os usuários podem fazer votações em programas que desenvolvem esse caráter e ainda podem escolher utilizar em suas televisões qualquer plataforma que esteja disponível junto à internet.

### **DA NARRATIVA FÍLMICA INTERACTIVA. CARROSSEL E TRANSPARÊNCIAS: dois projetos experimentais**

Neste capítulo do texto do Carlos Caires em abordagem dos temas relacionados às questões da narrativa fílmica interactiva, analisando os dois projetos experimentais Carrossel e Transparências.

Nesse sentido “A narrativa está aí, é como a própria vida, está presente em todos os tempos, em todos os lugares, desde o início da humanidade.” (PENAFRIA; MARTINS, 2007,

p. 71) Sendo assim, a narrativa é o ato de contar uma história que pode acontecer de forma linear ou multilinear.

A narrativa interactiva é não linear. Isto é, é possível uma alternância da ordem dos diversos momentos da história, através de uma escolha (muitas vezes prevista ou previsível), seja ela objectiva ou subjectiva. É claro que este efeito de intermitência e alternância é perverso, na medida em que todas as histórias seguem um eixo temporal linear induzido através do discurso (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 73).

Diante disso, a narrativa interativa se enquadra em um formato jornalístico, nela não existe um roteiro pré-determinado a sequência dos fatos podem sofrer alterações de acordo com o percurso da história feita pelos interlocutores.

Através da reorganização temporal da narrativa fílmica, da sua interrupção e repetição dos diferentes momentos (analepses e prolepses) e dos saltos temporais na acção (elipse), o cinema reposiciona o espectador em relação à história contada, e pede a sua intervenção para a compreensão dos acontecimentos relatados. Obrigando o espectador a estar activo mentalmente, o cinema consegue chamar para si um certo potencial interactivo (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 75).

A narrativa fílmica ocorre por meio de um processo multilinear a partir de um dado momento podem surgir recordações do passado ou até mesmo perspectivas do



futuro, este percurso que molda a história necessita ainda mais da atenção do espectador que também pode participar de maneira ativa nesse cenário.

Por último, o autor faz uma análise através de estudo empírico os dois projetos experimentais que utilizam da narrativa filmica interativa. O primeiro projeto intitulado Carrossel, existe a projeção de imagens filmadas em um espaço virtual tridimensional, a construção da narrativa só acontece a partir da intervenção do espectador, que por sua vez manuseia o instrumento que movimenta as imagens e proporciona som, ocasionando a sensação de estar em um carrossel. O segundo projeto, Transparências, possibilita a interação do espectador com as imagens em movimento, a relação entre os personagens é movida por sentimentos amorosos e existe uma ligação entre as cenas e a intervenção pelo espectador pode ocorrer em qualquer uma das sequências. (PENAFRIA; MARTINS, 2007)

### **DOCUMENTÁRIO ANIMADO: um novo projeto do cinema**

Neste capítulo se encontram os principais elementos abordados no texto da Índia Mara Martins, que aborda os diferentes modos de representação, conceitos e tendências

em relação ao documentário animado e as novas tecnologias no contexto cinematográfico.

O documentário animado pode ser definido como um filme de situações e fatos reais registrados em suporte eletrônico utilizados como base para posterior intervenção com animação, que muitas vezes é computacional (algumas vezes utiliza animação tradicional). Quase sempre apresenta a valorização de aspectos subjetivos das situações a partir da representação das personagens e dos cenários (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 92).

Buscando uma definição para o documentário animado, percebe-se que nele se caracterizam elementos essenciais de fatores reais que utilizam de tecnologias digitais que servem de suporte para construção e para a abordagem dos fatos, as imagens nesse suporte são computadorizadas.

O documentário pode ser classificado por alguns modos de representação, entre eles estão: o modo imitativo que oferece um tipo de imitação; o modo subjetivo possui intervenções do autor; o modo fantástico explora situações reais e cotidianas; o modo performático apresenta tom autobiográfico; o modo poético enfatiza as relações afetivas e emocionais e o modo participativo ou interativo verifica-se quando o documentarista-animador participa do documentário. Embora apenas os três últimos estão mais

próximo de um documentário animado (PENAFRIA; MARTINS, 2007).

Entre as tendências que se encontram os documentários animados destaca-se o fotorrealismo, que vai trabalhar imagens fotográficas desenvolvidas através da computação gráfica, bem como o modelo tradicional de animação, o qual utiliza os suportes digitais, buscando outras temáticas para atingir novos públicos. O cinema de animação autoral é realizado por produtores independentes, mas não possuem o mesmo tipo de incentivo econômico no mercado de animação (PENAFRIA; MARTINS, 2007).

De acordo com a definição que propomos Ryan pode ser considerado um documentário animado do segundo estilo, pois apresenta animação em toda extensão do filme, ou seja, a animação é o resultado final. O curta-metragem conta a história do animador Ryan Larkin que, após um imenso sucesso, tendo sido inclusive indicado para o Oscar da Animação com *Walking* (1968), tomou-se alcoólatra e viciado em cocaína (PENAFRIA; MARTINS, 2007, p. 104).

No final deste capítulo, a autora faz um estudo de caso sobre o documentário *Ryan* e sinaliza suas principais características que estão em conexão com seu estudo teórico, entre os tantos formatos que um documentário animado pode ter. Ademais, o documentário estudado trabalha as imagens de forma abstrata, entre os modos de representação este se

aproxima dos modos subjetivo e fantástico, também é caracterizado enquanto modelo de animação tradicional. Portanto, existem vários aspectos que caracterizam e configuram as estéticas digitais e tecnológicas utilizadas na construção do cinema. Nesse sentido, com essas inovações surgiram as primeiras experiências cinematográficas que impulsionaram as transformações nesse setor, que exercem desde sua origem até os dias atuais uma enorme influência no meio cultural a nível mundial.

## CONCLUSÃO

Este livro aborda as características que configuram o cinema a partir das inovações tecnológicas, também é possível perceber que existe uma forma dominante de cinema, mas ela não é a única, pois existem outros modelos de cinema que utilizam diferentes técnicas para sua produção. Em relação às imagens, elas passaram a ser mais sofisticadas e ganharam traços realistas. Logo, a televisão interactiva, com a chegada do digital e o uso da internet, impulsionou mais autonomia aos usuários, garantindo a interação com os programas televisivos. A narrativa é outro elemento importante na construção de uma obra audiovisual que pode ser linear ou multilinear, no caso da narrativa

interativa o espectador pode intervir no rumo da história. O gênero documentário animado possui diferentes formas estéticas e diferentes características que contribuem para a sua categorização.

Assim, o livro propõe uma análise bastante teórica e conceitual nos termos que surgem quando o assunto são as tecnologias presentes na indústria do cinema, que se consolidou por sua capacidade de influenciar a vida dos indivíduos através da linguagem utilizada. Hodiernamente, pode-se assistir as obras cinematográficas a partir de suportes diversificados, como a televisão, o celular, o computador, etc. A sala de cinema passou a dar espaço ao ambiente doméstico.

## RESENHA DO LIVRO

### **TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO: PESQUISAS E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS**

PEIXOTO, Gilmara Teixeira Barcelos;  
BATISTA, Silvia Cristina Freitas;  
AZEVEDO, Breno Fabrício Terra;  
MANSUR, André Fernando Ubére.  
**Tecnologias Digitais na Educação:  
Pesquisas e Práticas Pedagógicas.**  
Editora Essentia, Rio de Janeiro, 2015,  
164 páginas.

Por **Ednalva Ferreira da Silva**

Como que o uso da tecnologia em favor da educação pode ser um tema relevante na atualidade? Esta é uma das questões que serão debatidas no livro tecnologias digitais na educação pesquisas e práticas pedagógicas, que se trata de uma coletânea com nove artigos que mostram pesquisas ou experiências de criação, uso ou aperfeiçoamento de recursos digitais e midiáticos, com o objetivo de auxiliar ou melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Pois, com a evolução do processo tecnológico o trabalho pedagógico precisa estar

constantemente se atualizando. Segundo os autores, Freitas e Medeiros (2011, p. 7) para o século XXI precisaram de um professor que independente da área de atuação entenda sobre as tecnologias digitais disponíveis, e as observe como uma alternativa que pode ajudar nos ambientes educacionais, tendo em vista um bom uso das mesmas.

Os projetos foram pensados pelo Núcleo de Informática na Educação (NIE) do Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia Fluminense (IFFluminense) que foi criado em 2010 por professores doutores da área de informática com o objetivo de criar pesquisa aplicada ao processo de ensino e aprendizagem nas mais distintas áreas do conhecimento auxiliadas por tecnologia Digital (TD), bem como pensando em melhorar a formação de professores. As pesquisas são desenvolvidas com alunos de cursos da instituição, ou seja, as experiências descritas são vivenciadas por professores em formação que podem aprimorar seus conhecimentos a partir dessas vivências para futuramente recorrer às mesmas em sala de aula, umas experiências são através do aperfeiçoamento de uma TD outras são descritas a partir do uso de um recurso tecnológico já existente como veremos a seguir:

O primeiro capítulo inicia falando sobre o desenvolvimento tecnológico que está em curso desde a

chegada das primeiras tecnologias até os dias atuais, e como que elas podem ser interessantes para o processo de ensino e aprendizagem visto que se a sociedade e seus hábitos evoluem o trabalho pedagógico precisa encontrar meios em que consiga acompanhar o mesmo, para que isso aconteça se faz necessário que o professor independente da área em que atua tenha um conhecimento desses mecanismos e a partir disso o seu trabalho se torne ainda mais eficiente. Nesse contexto, o capítulo fala sobre a importância da informática na educação, apresenta o (NIE) desenvolvido pelo IFFluminense, suas linhas de pesquisa as várias áreas as quais são atuantes visando melhorar a formação e o trabalho dos docentes com a ajuda de TI, para evidenciar que o conteúdo deste livro é atual os autores trazem a partir da página 12 um relatório internacional onde é apontado alguns das tendências para o futuro nessa área, como também tecnologias emergentes que irão estar na sala de aula do ensino superior em pouco tempo, ele também apresenta seis desafios que estão relacionados ao uso de tecnologia no ensino superior.

Em relação às tendências uma delas seria agilidade para implementação de mudanças; que está relacionada a mudanças nas abordagens pedagógicas, nesta tendência o aluno iria desempenhar um espírito empresarial e se mostrar



mais atuante na resolução de problemas da sociedade, entre às seis tecnologias que foram listadas está a sala de aula invertida, que basicamente seria dividir o tempo de estudos, enquanto o aluno esteja na sala de aula ele iria estudar o conteúdo mais ativo uma aprendizagem mais coletiva e intensa já o tempo em que estivesse em casa o usuário poderia estudar com o apoio das ferramentas tecnológicas disponíveis como vídeos, plataformas de estudo, etc. assim o estudante pode organizar o seu tempo melhor e selecionar o que precisa aprender, A impressora 3 d que é uma opção mais econômica de trabalhar com protótipos, a intenção é que além de ser usado na área das exatas as outras áreas também façam o uso deles como modelos tridimensionais, e os assistentes virtuais que a partir das navegações do usuário ele vai aperfeiçoando sua inteligência artificial. O relatório listou ainda seis desafios que o público alvo enfrentaria com a chegada dessas tecnologias são eles: a baixa fluência digital, competição entre os modelos de educação, desenvolvimentos de inovações educacionais, aumento do acesso a um número crescente de estudantes e por último é manter uma educação relevante. Após nos familiarizarmos com o conteúdo proposto pelo livro fechamos o primeiro capítulo com uma breve apresentação dos demais capítulos que abordaram diferentes temas relacionados à informática no sistema educacional.

O segundo capítulo, mineração de dados textuais educacionais: experiências e perspectivas para a análise de postagens em fóruns de discussão apresentam um estudo cujo objetivo é usar esta ferramenta para entender melhor os anseios dos alunos principalmente os estudantes de EaD, pois pode fornecer de maneira mais objetiva informações relevantes sobre os alunos podendo assim melhorar as relações indiretas que existem entre o ambiente virtual e os usuários de acordo com Bassani e Behar (2006), ao fazer um mapeamento dos comentários nos fóruns de discussão acadêmicos o professor pode através dessa prática ter um critério avaliativo, pois ira auxiliar em vários aspectos entre eles o professor poderá avaliar o processo de construção do aluno visto que ele estará dialogando nos fóruns o educador ao ter acesso poderá observar o nível de entendimento do aluno, evidenciar se está acontecendo a troca de conhecimento coletivo entre os mesmos, pois existem alunos que aprendem discutindo o assunto.

Após a familiarização do tema o artigo apresenta a experiência com uma ferramenta chamada Minera fórum desenvolvido por Azevedo (2011) um “software” que pode captar os garfos nas mensagens de fóruns de discussão, ou seja, ele pode detectar as incoerências dos textos produzidos pelos alunos no fórum com isso o professor poderia criar



meios de amenizar esse problema. O texto apresenta ainda experiências com outras ferramentas como, por exemplo, affect Word mining que é usada para observar o de nível de relacionamento em ambientes virtuais de aprendizagem com o intuito de enfatizar a importância da interação e afetividade. De modo geral o capítulo fala sobre pesquisas relacionadas a mineração de dados textuais enfatizando a importância de se fazer esta prática de forma eficiente e com o uso das ferramentas adequadas para isso, para que após um processo como esse tanto professor como aluno saiam ganhando o educador pode usar a ferramenta para entender mais sobre os seus alunos e até ter um retorno do seu trabalho se está sendo eficaz ou não, os alunos ganhariam na questão de aprendizagem a partir da interação tendo em vista que na maioria das vezes o educador se sobrecarrega com a quantidade de turmas e de estudantes com isso fica difícil observar se seu trabalho está sendo bem realizado e os discentes nem sempre se sente à vontade para conversar sobre estes assuntos com o professor.

Para que os profissionais da educação consigam acompanhar o processo de globalização decorrente no mundo se faz necessário que eles estejam sempre se atualizando tendo em vista o avanço das tecnologias, para os que desejam trabalhar com os recursos digitais em sala de aula

como, por exemplo, celulares, “*tablets*”, notebooks, é importante que se conheça a área de tecnologia digital e entenda do assunto. O terceiro capítulo deste livro traz uma pesquisa sobre a importância da formação de professores que desejam trabalhar com as ferramentas digitais no contexto educacional. São muitos os desafios encontrados para se trabalhar em sala de aula com algo tão rotineiro entre os jovens de hoje como os dispositivos móveis, toda via é necessário saber escolher como será usado e para que pretende se usar, desde a escolha da ferramenta ao site ou aplicativo que se deseja trabalhar. Para analisar os pontos positivos e negativos de se trabalhar com essa realidade o texto apresenta estudos de casos onde alguns licenciados em matemática usaram tabletes como recurso pedagógico. O primeiro caso foi realizado na disciplina de geometria do quarto período que tinha como objetivo observar o entendimento dos participantes sobre a elaboração de mapas mentais no “*tablet*”, no segundo caso eles usaram plotadores gráficos para resolver geometricamente sistemas lineares, ele teve como objetivo a discussão dos estudantes sobre os plotadores gráficos dos aplicativos nesse, o terceiro caso foi usado um aplicativo chamado Geogebra para “*tablets*” androide e objetivou se desse estudo comparar esta versão coma versão para computadores.

Ao analisar os casos e os pontos favoráveis e dificuldade pode se observar que esse dispositivo móvel se destaca como uma ferramenta muito boa para ser usada no contexto educacional por ser de fácil manuseio e outras questões, porém os resultados também mostra que não adianta ter a mesma na sala de aula se o professor não está, preparado para trabalhar com ela, quando o professor se propõe a preparar uma aula com o auxílio de algo tão comum entre a maioria dos jovens ele precisa ter uma fundamentação pedagógica para determinada ação caso isso não ocorra à atividade pode ser frustrante no sentido de que os alunos perderiam o foco uma vez que na “internet” tem inúmeros atrativos, dessa forma entende ser que é necessária clareza quanto à utilização do “*tablet*” nesse aspecto.

O quarto capítulo é um artigo que fala sobre a construção de objetos de aprendizagem (OA) em ‘flash’ e HOTM5 a serviço dos professores de matemática, segundo Souza e Lopes (2015, p.57) “o uso de recursos pedagógicos na educação apresenta se como uma possibilidade para favorecer os processos de ensino e aprendizagem”, ou seja, de acordo com os autores algumas ferramentas, inclusive as tecnológicas podem ser usadas como um suporte pelos educadores em sala de aula. Este capítulo aborda questões sobre o histórico e definição do HOTM5 e a partir de sua

criação foi criando versões, além disso, o artigo apresenta experiências de produção de um objeto de aprendizagem que tem como objetivo trabalhar a matemática no ensino médio, descrevendo as etapas desde a elaboração, ou seja, a apresentação do HOTM5 até a implementação acessível, apresentando suas vantagens e desvantagens, e a proposta desse objeto de aprendizagem é que ele tenha ferramentas para dar acessibilidade aos deficientes visuais.

O texto descreve os passos usados para desenvolver este OA que vai desde a concepção do projeto, momento em que decidiu fazer um objeto de aprendizagem para ser comparada com o ‘flash’, versão já existente, a plantificação, nesta etapa utilizou se um mapa mental para que os participantes pudessem organizar as informações e as mídias, e a implementação, nessa etapa eles contaram com o auxílio de bibliotecas, e linguagens i é nessa parte do texto que eles descrevem como usar a ferramenta e por último a validação.

Na conclusão do projeto pode se observar que devido o sistema operacional da maioria dos dispositivos moveis que os participantes possuíam naquele momento, eram inferiores ao androide compatível para a ação, por tanto a implementação do OA em ‘flash’ é inviável na sala de aula isso se deve ao fato de que estes não tinham sido pensados para fins pedagógicos, é importante frisar a ideia de que os

alunos precisam estar com dispositivos preparados para essas ações, também por seu auto custo, a desigualdade econômica decorrente no mundo impossibilita alguns estudantes de terem acesso a algumas ferramentas que poderiam aprimorar seus conhecimentos, dessa forma se faz necessário uma análise maior sobre as vantagens e desvantagens do seu desenvolvimento em HTML5 e aprofundar os estudos em relação a sua viabilidade.

A educação a distância tem suas vantagens e uma dessas é a praticidade de se fazer um curso no horário em que se tem disponibilidade, porém uma das desvantagens é que a relação entre professor e aluno se torna muito distante, por isso o educador não consegue perceber se está acontecendo interesse por parte dos alunos para que se caso aconteça o professor ao observar isso possa mudar sua estratégia pedagógica. Na EaD, os professores e os alunos escolhem o meio tecnológico para a comunicação, dependendo da escolha essa comunicação pode acontecer assíncronica, dessa forma fica impossível de se perceber o interesse do aluno pelo conteúdo. O quinto capítulo deste livro fala sobre uma pesquisa que tem como objetivo buscar ferramentas que indiquem o interesse ou não do aluno pela aula a distância através de imagens capturadas nos ambientes de aulas virtuais.

A pesquisa contou com o auxílio de três ferramentas que capturaram e analisaram as imagens são elas wicframework, ela foi construída para capturar a imagem após isso direciona lá para um servidor compatível com esta função, a segunda quizwebcamXML com o objetivo de abrir o arquivo, extrair o máximo de informações possíveis para a montagem de um questionário com um gabarito e o terceiro artefato SQOA nele estão os dados armazenados dos alunos desde a obtenção das imagens, os questionários, o gabarito das possíveis respostas e seu histórico de usuário dessa forma fica mais fácil saber quais os gostos pessoais de cada usuário.

Além da descrição das ferramentas o texto apresenta como foi a utilização das mesmas, na prática, descrevendo uma experiência com alunos de três turmas diferentes do curso de administração do IFFluminense com base na experiência foi feita uma análise, para este trabalho a princípio a equipe realizou uma revisão literária sobre os movimentos corporais, gestuais e posturais, depois disso foram feitas as análises das imagens nessa parte os participantes buscaram identificar quais os movimentos dos alunos, os padrões comportamentais de um grupo de estudantes para saber o índice de satisfação ou não da turma. Este trabalho mostra que é possível avaliar o interesse do aluno pela aula através

do comportamento o que falta é interesse da parte dos professores e das instituições de saber sobre a satisfação ou não do aluno algumas instituições estão mais preocupadas em lucrar com as aulas EaD, por isso usam estratégias para atrair cada vez mais alunos por tanto são poucas as universidades que gostariam de saber aonde devem melhorar ou se estão satisfazendo as expectativas dos alunos.

Um dos papéis principais do educador é descobrir meios de melhorar o processo de aprendizagem dos alunos nesse sentido o sexto capítulo apresenta uma pesquisa relacionada ao uso de realidade aumentada e possibilidades de uso da mesma na educação com o objetivo de elevar o nível cultural e tecnológico dos alunos. O texto enfatiza as possibilidades do uso da realidade aumentada em favor da educação e para isso o trabalho apresenta alguns pontos importantes sobre a RA como o funcionamento e como ela pode ajudar na elevação do nível de percepção dos educandos para dar ênfase a esta questão, Macedo e Fernandes (2015) citaram Zorsal (2009, p.96) afirmando que “a realidade aumentada pode facilitar a visualização e manipulação do objeto de estudos reproduzindo os dados complexos sob a forma de objetos tridimensionais, permitindo, dessa forma, aumentar a capacidade de percepção do

usuário”, além disso, o texto apresenta algumas experiências de uso da RA na educação.

Entre esses exemplos estão, o ‘software’ MIRA que é um microscópio simulado em realidade aumentada que permite aos estudantes de EaD lêem virtualmente lamina microscópicas que até então era possível apenas em laboratório, o experimento de “oersted” que é uma aplicação de RA, construct 3D que pode ajudar na avaliação da eficácia de habilidades espaciais, entre outros. Em linhas gerais esse estudo mostra uma nova possibilidade de se trabalhar em sala de aula apresentando como a realidade aumentada funciona, o quanto ela está presente nas redes sociais, ou seja, não, é algo tão distante de nosso cotidiano e experiências de ‘softwares’ usados com a RA mostrando o quanto ela pode ajudar no processo de ensino e aprendizagem de vários cursos. Parando para observar existem alunos que talvez perca muito tempo nas redes sociais e ao usar ferramenta percebe que uma aula auxiliada com a RA apresentaria outras realidades para ele e isso tornaria o momento muito mais produtivo.

O sétimo capítulo intitulado agentes conversacionais apresenta métodos e ferramentas para aprimorar o agente conversacional chamado Blaze, além disso, o texto fala sobre a criação de sistemas tutoriais inteligentes desde os anos



1980 e que no decorrer do tempo as técnicas foram melhorando em relação à inteligência artificial uma delas foi a criação do projeto inovador chamado A.L.I.C.E este projeto é baseado num modelo de estímulo que seria a entrada do usuário e resposta do usuário foi essa experiência que levou a escolha do aprimoramento do agente conversacional em questão, chamado Blaze.

O texto mostra como foi o desenvolvimento do projeto que além de aperfeiçoar a ferramenta fala sobre sua interação com o Google uma vez que o agente está limitado a “internet” inclusive este seria um ponto negativo nos resultados desse projeto, em linhas gerais o Blaze usa uma inteligência que é armazenada a partir de conteúdos extraídos de um lugar para ele, que no caso o responsável pelo seu aperfeiçoamento irá disponibilizar vale ressaltar que como experiência apresentou pontos a ser melhorado o autor aponta pesquisas futuras com o objetivo de melhorar agentes conversacionais e ferramentas.

O oitavo capítulo apresenta questões sobre a evolução do pensamento contemporâneo com uma sociedade que se caracteriza por partilharem os mesmos problemas ao nível global independente que estejam em lugares diferentes, e suas reflexões que fundamentou o artigo no qual fala sobre os ambientes virtuais e redes sociais (RDS) e sua complexidade

na educação, por mais que o uso das RDS sejam algo rotineiro entre a sociedade do século XXI, o uso desses ambientes em favor do processo educativo exige um cuidado maior por parte do professor que deseje trabalhar com ela, diante dessa questão o texto traz reflexões sobre a forma de usar essas tecnologias computacionais aplicadas ao ambiente de aprendizagem.

Falando sobre alguns desafios da educação na sociedade contemporânea poderíamos destacar a separação das culturas humanista se concentra nas questões filosóficas e a cientista que separa as áreas de conhecimento. Diante desse contexto um dos problemas encontrados pela educação contemporânea é reorganizar o saber, além disso, reduzir o abismo que existe entre os dois saberes para que assim tenhamos melhorias no processo educacional. O texto mostra que as redes sociais digitais poderiam ajudar a solucionar esses problemas de abismo tendo em vista que a sociedade contemporânea faz uso dessa ferramenta, dessa forma entende ser que ao fazer um ambiente de aprendizagem nas redes sociais teria um alcance de usuário maior, um dos exemplos apresentados pelo texto foi o RESA um ambiente open source e de graça desenvolvido por Uébe Mansur (2011) com o objetivo de ser usado por estagiários do curso de



administração os ajudou nas atividades e provar as novas ferramentas da rede social digital.

Diante dessas questões poderíamos refletir sobre a importância de ser ter no século XXI as RSD associadas ao processo educativo uma vez que elas conseguem ter um alcance de usuários maior com isso os conteúdos propostos a serem trabalhados chegariam aos estudantes mais dispersos, bem como pensar metodologias pedagógicas para se trabalhar com as mesmas uma vez que as tecnologias avançam a cada dia e o professor precisa acompanhá-las, vale ressaltar que um papel do professor é pensar a formação de seus alunos para o presente tecnológico em que estamos vivendo bem como prepará-los para as mudanças que ocorrem mundialmente.

No nono capítulo os autores refletem sobre a importância das tecnologias digitais na educação sobre tudo na área da matemática. Entende-se que um dos questionamentos feitos por professores que são contra o uso das tecnologias digitais na educação é que talvez alguma habilidade dos alunos possa atrofiar como a agilidade em memorizar fórmulas já os que usam falam sobre os benefícios que esta ferramenta pode trazer para o aluno, porém pode-se dizer que a eficácia das aulas com o uso de tecnologia digital se faz através de uma boa utilização da mesma considerando

a formação dos professores e o entendimento de como os alunos podem usar.

O artigo descreve algumas experiências nesse sentido uma delas foi experimentando e analisando as tecnologias digitais na área da matemática e a segunda uma investigação sobre o uso dessas em práticas pedagógicas no ensino médio a partir disso foram feitas algumas reflexões sobre a viabilidade ou não. Nessas reflexões fica claro a importância dessas ferramentas e como elas podem ajudar principalmente nas linguagens gráficas, além disso, as autoras falam sobre uma pesquisa europeia que mostra o interesse ainda maior dos alunos quando a aula é usando um computador.

É importante que se entenda sobre o uso de tecnologias digitais na educação, essa questão é pertinente nos dias atuais tendo em vista que vivemos um período de pandemia, o sistema educacional na totalidade precisou se reinventar para criar meios de continuar suas atividades sem dúvida as tecnologias digitais se mostrou ainda mais importante no processo educacional toda via são muito os obstáculos que os brasileiros enfrentam para acompanhar as aulas nesse período, um dos principais é a desigualdade social existente no nosso país onde muitas pessoas não têm condições econômicas para continuar acompanhando as aulas.

O texto contribuiu e muito para as questões atuais mostrando como que o uso dessas tecnologias pode ser viável no que diz respeito ao processo educacional se aliado a uma formação profissional adequada dos professores e a programas que resolva os impactos dessa desigualdade econômica, mesmo sabendo que existem alguns programas governamentais que a sua proposta na teoria é diminuir essa desigualdade, o que se pode observar na rotina dos brasileiros é que essa assistência não chega a todos e em outros casos essa ajuda acaba indo para quem não precisa e fazem um mau uso dela, como sugestão poderíamos citar uma investigação minuciosa nesta área para ver quem realmente necessita a criação de políticas pública que garantam a formação continuada de professores para trabalharem com essas ferramentas, cursos de profissionalização para essas famílias deixarem de depender dos programas sociais e geração de emprego para que essas famílias possam trabalhar e ter sua própria renda.

## REFERÊNCIAS

AZEVEDO. B. F. T. **MineraFórum**: um recurso de apoio para a análise qualitativa em fóruns de discussão. 2011. Tese (Doutorado em informática na educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, RS, 2011.

BASSANI. P. S.; BEHAR, P. A. **Análise das interações em ambientes virtuais de aprendizagem**: uma possibilidade para avaliação da aprendizagem em EaD. Revista Novas Tecnologias na Educação – RENOTE, Porto Alegre, V.4, n. 1, 2006.

FREITAS, M.T. DE A.; MEDEIROS, S. A. L. **Deslizando na tela das imagens técnicas**: a magia da docência na experiência do aprendizado. In: FREITAS, M.T. DE A. (Org.). Escola, tecnologias digitais e cinema. Juiz de fora: Editora UFJF, 2011. P.17 a 34.

SOUZA, Leandro pires; LOPES, Arilise Moraes de Almeida. **As etapas na construção de objetos de aprendizagem em flash e HTML5 a serviço dos professores de matemática para apoiar ações do ensino e aprendizagem**. Editora Essentia. 2015. Campos dos Goytacazes, Rio de janeiro, 22 páginas.

UÉBE MANSUR, A. F. **Percursos Metodológicos a Complexidade em ambientes de Aprendizagem em Rede**: Uma Proposta a Rede de Saberes Coletivos (ReSa) em Curso de Administração. 2011. Tese (Doutorado em Informática na Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Sul UFRGS, Porto Alegre, 2011.

ZORSAL, E. R. **Estratégia para o Desenvolvimento de Aplicações Adaptativas de Visualização de Informações com Realidade Aumentada**. 2009. Tese (Doutorado em Engenharia Elétrica) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, 2009.

RESENHA DO LIVRO

## **PEDAGOGIA DO BOM SENSO**

FREINET, Célestin. **Pedagogia do Bom Senso**.  
7ª edição. São Paulo. Martins Fontes. 2004.

Por **Mônica Alves Feitosa**

O autor Célestin Freinet escreveu o livro Pedagogia do Bom Senso, com o intuito de nos mostrar que as leis da vida são para todos os seres. Ele utilizou como base as experiências dos homens, das crianças, dos animais e apresentou como exemplo as pessoas sensatas de todos os tempos e raça. O livro tem um contexto bem complexo, explica as regras da vida da pedagogia do bom senso em: Uma pedagogia de bom senso – Fazer brilhar o sol – O trabalho que ilumina – A pedagogia de casaca – Nunca largue as mãos – Os que andam sobre as mãos – Uma profissão que é formula de vida – E a luz se fez, e ao longo de ler cada capítulo Célesttin espera que manifeste a dúvida nos pais e educadores, se a educação está sendo aplicada com os fundamentos que abrange a nossa pedagogia.

## UMA PEDAGOGIA DE BOM SENSO

No capítulo *“Uma pedagogia de bom senso”*, o autor fala como podemos obter os elementos que se precisa para se aprofundar na sua pedagogia, e cita que é preciso ter alguma base como referência. Neste capítulo ele dá como exemplo o caçador e cão, ele destaca que, um bom aprendiz não pode se prender em aprendizagens prematuras, isto pode lhe desencorajar, e causar danos no seu futuro, é certo que todos temos que estudar, mas sabendo obter limite, sem descartar a sua responsabilidade, podendo usar como exemplo uma pessoa que lhe motive e de contínuo o seu propósito, “Se fôssemos procurar assim, na tradição popular, as práticas milenares do comportamento dos homens na educação dos animais, estaríamos em condições de escrever o mais simples e o mais seguro de todos os tratados de pedagogia”(FREINET, 2004, p. 11). Assim seria uma prática simples e segura de aprender e compreender a sua pedagogia. Aqueles que obtêm mais sabedoria e experiência guardam os verdadeiros segredos e conquista, para orientar os novos aprendiz da pedagogia, mas se as leis não fossem traçadas com falsos interesse as leis seria mais clara e compreensiva para ser aplicada.

Segundo Freinet:

Não cabe a mim dizer-lhe como você poderá descobrir e ensinar essas leis naturais e universais que lhe abrirão depressa, e definitivamente, as leis do Conhecimento e da Humanidade. O que eu sei é que elas existem e que aqueles que as possuem têm todos o mesmo ar de sabedoria e de segurança, de calma e de simplicidade, e de generosidade também, que vemos no rosto dos velhos pastores, nas mãos intuitivas dos curandeiros, nos olhos profundos do sábio, nas decisões e na ação dos militantes devotados, nas palavras dos sensatos... e na espantosa confiança das crianças na aurora da vida (FREINET, 2004, p. 13).

Assim sendo, para educar nem sempre é preciso uma formação acadêmica, é fato que um bom educador tem na sua essência a sabedoria ensinada pelos mais sábios e a simplicidade que cativam as crianças, calma e confiança para nos sentir seguro naquilo que queremos exercer.

Podemos dizer que todos os educadores exercem um bom trabalho? Há muitos educadores que tem o seu diploma acadêmico, mas não sabem passar nenhum conteúdo para seus alunos, mas há educadores que não tem nenhum diploma, e ensina com os conhecimentos que a humanidade lhe formou, tendo um ótimo desempenho com seus alunos. Sendo assim para ser um bom educador, é preciso ter a formação na vida e a formação acadêmica, para semear uma boa educação de qualidade.



## FAZER BRILHAR O SOL

Neste capítulo o autor fala que um bom profissional tem que está sempre atualizado, pois quem não acompanha a modernidade e bem difícil se manter no mercado de trabalho, temos que está estudando se inovando para não termos surpresas no futuro. Portanto, não podem educar de forma domesticada, tem que ensinar as crianças a evoluir, instruir a conquistar cada fase na sua vida, sem deixar se acomodar, pois os pais tem que encorajar as suas crianças para formar adultos evoluídos, para não se oprimir aqueles que foram domesticados.

Na educação há muitos educadores que seguem projetos que não estimulam o aluno, sendo assim, trabalho perdido para o educador, mas se ele souber despertar no aluno o incentivo de conhecimento, que seja por vontade dele e não por obrigação, o nível de aprendizagem desse aluno será evoluído e passara a obter um bom ensino pedagógico. O educador tem que passar para os alunos confiança e que está seguro naquilo que está transmitindo, desta forma, o aluno também se sentirá confiante e terá um melhor desempenho. E todos saem ganhando.

## O TRABALHO QUE ILUMINA

Neste capítulo Célestin fala de uma geração que não dá a possibilidade aos educadores de trilhar o seu próprio caminho, são praticamente induzidos a se submeter aos comandos dos seus superiores, uma geração destinada à clandestinidade. Assim, o educador admite que não é capaz, que não tem potencial de ultrapassar as fronteiras da vida. Celestin afirma que o educador tem que ser fortes e ascender a energia de conhecimento que tem dentro de cada criança e dele próprio, desta maneira, conseguimos certa liberdade e não somos mais obrigados ao servilismo e aos comandos fúteis de superiores. Trabalhar em escola que só oprime o educador, ofuscando os seus conhecimentos, não dará um bom rendimento, daí se inicia uma perturbação e o rendimento de aprendizagem passa a ser reduzido, desencorajando o educador e o aluno, nós educadores temos que acreditar que somos capazes de se dedicar a uma boa pedagogia e trilhar um horizonte de conhecimento abrindo a porta dos seus alunos para o amanhã.

## A PEDAGOGIA DE CASACA

Este capítulo aborda um tipo de educação domesticada. Esse tipo de educação é aplicada e conduzida, pode-se se usar a expressão: no cabresto. “simplesmente”,

silenciam a sua fala, tampam os seus olhos, fecham as janelas e trancam as portas. Tudo isso com o objetivo de semear uma dúvida nos educadores: se estão sabendo passar uma educação verdadeira e libertadora. Agindo assim, não deixam as crianças abrirem as portas que lhe darão o incentivo de conquistar a sua liberdade de expressão. Não admita que a educação seja domesticada, não se omita, não se sujeite a ser explorado. Abra a sua porta e corra para a liberdade, tenha consigo a sua essência natural e o alimento de conhecimento com a fome de se tornar um bom educador, para não ser, no futuro, um educador com falso diploma.

Pois, “a moeda falsa aparece por toda parte, e, quanto mais suspeita, mais se paramenta de títulos e recomendações, de capas flamejante e de ruidoso reclamo” (FREINET, 2004, p. 43). Há muitos educadores formados que exibem os seus diplomas, mas não por ser sua profissão desejada, mas sim o que os governantes impõem, há também aqueles que compram o seu diploma, por preção da sociedade ou por considerar a educação uma profissão fútil, que pode ser administrada por um qualquer, assim se engaja mais um educador no meio acadêmico pedagógico, para exercer um trabalho sem entusiasmo e honestidade pela educação.

## NUNCA LARGUE AS MÃOS

Neste capítulo o autor fala que todos tem a capacidade de evoluir profissionalmente, na pedagogia é do mesmo modo, mas é preciso você saber se impor firmemente, para dá o próximo passo na sua profissão, garantindo que terminou uma fase para iniciar outra, pois se você não for firme, para exercer o que é de seu direito, você chega no cargo superior, mas com os compromissos que você tinha desde o início, um trabalho que os educadores tem que passar para seus alunos, seja capaz de realizar com competência o seu trabalho, e não deixe lhe sobrecarregar, e nem faça o mesmo, um trabalho com uma boa equipe só tem bons resultados.

Um bom pedagogo tem que preparar seus alunos para as novidades que eles vão ter no futuro, uma criança quando é curiosa desde pequena, e nos seus estudos o seu educador souber despertar o incentivo para o novos conhecimentos, essa criança quando se tornar homem não vai se comparar, ou ter medo da capacidade do robô, pois ele saberá que foi o homem que o criou, e terá a segurança que, foi a ciência do homem que construiu a máquina, sem esquecer das essências de outros tão grandes homens de outras épocas e outros conhecimentos.

## OS QUE ANDAM SOBRE AS MÃOS

É bem normal vermos as crianças ser induzidas pelos pais e educadores a andarem com as mãos, “o mais grave é acharem que são eles que caminham normalmente. Se lhes disserem, e provarmos, que avançamos mais depressa e seguramente ao respeitamos as regras normais da natureza humana” (FREINET, 2004, p. 62). Os educadores que ensinam os seus alunos a andar com as mãos, estão formando homens limitados, mas quando o ensino se inicia andando com as mãos e termina com o andar dos pés, esse educador estará traçando um ensino de qualidade para seus alunos.

Quando o autor cita “será a escola caserna ou canteiro de obras”? Ele faz referência aqueles profissionais que trabalham apenas pelo salário ou porque não acharam algo melhor para se dedicar. Esses profissionais trabalham desestimulados e não lecionam com a ética que foram instruídos em sua graduação. Agindo assim, esses profissionais, não transmitem confiança, não conseguem passar um ensino de qualidade e não estimulam seus alunos como deveriam, pelo contrário, cortam suas asas, fazem os alunos se sentirem incapazes e desacreditados de si mesmo.

Desta maneira tanto o rendimento da escola, quanto dos alunos diminuirá.

O educador pedagogo tem que semear nos seus alunos a vontade de conhecer o mundo ou o que está ao seu redor, “A semente é delicada, e é preciso uma camada quente e delgada, nem rica nem pobre demais... E uma terra fofa, para o broto subir à vontade para o ar e o sol”. (FREINET, 2004, p. 68). Ele diz que as crianças ou alunos tem que ser ensinadas com entusiasmo e atenção, lhe incentivando para o progresso, desta forma o aluno vai ter concluído cada etapa nos seus estudos e caminhará para outros horizontes. Assim, não é fácil ser um educador, exercer o trabalho de professor que envolve a disciplina e a educação, não é tarefa fácil de conduzir, principalmente nessa sociedade escolar em que estamos inseridos, onde o professor não tem mais o respeito profissionalmente, nem dos seus alunos e nem dos pais, e fica praticamente de mãos atadas para algumas situações. É um trabalho que exige muito esforço e dedicação.

Segundo Freinet:

Arregace as mangas para trabalhar com as crianças. Deixe de dar ordens e castigar, atire-se ao trabalho com os alunos. Não tenha medo de sujar as mãos, de se machucar com uma martelada, de hesitar nos casos em que a criança mais viva (FREINET, 2004, p. 68).



Está citação, claramente, chama atenção dos professores para se entregarem ao trabalho escolar de corpo e alma com seus alunos; chama atenção para serem mais atenciosos, rompendo a barreira que existe entre professor e aluno, conhecendo eles melhor e se permitindo aprender com eles; se adequando a cada turma de maneira distinta, pois cada turma tem suas particularidades; ao invés de ficar histérico, dando ordens ou colocando de castigo, trabalhem junto com seus alunos, cativem a criatividade deles e saiam da mesmice, dando asas à imaginação e incentivando os sonhos.

### **UMA PROFISSÃO QUE É FÓRMULA DE VIDA**

Um professor iniciante tem aquele entusiasmo pela sua profissão e tem o prazer de ensinar, mas ser professor é um trabalho que ao decorrer do tempo se torna uma profissão desgastante, tem mais exploração do que estímulo, há admiração e o brilho do educador vai se ofuscando, e como ele vai despertar o gosto de aprender para seus alunos.

(...) E, sobretudo, seria necessário lembrar aos pais e aos professores que um educador que já não tem gosto pelo trabalho é um escravo do ganha-pão. E que um escravo não poderia preparar homens livres e ousados; que você não pode preparar os alunos para construir, amanhã, o mundo dos seus sonhos, se você já não acredita nesta vida; que você não poderá mostrar-lhes o caminho se permanecer sentado,

cansado e desanimado, na encruzilhada dos caminhos (FREINET, 2004. p. 79).

Logo, não tem como uma pessoa que não acredita mais em sonhos, não acredita na vida e nas suas conquistas, ser capaz de levar isso para a sala de aula e preparar seus alunos para a vida. Como ele será capaz de incentivar esses alunos a nunca desistirem, a seguir seus sonhos, a não desistir no primeiro obstáculo que encontrarem? Será uma missão impossível. Pois, provavelmente, ele irá fracassar por ter se tornado um escravo do trabalho, talvez ele corte as asas de seus alunos, os reprimindo. Por ser frustrado em tudo o que faz na vida, tentará mostrar-lhes que aquilo em que acreditam não passa de ilusão, pois como aconteceu com ele, acredita que também acontecerá com seus alunos. Esse professor se tornará um pedagogo amargo. Sempre tentando passar essa negatividade para seus alunos, deixando-os sem perspectiva de vida.

O professor aprendiz tem uma desenvoltura e uma sede de criar projetos para seus alunos, que poderá dar bons resultados, mas ele indica todos os materiais que serão necessários usar deixando tudo ao alcance dos seus alunos.

Segundo Freinet:



Muito bem, mas em que se transformarão os meloeiros, quando tiverem utilizado o adubo generoso, ou quando aparecer a seca? Você os verá então definhando e se estiolando antes de darem frutos, pois habituados a viver preguiçosamente com o que você lhes dava, não podem, por si mesmos, enfrentar as complexidades da vida (FREINET, 2004, p. 81).

Portanto, um educador tem que ter projetos, mas que passe para seus alunos as dificuldades e os problemas, assim estimulam os seus alunos a desenvolver idéias, para obter o resultado positivo, desta forma esses alunos saberão enfrentar as dificuldades na vida.

Segundo Freinet:

Temos de acreditar que a máquina humana é muito mais complexa e delicada do que os mais engenhosos mecanismos dos especialistas, pois os próprios professores de psicologia e de pedagogia são aprendizes que não descobriram ainda os verdadeiros segredos de uma ciência que os ultrapassa. Também eles, quando se encontram diante dos verdadeiros problemas da vida, diante de crianças difíceis de manejar, diante dos atrasados e anormais, numa classe heterogênea a ser conduzida e orientada, tateiam como nós, num êxito igualmente relativo (FREINET, 2004, p. 86).

Certamente, é o educador que trilha o caminho de cada aluno, sendo assim os grandes cérebros inteligentes que conseguem construir máquinas inovadoras, com o poder de

esclarecer os problemas mais complicados, por trás das grandes máquinas estão os educadores que tem a perspectiva do progresso e da liberdade.

## E A LUZ SE FEZ

É o tempo de reivindicar pais e professores com o propósito de melhorias, exigir dos parlamentares os direitos de uma boa infraestrutura escolar e pedagógica para os alunos, e os educadores capacitem de bons investimentos e planejamentos para proporcionar aos seus alunos um estudo produtivo e competente.

Segundo Freinet:

Então, que se levantem vozes reivindicando, a favor da grande obra de educação, as regras de higiene e de salubridade previstas para fábricas, armazéns, animais de rendimento e pomares férteis! Que se organizem comissões de inquérito de pais, de educadores, de parlamentares, a fim de estudarem objetivamente as necessidades das escolas do povo, para, no ano de 1959, a criança ter as atenções que se reservam ao lucro, ao animal de luxo, à árvore produtiva (FREINET, 2004, p. 88).

O autor tenta chamar atenção para que as pessoas que tem poder em suas mãos, pode-se dizer que serão mais fáceis de serem ouvidas, que falem, não fiquem calados. E lutem para que seus filhos tenham uma educação de

qualidade. Fazendo, assim, com que os educadores exerçam suas profissões com amor e dedicação para que as crianças tenham uma educação inovadora. Pois, cada criança tem dentro de si uma alegria e a necessidade de aprender, certamente são os educadores que irão trilhar o caminho que essas crianças provavelmente vão seguir, portanto não é uma tarefa fácil, mas, todo educador tem que conserva a essência de cada criança, sendo assim contribuindo para uma caminhada com menos obstáculo e bloqueio, à deixando amparada, mas sempre lhe incentivando a trilhar caminhos que à permita conhece de forma inovadora o que irá encontrar à diante.

O autor certamente questiona que, olhem mais para as crianças, enxergue os valores que elas têm, que consigam compreender e entender a necessidade de cada uma. Pois, é fundamental que essas crianças queiram ser ouvidas, vistas e notadas por seus pais e educadores, essas crianças carecem de seus educadores, da sua voz, do seu olhar e da sua atenção. Dentre enumeras razões à criança precisa sentir que não está sozinha, e se sentir acolhida na sua família e na sua escola.

## RESENHA DO LIVRO

### **A FORMAÇÃO DAS ALMAS: O IMAGINÁRIO DA REPÚBLICA NO BRASIL**

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

*Por Ivandro Batista de Queiroz*

Este livro é fundamental para a compreensão do pensamento político que nasce com a República. O autor é um renomado historiador, doutor em ciência política, portanto, tece uma análise que vislumbra a construção de um imaginário republicano no embate com o regime monarquista, para a criação de mitos, heróis e símbolos do novo regime; e que embora trate-se do momento histórico da transição da Monarquia para a República, deixou marcas indelévels no pensamento político brasileiro ao longo dos séculos. Na visão do autor, a proclamação da República foi uma manobra, encabeçada pelos militares e com o apoio de republicanos

históricos, que deixou o povo em geral à margem da participação.

O autor descreve o contexto social do final do Império do Brasil sob o estigma da desigualdade, sociedade rígida e hierarquizada, na qual o problema da escravidão não foi resolvido; e as classes médias urbanas pressionavam por participação política e econômica. Dentro do cenário de crises do Império brasileiro, nos anos finais de 1880, as mais graves eram: as insatisfações dos fazendeiros pela não indenização dos seus ex-escravos perdidos com a abolição e a insatisfação dos militares com as decisões imperiais. Aliada a esse clima de insatisfação, estava a propaganda republicana nos jornais da capital do Rio de Janeiro e das outras províncias, que por exemplo, inflavam as animosidades dos militares contra o governo imperial (utilizando até mesmo de boatos).

Através da leitura podemos nos reportar a assuntos e problemas atuais na vida política brasileira: influência dos militares, autoritarismo e participação popular, o papel do Estado, a construção de um novo regime e seus símbolos, o problema da cidadania no Brasil, o paternalismo, golpes de Estado e negociações, as ideologias e as tramas do poder, etc. A influência das diversas ideologias políticas importadas, entre as quais cabe destacar o positivismo, que durante muito

tempo influenciou grupos civis e militares, como melhor proposta para a construção de uma sociedade e identidades nacionais. Podemos assim revelar acontecimentos, que fazem parte do percurso de nossa frágil democracia brasileira, em meio a brigas de grupos pelo poder.

De acordo com o autor, a República como projeto político, trouxe importadas três ideologias:

Havia no Brasil pelo menos três correntes que disputavam a definição da natureza do novo regime: o liberalismo à americana, o jacobinismo à francesa e o positivismo. As três correntes combateram-se intensamente nos anos iniciais da República, até a vitória da primeira delas, por volta da virada do século (CARVALHO, 2017, p. 9).

Logo após o golpe militar que instalou a República, essas três ideologias disputaram espaço para a organização do novo Estado republicano. O liberalismo americano tinha como ideal o modelo federativo dos Estados Unidos, os valores liberais do capitalismo e o individualismo como forma de atuação política e social. O jacobinismo foi o ideal de soberania popular e ampla participação oriundo das ações da Revolução Francesa, tendo a França como referencial político e cultural. O positivismo, também originário da França, se insere no contexto das ideias surgidas no século XIX, tais como o materialismo e evolucionismo, foi formulada por Augusto Comte e previa uma sociedade conservadora, sem

conflitos de classe e tendo como base a convivência comunitária na família e na pátria.

Depois do golpe militar de 15 de novembro de 1889, era necessário construir um imaginário popular do novo regime, seus símbolos, seus mitos e criar uma origem. Essas três ideologias serviram de base para o pensamento político republicano de reconstrução da nova Nação. O liberalismo americano apesar de vencer como modelo ideal parece ter sido o que menos referência teve na nossa realidade social, marcada pela escravidão e burocracia estatal. O liberalismo americano era baseado na livre iniciativa, na ausência de um espírito de solidariedade e de identidade coletiva, mas que por outro lado conservou instituições republicanas fortes que não se corromperam. Nos EUA a República resumiu-se aos *founding fathers* (pais fundadores), a instituições fortes e equilibradas, mas na qual havia uma ausência de um sentimento de identidade nacional.

O Brasil republicano seguiu esse modelo à risca e adotou o nome de República dos Estados Unidos do Brasil e a primeira bandeira foi uma cópia da americana, mudando apenas as cores! Esse modelo, apesar de vencedor, não trouxe soluções para os problemas iniciais da República (tal como a identidade nacional); e dentro desse conjunto de ideias do liberalismo nos levou a uma febre de especulação

financeira e enriquecimento rápido, com emissão de títulos e moeda (encilhamento).

As outras ideologias não foram as vencedoras, mas empoaram amplos setores da sociedade. A ideologia jacobina era a mais radical de todas e pretendia ampla participação popular, aos moldes da Revolução Francesa de 1789. Alguns jornalistas, intelectuais, escritores e republicanos históricos defendiam essa corrente, a exemplo do conferencista Silva Jardim, que defendia a decapitação do Conde D'Eu e a república através da revolução. O autor refere-se a essa ideologia como sendo a mais farta em símbolos e referências: a bandeira francesa, a Marselhesa, o barrete frígio, a mulher como símbolo da República, e muitas outras mudanças promovidas pela Revolução Francesa que chegou até a mudar o calendário. Uma ideologia farta de símbolos, porém muito radical na medida em que abria à participação popular, o que não interessava à elite governante.

O positivismo foi uma ideologia marcante no Brasil e no mundo durante o século XIX, influenciando todas as ciências. Novamente a França é o modelo e ideal de civilização, de onde vinham as ideias de Auguste Comte. No aspecto político o positivismo mostrou-se bastante conservador, pois postulava uma "participação restrita" dos



cidadãos, que deveriam participar através de círculos de convivência como a família, a pátria e a humanidade. Em favor da Pátria os indivíduos deveriam empreender todos os esforços. O Estado deveria regular as relações entre as classes e dirimir os conflitos. A República seria o estágio mais avançado de civilização. A ditadura republicana seria uma estratégia de fazer as reformas “do alto”, sem revolução, baseado na ordem. Essa ideologia teve muitos adeptos entre os republicanos (e até integrantes do governo republicano) e parecia mais uma seita religiosa. Por seu apelo à ordem, hierarquia e conservadorismo, captou muitos adeptos entre os militares, apesar de em alguns pontos essa união ser contraditória.

Estes debates ficaram restritos à elite letrada, aos intelectuais e burocratas do novo regime. Mas e o povo? O povo que desde o início foi mantido afastado e sob controle, precisava agora ser convencido da legitimidade do novo regime. E nesse ponto concordo com o autor quando diz que para legitimar um regime é necessário *“atingir não só a cabeça, mas de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo”* (p.11). Isso significa que um novo regime não se legitima com base na força apenas, mas também no imaginário, nos símbolos compartilhados. Com esse intento, o novo regime produziu

telas de quadros, caricaturas em jornais com a República como uma mulher, novos mitos como Tiradentes e outros mais que tentaram substituir os símbolos monarquistas.

Em 1888 deu-se a abolição definitiva da escravidão. Em grande medida os abolicionistas estavam ligados às ideias republicanas. Mas na verdade, a Monarquia tomou essa medida quando viu a ordem social ameaçada pela fuga em massa em algumas províncias, como São Paulo. A abolição deu um golpe de misericórdia na combalida Monarquia, pois os fazendeiros (com grande representação política) passaram a participar dos clubs e partidos republicanos. Um grande exemplo é o Partido Republicano Paulista (PRP), visto como um dos mais organizados e combativos, que participaram do manifesto de 1870, defendiam o liberalismo e o federalismo.

Mesmo assim, com a adesão das ideias republicanas, e o abolicionismo, a Monarquia ainda gozava de popularidade e isso se devia à figura do Imperador D. Pedro II: “Se o governo imperial contava com simpatias populares, inclusive da população negra, era isso devido antes ao simbolismo da figura paternal do rei do que à participação real dessa população na vida política do país (CARVALHO, 2017, p.25). A Monarquia brasileira gozava de popularidade, principalmente o velho imperador na capital, mas isso se dava graças a um populismo em torno de sua figura e depois em

torno da princesa Isabel, e não de uma real participação política da população. A grande maioria da população não sabia ler e também não tinha direito ao voto.

Temos aqui um velho conhecido da política brasileira: o paternalismo ou um populismo sob outra roupagem. Esse mesmo populismo foi recorrente na história do Brasil, e acabava por desviar das ideias políticas, das instituições, para focar na construção de personagens políticos. Fez parte da história política no Brasil a prática do populismo, de endear pessoas em detrimento das ideologias e das instituições. Outro grande exemplo de política populista foi Getúlio Vargas, guardadas as devidas diferenças históricas. Mesmo tendo um governo estável de quase cinquenta anos no poder, o governo imperial não conseguiu dar direitos de cidadania a seus súditos. Com a reforma eleitoral de 1881, instituiu-se a eleição direta e o contingente eleitoral diminuiu de 10% para 1% da população brasileira na época (de um total populacional de 14 milhões), dando esse direito apenas àqueles que sabiam ler.

O fato é que, à época da proclamação da República, o peso da tradição monarquista ainda era grande e este ato político deu-se como um golpe, em que os militares mobilizaram cerca de 600 (seiscentos) soldados no campo de Santana e depois o ato foi legitimado pela Câmara municipal do Rio de Janeiro, então capital. O que fazer a seguir se o

novo regime não tinha símbolos? Nas comemorações usou-se de empréstimo o hino da Marselhesa francês e a bandeira do Clube Lopes Trovão (que era um simulacro da bandeira dos EUA). Depois de pouco tempo, os dois símbolos antigos (hino nacional e bandeira) foram reaproveitados e modificados pelo regime republicano.

O livro aborda muito a questão da legitimação do novo regime através de seus símbolos, que seriam mais aceitáveis para uma população em sua grande maioria de não leitores. Até um certo ponto a República foi um projeto de poder e revanche dos militares contra o desprestígio que vinham sofrendo no governo imperial. Mas para a proclamação teve muito apoio de republicanos históricos, ou seja, aqueles republicanos de longa data que estavam na campanha republicana desde o manifesto de 1870. Contudo, os militares não se restringiram ao papel de ser “bucha de canhão” dos eventos e, como em vários momentos da história do Brasil, colocam-se como paladinos da moralização e condutores dos destinos políticos do país. Até hoje, essa interferência é questionável e muito atual, na medida em que abre um debate constitucional sobre o papel das Forças Armadas no Brasil.

Sobre os militares e sua interferência na proclamação da República, o autor assim refere:

Esse grupo não tinha visão elaborada da república, buscava apenas posição de maior prestígio e poder, a que julgava ter o Exército direito após o esforço de guerra contra o Paraguai. A elite política imperial, apesar de muitas indicações de insatisfação militar, não abriu mão de seu civilismo, de sua crença na necessidade do predomínio da autoridade civil (CARVALHO,2017, p. 41).

Algumas inferências podemos retirar do texto e do contexto histórico sobre os militares: o interesse deles era mais corporativo do que a transformação nacional e que não tinham um projeto ideológico de República. Apesar de tomar por empréstimo as ideias positivistas, que entravam em choque com os princípios militares. Após a proclamação, alguns líderes do movimento foram tomados como mitos e seus papéis foram construídos no imaginário popular, principalmente pelos grupos que os defendiam. Assim, Benjamin Constant foi creditado como “a cabeça pensante” das ideias positivistas dentro do Exército e disputava com o Marechal Deodoro da Fonseca o título de fundador da República. O fato é que o velho marechal, doente à época dos acontecimentos, relutava em seguir os ideias republicanos e tinha sido fiel seguidor da monarquia. O republicano histórico Quintino Bocaiúva participou da construção das cenas da proclamação e era chefe do partido no Rio de Janeiro, sendo visto como patriarca e apóstolo da República. E o marechal

Floriano Peixoto, o “marechal de ferro”, é visto como o consolidador da República pois foi em seu governo que o regime se estabilizou após forte repressão. Percebe-se que os militares foram “republicanos de última hora” e o fizeram por interesses de grupo, bem como tinham um perfil conservador que não permitia mudanças sociais profundas advindas de uma maior participação popular.

Era necessário construir, inventar um mito ou herói para a República. Estes líderes da proclamação da República não eram significativos, tendo em vista a baixa popularidade do movimento e de suas figuras. Então, o novo regime vai resgatar na história a figura de “Tiradentes” como mártir e herói da República, tendo em vista seu forte apelo popular e a tradição do movimento republicano de usá-lo como símbolo de luta contra a repressão da Monarquia. O movimento da Inconfidência Mineira (século XVIII) deixou marcas no imaginário popular da província de Minas Gerais e do Rio de Janeiro, como uma punição injusta em que Tiradentes foi esquartejado e suas partes colocadas ao longo da estrada. Nesse papel de herói, Tiradentes era uma figura ideal por encarnar uma injustiça do regime monarquista, e representar os antigos anseios de liberdade e república desde os tempos coloniais.

A construção do mito de Tiradentes se fez a partir da literatura popular (em versos, prosas, peças de teatro e livros de história do Brasil), com pinturas e monumentos colocados em praça pública no Rio de Janeiro, mas que foi possível somente porque encontrava reflexo no imaginário popular. Para reforçar essa construção, que foi o maior mito da República brasileira, adicionaram-se elementos de misticismo cristão: “Após a proclamação da República, intensificou-se o culto cívico a Tiradentes. O 21 de abril foi declarado feriado nacional já em 1890, juntamente com o 15 de novembro. As alusões a Cristo também continuaram”(CARVALHO, 2017, p. 69). Os republicanos, em particular os positivistas, construíram o mito de Tiradentes como herói republicano desde os tempos coloniais lutando pela liberdade e pela República. Para tanto, nos desenhos, o Tiradentes foi representado como Cristo e a data de 21 de abril foi declarada como momento cívico em sua homenagem.

Na literatura e no imaginário popular Tiradentes foi chamado de “o Cristo da multidão”, que teria se sacrificado e dado sua vida pela pátria. No panteão do culto da igreja positivista, estava ladeado por José Bonifácio e Benjamin Constant, era um dos grandes símbolos de amor à pátria. Para além de todo o “romantismo” da época, essa construção do mito, apelando ao cristianismo e fazendo Tiradentes

parecer com Cristo, parece sugerir um forte apelo à tradição e influência do catolicismo cristão na consciência das massas, o que o autor chama de “apelo à tradição cristã do povo” (CARVALHO, 2017, p. 71). Em 1890 Décio Villares, pintor positivista, faz um desenho de Tiradentes, com uma corda ao pescoço, cabelos e barba grande, ramo de flores, em uma iconografia muito próxima do Cristo.

Entre outros candidatos ao título de mártir, como Frei Caneca, ele foi o que melhor se adequou ao papel por não participar de movimentos revolucionários violentos e por encarnar o papel de vítima em todo o processo a que foi exposto. “Tiradentes era sinônimo de radicalismo republicano” (CARVALHO, 2017, p. 74). Ele foi o melhor símbolo republicano construído como mártir, mas carregou consigo grandes contradições ou papéis, ora sendo representado como militar, como o Cristo ou o revolucionário. Este último papel demonstrou-se bom para a propaganda republicana, mas incômodo para o novo governo republicano.

Outro símbolo muito recorrente da República brasileira foi a imagem da mulher. A República era associada à liberdade, à revolução, encarnada na figura feminina. Essa é uma herança da antiguidade clássica, que associava a mulher às deusas e virtudes, mas que também foi usada nos três momentos da República francesa, com esse símbolo



alterando seus significados – ora representando o radicalismo da revolução (com o barrete frígio) ou a moderação (com a bandeira tricolor francesa). Os diversos jornais republicanos no Brasil nos idos de 1889, ilustraram a República como uma mulher, e no caso de alguns dos mais famosos como a Revista Ilustrada, de Ângelo Agostini e O Paiz (jornal dos republicanos) tendiam a ilustrar essa mulher com um aspecto belicoso, o que era compreensível tratando-se do período de campanha abolicionista mais agressiva.

No caso das artes plásticas do Brasil à época explorou pouco a identificação da República como mulher. Foram poucos os quadros com essa referência, com grande destaque para os positivistas. Para os positivistas a mulher representava a pátria ou a humanidade, e estava representada em quadros, bustos e fora erigida ao seu panteão de deuses. Havia mesmo uma espécie de semelhança entre o culto de Maria e o da mulher como representante da Humanidade, que os positivistas tentaram explorar. “A República não produziu uma estética própria” (p. 91), nas palavras do autor, pois falhou essa tentativa de fazer da mulher um símbolo da República, e os positivistas foram um caso à parte. Em um revés dessa representação, ainda nos primeiros anos da República, após o desencanto com o

regime, as caricaturas mudam de tom e apresentam uma mulher prostituta, símbolo da desilusão política e frustração.

Outra batalha travada pelo novo regime foi em torno dos símbolos oficiais da bandeira e do hino. Nesse ponto conseguiram pouco: apenas modificar a bandeira e aceitar o apelo popular ao hino. Ainda tentaram criar outros hinos, mas o hino antigo venceu. Nesse caso, venceu a tradição e sua ligação com a Monarquia. “De adoção e uso obrigatórios, esses dois símbolos tinham de ser estabelecidos por legislação, com data certa. Era batalha decisiva.” (p. 104). Era fundamental conquistar esses dois símbolos, mas, no entanto, nesse ponto a tradição foi mais forte que a mudança.

A mudança de regime político no Brasil em 1889 foi um ato arbitrário, uma “maquinação” de militares, que deixaram o povo sem participar do processo, com o apoio dos grupos políticos. Logo cedo, o regime demonstrou-se uma grande desilusão, para os grupos que pretendiam maior participação popular. As maiores preocupações daqueles que ocuparam o poder pós-1889 era legitimar o regime através de novos símbolos e manter o povo longe das decisões políticas.

O livro de José Murilo de Carvalho tem como escopo principal as ideias e símbolos usados pela República para construir uma nova mentalidade que legitimasse o novo regime político que surgia. Nesse ínterim os símbolos

mudaram seus significados, pois antigos símbolos foram reaproveitados (tais como a bandeira e o hino nacionais) ou a República na figura de uma mulher teve seu significado modificado conforme o conceito que se tinha de República (de início figurando como mulher virtuosa e depois como prostituta). É um livro essencial para a compreensão da cultura e história política do início do governo republicano.

## RESENHA DO LIVRO

### A INTERPRETAÇÃO DAS CULTURAS

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**: 1. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

Por **Nandhara Bezerra da Silva**

Clifford Geertz nasceu em San Francisco, no dia 23 de agosto de 1926 e veio a óbito na Filadélfia em 30 de outubro de 2006. Foi um antropólogo estadunidense e professor da Universidade de Princeton em Nova Jérsei.

*A interpretação das culturas* é a obra na qual ele apresenta a ideia de analisar as culturas como um texto, aderindo, assim, uma teoria interpretativa para desenvolver tal obra. Para Geertz (2008), o fazer etnográfico é como tentar ler e interpretar um texto de total desconhecimento do pesquisador, é como um manuscrito que causa estranhamento, composto por comportamentos diferentes daqueles que fazem parte da rotina do etnógrafo.

A obra *A interpretação das culturas* é uma junção de ensaios escritos pelo antropólogo que, segundo ele, são mais considerados como pesquisas empíricas do que uma

investigação propriamente teórica. Para o desenvolvimento de suas pesquisas, o antropólogo decidiu, então, criar um método para as suas pesquisas, o qual visa uma antropologia interpretativa.

O autor decidiu seguir esse caminho, porque estava insatisfeito com o método utilizado nas pesquisas antropológicas de sua época que, para ele, possuía um grande distanciamento da realidade vivenciada pelo pesquisador em campo. Sendo assim, a seguinte resenha vai tratar sobre a importância da concepção convencional de ciência que Geertz rejeita e analisa se a teoria interpretativa utilizada pelo autor é a mais adequada para compreender as culturas. Com isso, a seguinte análise irá trabalhar três pontos principais abordados pelo autor em sua obra: a teoria interpretativa de Geertz e a cultura como texto.

#### A TEORIA INTERPRETATIVA DE GEERTZ

A princípio, para Geertz (2008), o conceito de cultura é essencialmente semiótico, o que significa que a cultura será analisada com base nos seus significados. A semiótica procura entender como os indivíduos interpretam as coisas, principalmente o meio do qual habitam, seus principais objetos de estudo referem-se ao âmbito religioso, musical, artístico, cultural, etc. Sendo assim, o autor relata que, assim

como Max Weber, ele também entende que “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu” (GEERTZ, 2008, p. 4). Com isso, ele assume que as culturas são como essas teias e vai analisá-las de maneira interpretativa e não como uma ciência experimental. Portanto, segundo Geertz (2008), a interpretação antropológica nada mais é do que a maneira que os sistemas simbólicos são orientados pelos atos de determinados povos que estão sendo estudados.

A escolha do autor pela teoria interpretativa é de grande valia para o seu estudo sobre culturas, entretanto, rejeitar realizar uma análise experimental pode não ser a melhor opção para analisar contextos sobre culturas. A questão não é o fato de não poder realizar uma pesquisa sem o método científico experimental, mas é mostrar que não é cabível apresentar comparações entre culturas de diferentes sociedades sem testes e/ou hipóteses. Descrever aspectos culturais de determinadas sociedades e determinar que o leitor interprete a partir de sua própria perspectiva, como histórias literárias, é uma coisa, mas descrevê-las e compará-las sem uma análise sistemática, sem testes ou experimentações, é outra coisa bem diferente e, até arriscado tratando de um estudo científico.

Segundo Geertz (2008), a cultura é como um tipo de medição do poder e do objetivo da ação dos indivíduos. Sendo assim, como é possível encontrar a causa e os efeitos das ações dos indivíduos sem uma análise experimental!? A teoria interpretativa pode analisar a forma de poder e os objetivos das ações dos seres humanos, mas é inviável analisar as causas disso na vida destes e, a comparação das culturas de diferentes sociedades se torna mais difícil utilizando apenas tal teoria.

#### A CULTURA COMO TEXTO

A cultura como texto é considerada pelo autor como uma forma de descrever densamente e de maneira elaborada as ações sociais. O autor, então, descreve em seu livro as suas pesquisas de campo realizadas na Indonésia (Java e Bali) e no Marrocos. Segundo Geertz (2008, p. 19), “em etnografia, o dever da teoria é fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo — isto é, sobre o papel da cultura na vida humana”. Entretanto, vale ressaltar que para o leitor compreender o papel da cultura na vida humana é importante ir mais além do que fornecer um vocabulário para expressar os seus atos simbólicos.

Geertz (2008), então, afirma que a teoria interpretativa não é apropriada para apresentar conclusões sobre as culturas estudadas por ele, mas sim para sustentar as discussões sobre este contexto. De fato, é isso que ele desenvolve em sua obra, mas não seria a maneira mais apropriada para compreender as culturas que, por sua vez, são complexas e diferentes, principalmente por ele ter descrito realidades que não fazem parte do ocidente. Contudo, não haver conclusões em pesquisas sobre culturas ou qualquer outro assunto, e apenas sustentar as discussões sobre elas, dificulta o entendimento sobre tais pesquisas. Descrevê-las e deixar por conta dos leitores a interpretação do que foi descrito pode tornar uma discussão infinita. Com isso, as culturas dos balineses e dos marroquinos seriam lidas como contos que podem ser interpretados de todas as maneiras, sem haver uma interpretação errada, pois, os leitores entenderiam as culturas destas sociedades conforme o que seria encontrado de comum entre as suas experiências humanas com as daqueles povos. O que não ocorreria se as pesquisas de campo fossem realizadas com análises sistemáticas, como na ciência tradicional, as quais procuram explicar as causas, os efeitos e etc. de determinados fatos.

É certo dizer que a cultura só pode ser entendida se for vivida, mas para “compreender a cultura de um povo



expõe a sua normalidade sem reduzir sua particularidade” (GEERTZ, 2008, p. 10), e para isso se tornar possível, o autor enfatiza que é preciso conhecer a si mesmo. Porque, assim, o que for encontrado de diferente em outras sociedades não nos afetaria de forma tão particular, e para que o nosso etnocentrismo não venha a tona e atrapalhe a pesquisa, precisam ser tratadas com normalidade pelos pesquisadores.

Para Geertz (2008), a cultura que faz o homem e não o homem que faz a cultura. Entretanto, se a cultura existe é porque foi criada pelos seres humanos, ela só tem o poder de fazer o indivíduo se ele a permitir isso. O autor diz que a cultura está entranhada na mente dos indivíduos, mas isso só é possível se ela for criada na mente do deles e, só quem tem este poder de criá-la são os mesmos. Os seres humanos podem se adaptar a outras culturas, pois, a partir do momento que estes se permitem a ter comportamentos de acordo com culturas diferentes, uma nova cultura está sendo criada neles, por eles e para eles.

## CONCLUSÃO

Portanto, conclui-se que o antropólogo fez um bom trabalho sobre culturas utilizando a teoria interpretativa e considerando estas como um texto. Ao criar a obra A

*interpretação das culturas*, Geertz pretendeu fazer com que os leitores se familiarizassem com o comportamento dos povos que ele descreveu. Contudo, para que fosse possível identificar as causas e os efeitos da interpretação dos leitores para com as culturas descritas, seria preciso realizar uma análise sistemática, e aplicar o método da ciência tradicional, a qual a ciência interpretativa rejeita. O autor desenvolveu esta obra dependendo da interpretação do seu público, no entanto, não é muito adequado depender, exclusivamente, da interpretação de seu público para analisar um contexto tão complexo, que é a cultura. Vale ressaltar que a discussão é importante, mas é preciso ir além, as culturas não podem ser tratadas como um texto denso que possui várias possibilidades de interpretação, discussão e nenhuma conclusão. Por fim, vale ressaltar que a teoria interpretativa e a cultura, considerada como texto, não são as maneiras mais viáveis para analisar os fenômenos culturais e sociais. Mas se o antropólogo tivesse realizado comparações entre comportamentos culturais de uma sociedade para com as outras utilizando uma análise estruturada, sistemática e bem elaborada, e se tivesse criado hipóteses, do que os leitores iriam interpretar ao lerem sua obra, com maior rigor científico, o livro, possivelmente, possuiria maior credibilidade científica.

RESENHA DO LIVRO

## O QUE É A BUROCRACIA?

Conselho Federal de Administração  
(CFA). Livro de Max Weber. **O que é a  
burocracia?** Brasília: CFA, 2018.

Por **Aucilene Rodrigues da Silva**

O autor da obra, Maximilian Carl Emil Weber (Max Weber), nasceu em 1846 e faleceu em 1920 aos 56 anos devido a uma pneumonia severa. Foi sociólogo, jurista e economista alemão. Suas obras mais reconhecidas são: a ética protestante e o espírito capitalista e economia e sociedade. Entretanto, suas contribuições intelectuais influenciaram outras áreas do conhecimento tais como: ciência política, filosofia e administração.

O livro “O que é a burocracia?” representa sua contribuição deixada para o ramo da administração, especificamente, voltada para a abordagem estruturalista. Inicialmente os leitores só tinham acesso à obra no idioma original depois foi traduzido para o inglês, o espanhol e, por

fim, para o português pelo Sistema de Conselhos Federal e Regionais de Administração (CFA/CRA<sub>s</sub>) em 2018.

O livro está dividido em 12 (doze) capítulos intitulados como: traços e características da burocracia, a situação do funcionário, casos e causas da burocratização, o desenvolvimento quantitativo das tarefas administrativas, transformações qualitativas das tarefas administrativas, vantagens técnicas da organização burocrática, burocracia e direito, a concentração dos meios administrativos, o nivelamento das diferenças sociais, caráter permanente do aparelho burocrático, consequências econômicas e sociais da burocracia, o poder da burocracia, fases do desenvolvimento da burocracia e, por fim, a “racionalização” da educação e da instrução.

A obra apresenta uma ampla reflexão sobre a burocracia, descreve suas principais características e forma de organização desse modelo dentro da administração, proporcionando boas discussões, principalmente, para o estudo da administração pública e privada. De antemão, na visão Weberiana, a burocracia refere-se a um modelo de organização racional aplicável não somente a fábrica, mas a todas as formas de organização humana.

O ponto de partida para compreender a teoria burocrática idealizada por Weber está na assimilação com a

sua teoria sociológica de “ação social”, na qual, considera que o objeto da sociologia consiste na captação do sentido da ação humana, portanto, o conhecimento do fenômeno social é adquirido de acordo com a extração da ação simbólica que o inspira. Seguindo essa lógica, ele afirma que as ações humanas são motivadas por razões voltadas a questões tradicionais, afetivos e racionais. E é, justamente, por essa perspectiva de racionalidade que Weber pensa a burocracia.

Para desenvolver a teoria burocrática, ele analisou as causas e casos de burocracia no sistema asiático e de outras sociedades tanto dentro de seu tempo histórico como de maneira deslocada, visando compreender o processo de racionalização da sociedade na transição da Idade Média para Idade Moderna. Logo, chegou à conclusão que uma racionalidade- legal havia se instituído e modificado as relações na sociedade, levando a consolidação da burocracia moderna.

Para Max Weber a burocracia moderna opera de maneira específica, ou seja, possui traços e características peculiares de uma racionalização estabelecida dentro do sistema capitalista de produção, tais como: caráter legal (lei e ordenamento administrativo), princípios de hierarquia de cargos e divisão do trabalho, caráter formal na comunicação,

profissionalização e meritocracia dos participantes e impessoalidade nas relações.

O caráter legal, apontado por ele, refere-se à adoção de “princípio de setores jurisdicionais estáveis e oficiais organizados normativamente, ou seja, mediante leis e ordenamentos administrativos” (CRA/CRA<sub>s</sub>, 2018, p. 09) e deve atender a três elementos:

1. As atividades normais exigidas pelos objetivos da estrutura governada burocraticamente dividem-se de forma estável como deveres oficiais;
2. A autoridade que dá as ordens necessárias para a alternância desses deveres é distribuída de forma estável e rigorosamente delimitada por normas referentes aos meios coativos, físicos, sacerdotais ou de outra espécie, do qual podem dispor os funcionários;
3. O cumprimento normal e continuado desses deveres, bem como o exercício dos direitos correspondentes, é assegurado por um sistema de normas; somente podem prestar serviços aquelas pessoas que, segundo regras gerais, estão qualificadas para tanto. (CFA/CRA<sub>s</sub>, 2018, p. 09).

Os princípios de hierarquia de cargo e a divisão do trabalho consistem em um sistema de subordinação organizado, na qual, os funcionários superiores exercem poder sobre os funcionários inferiores e as tarefas e responsabilidades são estabelecidas conforme cada setor/função. Segundo Weber, “O princípio de autoridade hierárquica de cargos dá-se em qualquer estrutura

burocrática: nas estruturas estatais e eclesiásticas, nas grandes organizações partidárias e nas empresas privadas” (CFA/CRA<sub>s</sub>, 2018, p. 10).

Por caráter formal na comunicação, de acordo com o autor, entendem-se como sendo a utilização da linguagem escrita através de documentos originais ou projetos descrevendo as ações e procedimentos a serem desenvolvidas na instituição visando evitar equívocos e/ou múltiplas interpretações que possam comprometer a eficácia no desenvolvimento das atividades e, conseqüentemente, nos resultados almejados pela organização.

Por sua vez, a profissionalização dos participantes diz respeito à especialização profissional para exercer o cargo, sendo, portanto, fundamental uma preparação cabal e experta. O que significa dizer que “exige-se cada vez mais do executivo moderno e do empregado das empresas privadas, bem como exige-se do funcionário público”. (CFA/CRA<sub>s</sub>, 2018, p. 12). A meritocracia está diretamente ligada a esse aspecto e é vista como algo estreitamente ligado ao participante, na qual, as classificações e mudanças de funções ocorridas dentro da instituição se dão por mérito do profissional.

A impessoalidade nas relações está associada à compreensão da ocupação de cargo dentro da organização burocrática. Conforme descrito pelo autor, a ocupação do



cargo é configurada como uma “profissão” de ordem impessoal e transitória. Assim sendo, a posição ocupada pelo profissional tem em sua natureza o dever e, independentemente de fazer parte da esfera pública ou privada, o funcionário é alguém que cotidianamente se dedica para cumprir as competências que lhe foram atribuídas.

Max Weber afirma que essa “superioridade puramente técnica da organização burocrática foi sempre a razão decisiva do seu progresso com relação a toda outra forma de organização” (CFA/CRA<sub>s</sub>, 2018, p. 37), pois ela propicia uma série de vantagens: a racionalidade (clareza) em relação ao alcance dos objetivos da organização, precisão nos deveres e desenvolvimento das tarefas, velocidade nas tomadas de decisões, univocidade de interpretação, uniformidade de rotinas e procedimentos através da padronização estabelecida, continuidade da organização a partir da substituição do pessoal, subordinação estrita entre os mais novos e mais velhos e redução de desacordos e de custos materiais e pessoas.

Weber considera que, apesar da sua segura superioridade técnica, a burocracia foi em todo o descoberto um fato relativamente tardio. Em virtude de “um conjunto de obstáculos que somente desapareceram totalmente sob determinadas condições políticas e sociais” (CFA, CRA<sub>s</sub>,

2018, p. 52). O que significa dizer que a estrutura burocrática chegou ao poder através do nivelamento das diferenças econômicas e sociais e influenciou significativamente para a distribuição das funções administrativas.

Neste contexto, a consolidação da burocracia está ligada necessariamente à moderna democracia de massas, por conseguinte, nesse modelo burocrático de organização o que prevalece é o princípio de “igualdade perante a lei”, portanto, o tratamento dos assuntos “caso a caso” e repúdio a qualquer forma de “privilegio” em todas as organizações sejam estatais, partidárias ou empresas privadas. A burocracia, conforme descrita por Weber, se apoia na aceitação dessas leis não excludentes e faz com que as atividades próprias do processo administrativo, destinadas a atingir os objetivos organizacionais, apresentem-se aos executores como “deveres oficiais”.

Nesse aspecto, Weber frisa que a burocracia “uma vez instaurada em sua plenitude, constitui uma das estruturas sociais mais difíceis de destruir” (CFA/CRA<sub>s</sub>, 2018, p.59), pois ela é o meio para transformar a “ação comunitária” em uma “ação societária” organizada racionalmente. Nesse caso, a burocracia como instrumento de “societalização” foi e é um instrumento de poder de grande importância para quem controlar o aparelho burocrático.

Entretanto, Weber deixa claro que mesmo a burocracia sendo, tecnicamente, o meio de poder mais efetivo a serviço do homem que o controla, não determina a gravitação que a burocracia como tal pode ter dentro de uma formação social específica, ou seja, não se pode deixar de considerar “que os grupos de interesses econômicos não oficiais, organizações locais, intelocais ou representativas de qualquer outro tipo, ou associações vizinhas, todos estes opõem-se, aparentemente, a burocratização” (CFA, CRA<sub>s</sub>, 2018, p. 67).

De acordo com ele, o fato é que em todo o descoberto, o Estado Moderno é submetido à burocratização por conta das progressivas exigências apresentadas à administração devido à complexidade cada vez maior da civilização. Porém, a plena burocratização moderna enfatiza necessariamente o sistema de exames racionais, técnicos e especializados. Dessa forma, o poder do perito é aperfeiçoado e a qualificação como forma de especialização cada vez mais valorizada. Todavia, a questão crucial está voltada ao caráter “racional” que a teoria burocrática apresenta, na qual, as regras, meio, fins e objetivos dominam sua posição.

Nesse sentido, a burocracia conforme apresentada por Weber, como um modelo de organização racional, capaz de explicar detalhadamente todas as variáveis e comportamento a serem implantado pela organização visando

eficiência e custo benefício e, sobretudo, aplicável não somente a fábrica, mas a todas as formas de organização humana, é considerada como algo inevitável e necessário para que a sociedade seja próspera.

Haja vista, se os procedimentos técnicos não forem colocados em prática levando em considerações os aspectos descritos por ele, pode gerar algumas difusões, a julgar pela internacionalização das regras, excesso de papelório, resistência e inflexibilidade de mudanças, categorização dos relacionamentos, falta de inovações de ideias, autoritarismo e dificuldade de atendimento ao cliente e/ ou conflitos com público dentre outras.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração é o fato de que a análise de Weber se pretende a estudar a parte interna da organização sem refletir sobre os fatores externos que interferem diretamente na eficácia e desenvolvimento das atividades. Além disso, devido ao processo de globalização e capitalismo sem fronteira as organizações sofreram grandes modificações no que condiz com suas funcionalidades.

Com isso, cabe ressaltar que o modelo idealizado por weber em sua plenitude, não tem aplicabilidade nos dias atuais, visto que novos modelos de gestão surgiram a partir do processo de globalização e número de mercados abertos,

todavia, ele é um referencial para aqueles que buscam entender o que é possível ou não desenvolver dentro de uma instituição.

## RESENHA DO LIVRO

### **A (NOVA) GOVERNANÇA PÚBLICA**

SILVESTRE, Hugo Consciência. **A (Nova) governança pública**. Brasília: Enap, 2019.

Por **Mauricéia Carvalho Nascimento**

O livro intitulado “A (Nova) Governança Pública” de Silvestre (2019) versa sobre os modelos para a prestação de serviços públicos que envolvem a hierarquia, a administração pública profissional, a utilização dos mercados e as variantes da reforma. Apresenta a (Nova) Governança Pública com ênfase em sua conceptualização e níveis de participação, a saber, as redes, ou, *networks* para a prestação de serviços públicos através da cooperação intermunicipal, as parcerias público-público, e a cooperação pública consorciada em rede.

O modelo de gestão pautado na hierarquia na prestação dos serviços públicos apresentava muitas fragilidades, como: burocracia, morosidade, ineficiência, excessivos custos, procedimentos pautados apenas em normas e regras, o que corroborou para que fosse necessário repensar arranjos organizacionais que possibilitasse alcançar

a eficiência e otimizar os resultados dos serviços colocados a disposição da sociedade.

Diante do exposto, pode-se apresentar como direcionador o entendimento dos autores Pollitt; Bouckaert (2017); Pollitt (1990); Bel; Hebdon; Warner (2018); Casula (2016), enfatizam que a reforma no setor público e a reforma administrativa modificaram a forma de como os serviços eram ofertados a sociedade. Estes eram ofertados exclusivamente pelo ente estatal. Já a reforma administrativa é marcada pelo aprimoramento dos processos e uso de técnicas e ferramentas até então utilizadas pelo setor privado. Essas reformas impulsionaram o enfrentamento do entendimento popularizado quanto à ineficácia dos serviços públicos e da preocupação quanto a modelos alternativos de prestação de serviços através de cooperação e articulação entre público-privado, entre os diferentes atores envolvidos sejam eles governamentais e não governamentais. As ações ampliam sua perspectiva de ofertar apenas serviço de forma eficiente e passa a considerar as redes de cooperação (*networks*) com o escopo voltado a resolver problemas públicos.

Silvestre (2019, p. 12) argumenta que “às redes de cooperação, ou, *networks*, tendo elas emergido como um modo alternativo à hierarquia e ao mercado”, ou seja, a cooperação, parceria público-privado surge como uma

alternativa na resolução de problemas públicos através da execução das políticas públicas, que eram centralizadas nos entes governamentais, e passam por uma modificação, ou seja, é executada a partir da junção de diferentes atores, a saber, comunidade, atores governamentais e atores não governamentais.

Para otimizar o desempenho, as organizações públicas começam a observar na gestão pública o uso de práticas (estilo de gestão) até então utilizadas pelo setor privado. Tais práticas enfatizam a satisfação dos usuários dos serviços, otimização da alocação dos recursos públicos, uso de indicadores para avaliar as ações, mudanças nas contratações, objetivos e metas bem definidos para que seja possível monitorar, e executar a responsabilização para a alocação de forma irresponsável dos recursos, ou seja, de modo geral a gestão pública observa em suas ações a eficiência para assim alocar recursos de forma responsiva e resolver os problemas públicos que demandam ações tempestivas e efetivas.

A nova Gestão Pública impulsionou para as escolhas públicas que o ente público precisa fazer, a saber, privatizar (conceder definitivamente - vender o bem público a terceiros), ou, terceirizar (através dos contratos de concessões por tempo definido) e até mesmo decidir sobre continuar a ofertar



serviços públicos. Vale salientar que todas as alternativas têm como foco a redução de custos e otimização dos serviços postos a disposição da sociedade, bem como a redução de arrecadação dos impostos pagos pelos contribuintes, sendo estes os potenciais usuários dos serviços. A motivação que deve sempre permear as escolhas é o interesse público.

Osborne (2006); Rhodes (2016) apontam a Nova Gestão Pública como uma fase transitória entre a Administração Pública tradicional para o modelo da Nova Governança Pública. O enfoque dado para a Administração Pública tradicional era para a questão política. Já a Nova Gestão Pública centralizou-se nos mercados e na gestão da coisa pública. Como alternativa aos arranjos anteriores, a abordagem da Nova Governança Pública, cuja prioridade volta-se para a entrega de serviços públicos aos cidadãos.

A entrega de serviços públicos na perspectiva da Nova Governança Pública considera níveis de participação, mediante redes, ou, *networks*, através da cooperação intermunicipal e as parcerias-públicas públicas. A governança possui diferentes sentidos Torfing; Triantafillou (2013); Bontenbal; Van Lindert (2008), apresentam múltiplas interpretações e significados, a saber: coordenação, participação, co-produção, ênfase nos efeitos dos serviços prestados aos cidadãos, tomada de decisão coletiva (abarca

um conjunto normativo, valores e crenças pelos agentes executores), entre outros.

Neste entendimento, Provan; Milward (1999) dizem que a ênfase tem sido colocada na integração e coordenação da ação dos múltiplos participantes, em especial ao nível do governo local que prestam a maioria dos serviços às comunidades, uma vez que a ação conjunta visa à partilha de custos, riscos e benefícios, que se torna possível a partir da cooperação em rede. Os governos locais conhecem com maior proximidade as demandas locais e urgentes que precisam ser resolvidas com recursos limitados, assim, a cooperação em rede possibilita que os custos sejam distribuídos para os entes que fazem cooperados, acarretando assim que serviços comuns sejam colocados a disposição da comunidade.

A participação em rede possibilita a legitimação da tomada de decisão na medida em que inclui atores não-governamentais nas decisões sobre as políticas e quais os potenciais beneficiários, além de promover a representatividade dos vários segmentos da sociedade.

Rhodes (2016); Ferro; Sorrentino (2010); Bel; Hebdon; Warner (2018) afirmam que a governança em redes, ou, *networks* esta no centro da Nova Governança Pública. E que a cooperação poderá ser realizada por consórcios, alianças,

gestão conjunta, entre muitas outras, para a prestação de um ou mais serviços públicos locais.

A relação e cooperação intermunicipal e parceria público-público fomentam as relações e interações entre diferentes atores, que aproximam governos locais, ultrapassar as dificuldades de financiamento público e reduzir custos na prestação dos serviços comuns às unidades Cooperação. Ainda, possibilita a interação de governos locais com outros níveis de governo (estadual e/ou federal) e redução de custos na medida em que integra os governos.

Muitos municípios dependem dos repasses do Fundo de Participação dos Municípios e na sua grande maioria os pequenos municípios não possuem receitas suficientes, para manutenção de sua operacionalidade, uma vez que a arrecadação de competência municipal centram-se nos principais impostos, a saber: Imposto sobre a Propriedade Predial Urbana (IPTU), Imposto sobre as Transmissões de Bens e Imóveis (ITBI) e Imposto sobre Serviços (ISS), sendo assim, as transferências sua principal fonte de receita.

Silvestre (2019); Olson (1998); Puey; Ferran; Mussons (2018) enfatizam que a cooperação intermunicipal surge como um arranjo para ultrapassar as dificuldades de financiamento que condizem com a realidade dos governos locais. Doutro modo, existem os *free-riding* (pegar carona) que refletem a

falta de equidade na distribuição dos custos entre cooperadores, ao mesmo tempo em que beneficiam, grandemente, aqueles que apresentem comportamento desviantes à cooperação. Por outro lado, quanto maior o número de governos locais envolvidos na cooperação acarreta uma maior institucionalização, por conta dos maiores esforços envolvidos.

Áreas com características semelhantes são mais propensas para a cooperação pelo fato dos problemas a serem solucionados possuírem similaridade, ou seja, por possuírem problemas comuns, se unem para resolver de forma mais efetiva partilhando os custos, riscos e benefícios. E todos acabam ganhando, evitando que peguem carona (*free-riding*) no governo local mais próximo. Um exemplo de cooperação são os consórcios, onde governos locais se articulam em prol de um mesmo objetivo, celebram parcerias e decidem cooperar. Uma situação que reflete os *free-riding* é aquele governo local que não investe, por exemplo, em políticas de saúde e acabam se beneficiando da saúde ofertada no município vizinho. Isso traz implicações orçamentárias, pois, o recurso que deveria ser gasto com potenciais usuários daquele lugar, acaba sendo gasto com usuários de outra localidade, por motivo de ingerência na execução de políticas de saúde. Isso se aplica a todos os

serviços que deixam de ser postos a disposição da sociedade pelo ente e este se beneficia das políticas públicas implementadas por outro ente local.

Neste sentido, a cooperação entre governos locais é uma solução para os cooperadores, quando diante de restrições de recursos financeiros e técnicos podem unir esforços e serem efetivos na execução das políticas. Estudos com ênfase em países europeus e Norte Americanos demonstram que a cooperação intermunicipal é uma solução possível para a redução de custos na prestação de serviços públicos.

Diferentemente da cooperação intermunicipal, a cooperação mediante parcerias públicas-públicas contemplam acordos de cooperação entre organizações que não se encontram no mesmo nível hierárquico. Conforme Citroni; Lippi; Profeti (2013); e Feiock (2007), acordos de cooperação podem se firmados pela criação de uma estrutura comum, ou, pelo conjunto de esforços advindos de várias organizações do setor público sem que necessariamente se criem novas estruturas. As variáveis que podem exercer influência na decisão de cooperar, ou, não, são: o capital social, a composição do grupo, a densidade demográfica, as diferenças de poder, e a liderança política.

Diante do exposto, faz-se necessário apresentar de forma objetiva o cenário Brasileiro quanto à experiência da cooperação pública consorciada. Bresser-Pereira, (1996) enfatiza a descentralização administrativa, pela qual o Governo Federal delegou boa parte das suas responsabilidades para os governos locais dos serviços públicos.

Nesta perspectiva, Lima; Neto (2018); Puey; Ferran; Mussons (2018); Machado; Andrade (2014), evidenciam que os municípios não detêm capacidade econômica e financeira para promoverem serviços públicos sustentáveis (continuidade) e com qualidade. Apontam os consórcios como um tipo particular de cooperação pública, na medida em que pelos consórcios, os órgãos públicos associam-se para conjunta e voluntaria prestarem serviços públicos. Essa cooperação entre municípios fomenta o melhor aproveitamento dos recursos dos cooperantes, ao mesmo tempo em que auxilia que a sua missão possa prosseguir.

Fonseca (2013); Cunha (2004); Abrúcio; Sano; Sydow (2010) apresentam em estudos brasileiros que os consórcios existentes eram informais, pela inexistência de arcabouço jurídico para a cooperação pública. Nesse sentido, a cooperação consorciada ocorria pela afinidade político-partidária; redes políticas, partidárias e pessoais; e pela

pressão de movimentos sociais e atores. Os dados ainda evidenciam que os acordos consorciados partem dos governos locais com pequeno número de habitantes, ou seja, os municípios de pequeno porte. Ainda, existiam no Brasil no ano de 2017, 3.571 consórcios. Desses, 97% incluíam a cooperação entre governos locais, sendo, 72% realizados pelos governos locais até 20.000 habitantes. Já as parcerias-públicas públicas, com a intervenção do estado, totalizam 9,3% e do Governo Federal com 1,7%. Por conseguinte, as principais áreas onde existem a cooperação consorciada são, saúde; educação; assistência e desenvolvimento social; turismo; cultura; habitação; meio ambiente; transporte; desenvolvimento urbano; saneamento básico; gestão das águas; e manejo de resíduos sólidos.

Diante do cenário identificado para o Brasil, Abrúcio; Sano (2013), identificaram vários impedimentos para o andamento da cooperação consorciada, a saber: comportamento individualista e autárquico dos municípios; ausência de uma identidade regional, acoplada ao baixo capital social das instituições locais; brigas político-partidárias, entre prefeitos, ou, destes com o governador; engessamento do direito administrativo e de sua interpretação por parte dos tribunais de contas; falta de indução federativa advinda dos outros níveis de governo, especialmente dos governos

estaduais, se verificados os números de consórcios existentes; gestão pública frágil, o que dificulta a obtenção de informação e conhecimento sobre a montagem de consórcios; o lugar pouco destacado que a questão territorial e, particularmente, a do associativismo.

Com base nos estudos relatados, verifica-se que a cooperação consorciada no Brasil pode, de fato, ser uma solução viável para a diminuição dos custos na prestação de serviços públicos. Apesar dos entes municipais possuírem autonomia administrativa, possuem limitações financeiras. Os consórcios intermunicipais para o ano de 2017 estão concentrados nos municípios de pequeno porte (quantidade populacional de até 20.000 mil habitantes) os principais entraves vivenciados são as questões técnicas, de recursos financeiros e de cunho político. As dificuldades são acentuadas possivelmente pelo fato desses municípios dependerem dos repasses para manutenção da máquina pública e de possuírem capacidade arrecadatória limitada o que inviabiliza a manutenção de tais políticas, caso, não receba aporte financeiro do estado ou união, seja, mediante política de indução ou transferências constitucionais.

Por fim, entende-se que os diferentes arranjos de gestão seja ele com ênfase na hierarquia, no mercado, na descentralização da tomada de decisão, ambos, possuem



contribuições e continuarão a serem utilizados na prestação de serviços públicos. Cabe ao ente governamental analisar as possibilidades e decidir sobre qual o arranjo possibilita fazer mais com menos recursos. Decidir entre ofertar, ou, terceirizar serviços. Entre ofertar serviços em redes de cooperação e via parcerias pública-pública.

A cooperação pode ser utilizada como uma potencial solução para os cooperadores diante de restrições de recursos financeiros que possibilitam que todos os atores envolvidos sejam beneficiados. É salutar enfatizar que existem dificuldades que precisam ser superadas como, aspectos políticos (político-partidários), cooperação entre os governos locais e entre estes com os governos estaduais, bem como, que sejam desenvolvido mecanismos que fomentem a autonomia política e financeira para que a confiança necessária que deve permear a cooperação seja satisfatória e assim, seja possível articular esforços, recursos financeiros e técnicos de forma colaborativa para resolução de problemas sociais coletivos.

## REFERÊNCIAS

ABRUCIO, Fernando L.; Sano, Hironobu (Orgs.). **Associativismo intergovernamental: experiências brasileiras**. Brasília - DF: Editora IABs, 2013. 260p.

ABRUCIO, Fernando; SANO, Hironobu; SYDOW, Cristina. **Radiografia do associativismo territorial brasileiro: tendências, desafios e impactos sobre as regiões metropolitanas**. Regiões metropolitanas no Brasil. Washington: BID, p. 197-234, 2010.

BEL, Germà; HEBDON, Robert; WARNER, Mildred. **Beyond privatisation and cost savings: alternatives for local government reform**. Local Government Studies, v. 44, n. 2, p. 173-182, 4 mar. 2018.

BONTENBAL, Marike; VAN LINDERT, Paul. **Bridging local institutions and civil society in Latin America: can city-to-city cooperation make a difference?** Environment and Urbanization, v.20, n. 2, p. 465-481, 1 out. 2008.

CITRONI, Giulio; LIPPI, Andrea; PROFETI, Stefania. **Remapping the state: inter-municipal cooperation through corporatisation and public-private governance structures**. Local Government Studies, v. 39, n. 2, p. 208-234, 2013.

CUNHA, Rosani Evangelista da. **Federalismo e relações intergovernamentais: os consórcios públicos como instrumento de cooperação federativa**. Revista do Serviço Público, v. 55, n.3, p. 5-36, julho. 2004.

FEIOCK, Richard C. Rational Choice and regional governance. **Journal of Urban Affairs**, v. 29, n. 1, p. 47-63, 1 fev. 2007.

FERRO, Enrico; SORRENTINO, Maddalena. **Can intermunicipal collaboration help the diffusion of E-Government in peripheral areas? Evidence from Italy**. Government Information Quarterly, v. 27, p. 17-25, 2010.

FONSECA, Francisco. **Consórcios públicos: possibilidades e desafios**. In: Cherubine, Marcela; Trevas, Vicente. (Org.). **Consórcios públicos e as agendas do Estado brasileiro**. 1ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2013, p. 29-40.

LIMA, Ricardo Carvalho de Andrade; NETO, Raul da Mota Silveira. **Secession of municipalities and economies of scale: evidence from Brazil.** *Journal of Regional Science*, v. 58, n. 1, p.159–180, 1 jan. 2018.

MACHADO, José Angelo; ANDRADE, Marta Leone Costa. Cooperação intergovernamental, consórcios públicos e sistemas de distribuição de custos e benefícios. **Revista de Administração Pública**, v. 48, n. 3, p. 695–720, jun. 2014.

POLLITT, Christopher. **Managerialism and the public services: the Anglo-American experience.** Blackwell, 1990.

POLLITT, Christopher. Public administration research since 1980: slipping away from the real world? **International Journal of Public Sector Management**, v. 30, n. 6-7, p. 555-565, 2017.

OLSON, Mancur. **The logic of collective action – public goods and the theory of groups.** 17th Edition. Harvard University Press: Massachusetts, 1998.

OSBORNE, Stephen P. The New Public Governance? **Public Management Review**, v. 8, n. 3, p. 377–387, 1 set. 2006.

PUEY, Esther Pano; FERRAN, Jaume Magre; Mussons, Carla P. **Beyond size: overcoming fragmentation by inter-municipal associations in Spain? The case of Catalonia.** *International Review of Administrative Sciences*, 10 jan. 2018.

RHODES, Roderick A. W. Recovering the Craft of Public Administration. **Public Administration Review**, v. 76, n. 4, p. 638–647, 1 jul. 2016.

SILVESTRE, Hugo Consciência. **A (Nova) governança pública.** Brasília: Enap, 2019.

TORFING, Jacob; TRIANTAFILLOU, Peter. What's in a name? Grasping New Public Governance as a Political-Administrative System. **International Review of Public Administration**, v. 18, n. 2, p. 9–25, 1 ago. 2013.

RESENHA DO LIVRO

## METODOLOGIAS PARA A APRENDIZAGEM ATIVA

**LIMA, Rafaela. Metodologias para a aprendizagem ativa.** Associação Imagem Comunitária. Belo Horizonte: AIC, 2018. 64 p. (Coleção Cadernos de Educação Solidária; v. 1).

Por **Allan Gustavo Freire da Silva, Manoel Pereira da Rocha Neto e Laís Karla da Silva Barreto**

## INTRODUÇÃO

Na discussão abordada no livro “Metodologias Para a Aprendizagem Ativa”, Lima (2018) salienta aspectos chave, relacionados ao porquê e como promover aprendizagem ativa, inserindo esta temática no contexto do século XXI, ante a importância do protagonismo docente na prática e sua relação com os estudantes, de modo a fomentar em cada discente seu protagonismo, suas competências socioemocionais e

consonância com a presença ativa das famílias e da sociedade na mútua relação ensino-aprendizagem.

Considerando os avanços da educação no Brasil, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), em 1980, apenas 80% das crianças de 7 a 14 anos estavam na escola. Analisando o número de matrículas para essa mesma faixa etária, observou-se melhora nos indicadores de matrículas na rede de ensino, tendo em 2015, 97,7% de crianças matriculadas. O processo da universalização de oferta de vagas está próximo, quando comparado com a realidade vivida no país na década de 1980.

No entanto, além da perspectiva de viabilização do acesso e de oportunizar a todos formação escolar, a qualidade do ensino se constitui como outro relevante desafio no país. Lacunas educacionais têm acarretado ausências e déficits na relação do ensino, quando avaliado o índice de aprendizagem em áreas como português e matemática. Conforme dados do Instituto Ayrton Senna e Ministério da Educação (2014), de cada 100 estudantes que entram no ensino fundamental, 32 concluem esta fase educacional na idade correta e somente 16 concluem o ensino médio na idade correta. Mesmo tendo sido ampliada a oferta do ensino

no país, ressalta-se que existe um funil na oferta do ensino, em sua qualidade e sua taxa de sucesso.

Além da necessidade de avanços incrementais na elaboração de políticas públicas educacionais que favoreçam melhores condições estruturais para os alunos e para as equipes de trabalho, a adoção de novas metodologias de ensino, que estejam conectadas com as realidades e com os anseios dos alunos no século XXI, passa a ser o ponto central das reflexões para o avanço da promoção da educação com qualidade.

Nesse aspecto, a aprendizagem ativa entra em foco, uma vez que inovações e discussões sobre a temática, identificam a aprendizagem ativa como eficaz ferramenta para a profícua relação ensino e aprendizagem. Para isso, parte-se da premissa que o aluno não deve ser apenas um receptor de informações, mas, sim, participar ativamente do processo de aquisição do conhecimento.

Na perspectiva da aprendizagem ativa, o professor também é mobilizado, tendo em vista que é inquietado a deixar a posição de transmissor de informações e ocupar o lugar de promover formas de engajamento com os estudantes, de maneira dinâmica, participativa, voltada ao protagonismo coletivo no processo de aprendizagem. Tal conceito, baseia-se na compreensão emancipativa da

educação, explicitada por Paulo Freire, ao defender uma educação que promova autonomia e criticidade, por meio da participação ativa, da elaboração de perguntas e busca por respostas que cada aluno alcançará o conhecimento, próprio e pessoal do educando.

Para isso, parte-se da premissa que o conhecimento é adquirido, absorvido e compreendido por meio do questionamento, da capacidade de invenção e de reinvenção, e não somente pelo o que se vê ou o que se escuta. A educação, em sua essência, passa a ser vista não apenas como um processo de replicação de informações e introdução de conteúdos na mente do educando, trata-se, portanto, de um processo mútuo, em que cada discente se envolve ativamente.

## DESENVOLVIMENTO

Debruçando-se sobre como promover a aprendizagem ativa, esta obra traz à discussão o cenário vivido neste século XXI, por meio da Era do Conhecimento, período que tecnologias da comunicação conectam e ampliam os fluxos de informação, possibilitam e facilitam a intercambialidade de relações culturais e a convivência variada com raças e modos de vida. Ante essas argumentações reflexivas os processos

de ensinar e aprender, calcado no método de transmissão/replicação de conteúdos perdem o sentido.

A globalização e suas novas formas de interação com as pessoas remetem a relação ensino-aprendizagem para níveis integrados, conectados, tecnológicos, de maneira que o estudante obtenha instrumentos conceituais e metodológicos que o possibilite aprender ao longo de sua história, firmando para isso, diálogos críticos com o conhecimento.

Conforme documento UNESCO (2010), busca-se com isso, educar o sujeito para “aprender a aprender”. Assim, as metodologias ativas voltadas à aprendizagem ativa, constituem-se como ferramenta aliada do professor, para obtenção da autonomia de cada educando tendo como ênfase o aprendizado integrado e contínuo.

Salientando a necessidade de protagonismo do professor, suas bases práticas de ensino e seus princípios metodológicos, para a atuação docente, propõe-se que este seja corresponsável por essa interação e relação, juntamente com gestores, equipes multidisciplinares, estudantes, famílias e comunidades. As melhores práticas e ampliação na qualidade do ensino, passam a ser potencializadas a partir da sincronia e integrada participação desses agentes.

Para o alcance dessa relação, vale destacar a importância de constante investimento em qualificação



profissional e em pesquisa, de maneira que haja cada vez mais qualidade e esmero na preparação das aulas, ao possibilitar a inserção de dinâmicas e outras metodologias ativas que desafiem a criticidade dos alunos para a sistematização individual do conhecimento.

O conhecimento das realidades, além da sala de aula, é visto como fator fundamental para a proveitosa relação entre professor e aluno, com a intenção da promoção de práticas educativas libertadoras, autônomas, conforme a absorção e interpretações individuais de cada educando sobre o mundo e suas questões. Para que tal aprofundamento seja eficaz, o professor precisa assumir o papel de manter comportamento sensível em relação ao contexto vivido por cada aluno. A participação estudantil passa a ser aprimorada quando as atividades de diagnóstico, pesquisas e intercâmbios contemplam as realidades dos alunos, de cada família e do ambiente escolar onde a comunidade está inserida.

Tem-se como compreensão norteadora da educação que educar é criar oportunidades para que o aluno, por meio da criticidade e problematização, amplie sua visão sobre a realidade por ele vivida (FREIRE, 1987). Cada sonho, aspiração, desejo, desafio ou dificuldade enfrentada pelo discente nesse contínuo e pujante processo educativo constitui-se como experiências e elementos relevantes que

influenciarão no resultado das práticas educativas e nas interpretações dessas ações por parte dos educandos.

Nesse ponto, reside a importância do educador em conhecer cada realidade e o perfil dos educandos, de modo que as ações educativas contemplem atividades sistemáticas, continuadas, bem seccionadas, destinadas ao apoio e orientação dos alunos na construção de seus projetos de vida e no desenvolvimento de estratégias para alcançar seus objetivos. No que se refere ao desenvolvimento integral e às competências socioemocionais que cada educando traz consigo, a educação deve visar envolver os sujeitos considerando sua perspectiva integrativa, ao considerar o desenvolvimento nos âmbitos físico, emocional, intelectual, social, cultural, econômico, religioso, legal e ambiental.

Parte-se, portanto, da necessidade de identificar o processo educativo por meio da relação integrada entre diversos contextos de desenvolvimento, suas capacidades e oportunidades, considerando, para isso, de acordo com o PNUD (2018), o desenvolvimento humano como processo de ampliação das liberdades, dispondo de completo conjunto de oportunidades para cada pessoa, de modo que as pessoas tenham a possibilidade de escolher para si a vida que quiserem. O desenvolvimento humano, alinha-se às atividades e objetivos para a educação sob o prisma

integrativo e participativo, ao atentar em seu cerne, para as dimensões de Vida Longa e Saudável; Acesso ao Conhecimento; e Padrão de Vida Digno, cuja finalidade de tais eixos, residem na ampliação do bem-estar das pessoas.

Na correlação entre ação educativa e o desenvolvimento pleno dos educandos, tem-se a compreensão que tão importante quanto atuar para a formação cognitiva dos alunos é promover medidas que potencializem habilidades e competências socioemocionais em cada aluno para que consigam desenvolver-se em grupo, em sociedade, gerenciar seus objetivos de vida, e lidar com suas próprias emoções. Tornam-se atividades interligadas e interdependentes as quais se alinham aos objetivos no ambiente pedagógico para fomento à resolução de problemas sociais cotidianos e ao pleno exercício da cidadania de maneira autônoma e criativa.

A personalização do ensino é identificada como a construção de estratégias pedagógicas que se destinam a promover o desenvolvimento dos estudantes a partir das limitações e capacidades de cada um. Assim, no bojo discursivo sobre a aprendizagem, inserir os alunos no centro desse processo, é considerar que estes aprendem em ritmos diferenciados, que possuem diversidades quanto às vivências e conhecimentos prévios, somando-se ainda, às diversas

intencões e objetivos formativos, o que orientará cada discente a fazer específicas escolhas à luz de seus interesses.

Grupos distintos de educandos, experiências e interesses diversos, demandam de cada docente a sensibilidade para execução de atividades diferenciadas, conforme a particularidade dos alunos, considerando, para isso, o respeito às diferenças e a relevância das experiências que cada estudante traz consigo e interage em ambientes próprios. O ambiente escolar é um desses ambientes, e não a única vivência do estudante no percurso para construção e definição de sua identidade.

Trata-se, portanto, da necessidade de postura do professor de modo que assuma o caráter de facilitador na relação ensino-aprendizagem, incitando o aluno a correlacionar áreas e questões do saber, a partir de inquietudes ocasionadas pelos seus próprios questionamentos e experiências. Essa mediação e promoção de articulação do conhecimento exige do educador que seja estabelecido com cada estudante uma relação dialógica, ao possibilitar a identificação do processo formativo de cada aluno.

No que tange à avaliação formativa, destaca-se a necessidade de o professor avaliar os alunos de maneira

estratégica, diversa e contínua. De maneira que motive os estudantes a buscarem atingir seus objetivos individuais e coletivos. Em todos os atos formativos, discursivos, avaliativos e integrativos, destaca-se a importância da base familiar dos educandos, uma vez que é na família onde é propiciado o espaço para a construção das identidades, dos referenciais sobre padrões de relacionamentos sociais e afetivos de cada educando.

A integração entre equipes escolares e a família de seus alunos remete a temática para a noção de que a educação é compreendida como ação formativa integral do ser humano, estruturando-se num processo complexo que necessita da participação e envolvimento da sociedade. Entende-se, desse modo, que a tarefa de educar é frutífera quando participativa e compartilhada com toda a sociedade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A efetiva relação ensino-aprendizagem não está sob uma forma dicotômica ou unilateral, destarte, fundamenta-se em posicionamentos integrados, sistemáticos, onde a sinergia dos agentes que compõem as etapas do processo educacional e escolar atua de maneira decisiva para o melhor aproveitamento e rendimento de cada educando.

Não obstante os avanços na educação brasileira desde a década de 1980, observa-se manifesta necessidade de, a partir dos processos de busca por universalização do ensino, inserir nesse contexto medidas, práticas e investimentos que promovam a qualidade do ensino no país. A ampliação do acesso ao ensino torna-se significativa em sua completude quando tais processos de aprendizagem trazem consigo padrões claros e de qualidade em cumprimento aos genuínos e impolutos objetivos educacionais.

Envolta no dinamismo para o pleno desenvolvimento das capacidades dos educandos, denota-se o indispensável comprometimento e harmonia entre os agentes que atuam diretamente e/ou indiretamente na formação de cada aluno. Sendo assim, numa perspectiva integrada, o direcionamento de eficazes políticas públicas por parte do Estado, a relação com cada família, com a sociedade, com a escola, professores e alunos, passa a ser identificada como etapa essencial para o aprofundamento e cumprimento dos promissores desígnios educacionais.

Ressalta-se que as transformações metodológicas, os avanços tecnológicos, a importância do protagonismo mútuo de cada docente e aluno nas etapas de ensino e aprendizagem, reforçam o entendimento de que para o

fortalecimento da autonomia de cada discente, é imprescindível que haja novas posturas em encaminhamentos docentes referentes aos seus aspectos metodológicos, de forma que o professor atue como um facilitador no ambiente educacional, um despertador de interesses para a descoberta do conhecimento, não se prendendo metodologicamente em triviais e elementares replicações de conteúdo a estudantes que possuem variadas vivências e múltiplos objetivos de vida.

Os objetivos transformadores da educação perpassam pelo desenvolvimento do potencial de cada discente ao favorecer posicionamentos críticos e reflexivos sobre os diversos assuntos que envolvem a sociedade, promovendo, por conseguinte, compreensões individuais e livres sobre as desafiadoras realidades.

Sendo assim, intensifica-se a necessidade de elaboração de políticas públicas que atuem no âmago das questões de favorecimento e promoção da educação, de maneira universalizada e com qualidade, que criem estratégias constantes em favor da redução das taxas de analfabetismo e que viabilizem efetivas ferramentas para maior sensibilização e responsabilidade educativa para cidadania no que concernem às novas demandas do mercado e aos novos anseios dos educandos.

## REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

INSTITUTO AYRTON SENNA; SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO RIO DE JANEIRO. **Solução educacional para o ensino médio**. Rio de Janeiro: Instituto Ayrton Senna, 2012. v. 2: Estratégias.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – Inep. **Estatísticas da Educação Básica no Brasil**. Disponível em: <<https://bit.ly/2Eyj5u>>. Acesso em: 10 abr. 2018.

LIMA, Rafaela. **Metodologias para a aprendizagem ativa**. Associação Imagem Comunitária. Belo Horizonte: AIC, 2018. 64 p. (Coleção Cadernos de Educação Solidária; v.1)

PNUD BRASIL. **Mapa do desenvolvimento humano no Brasil**. Disponível em: <[http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o\\_atlas/desenvolvimento\\_humano](http://www.atlasbrasil.org.br/2013/pt/o_atlas/desenvolvimento_humano)>. Acesso em: 10 abr. 2018.

UNESCO. Educação: um tesouro a descobrir. **Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI**. Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2010.



RESENHA DO LIVRO

**MARKETING NA ERA DOS DADOS: O FIM DO  
ACHISMO**

NASCIMENTO, Rodrigo. **Marketing na era dos dados: o fim do achismo**. SP: Editora Évora, 2019. 197 pp.

Por **Luiz Antonio Coêlho da Silva**

**INTRODUÇÃO**

Este livro traz o marketing por dados com maior exatidão em ações e mensurações de resultados que eliminam ou reduzem um dos maiores problemas que as empresas investidoras em marketing têm que é o medo de investir errado e perder dinheiro e seus clientes. Assim, sem tecnologia não se faz o marketing por dados, sem *analytics*, nada é transformado em informação, e sem *business*, a informação não tem utilidade.

Sendo assim, Nascimento (2019, p. 11) diz que:

O marketing por dados procura entender o comportamento dos usuários para obter *insights* e tendências, orientando-se por dados e números para então tomar melhores decisões em ações de marketing. O marketing por dados permite que ações fiquem menos suscetíveis ao erro e a mudanças de rota à medida que os resultados vão aparecendo. Para tornar possível o trabalho de marketing por dados são requeridos **três pilares**: tecnologia, *analytics* e *business*. Cada pilar nos traz benefícios, características e atributos distintos, porém totalmente complementares.

Portanto, observa-se que o marketing por dados busca ver e rever tendências de ações com produtos ou outros ganhos econômicos.

“Trazer dados para a mesa empodera qualquer situação, pessoa e empresa, gerando mais segurança e certeza sobre o que será feito” (NASCIMENTO, 2019, p. 12). Ou seja, ter dados sempre traz mais confiança e melhoria na tomada de decisões, aumentando o grau de segurança ao se tomar decisões e ações para a melhoria dos processos.

## CAPÍTULO I - ECONOMIA DOS DADOS

É importante ressaltar que a ciência está transformando o comportamento humano em números mensuráveis, em dados analíticos para serem reutilizados, e assim trazer empoderamento para as pessoas e para as empresas com o máximo de confiabilidade.

“Existe uma lógica por trás do funcionamento e comportamento dos indivíduos – até hoje tratados de forma empírica -, e os dados estão derrubando muitos “achismos”, trazendo o desconforto para empresas e profissionais que usam da persuasão para convencer outras pessoas sobre suas teorias”. (NASCIMENTO, 2019, p. 13). Isto é, com a segurança dos dados diminui-se ou acaba-se o achismo nas situações, já que não se pode deduzir sem dados confiáveis, pois a chance de erro é enorme.

É importante dizer que o *mindset* traz economia de tempo e dinheiro para qualquer empresa, onde suas ações serão mais qualificadas, com maior assertividade na busca por clientes.

Atualmente, sabe-se que com apenas duas ou três redes sociais é possível descriptografar uma pessoa, ou seja, conseguir descobrir comportamento, perfil, interesses e saber quem são os melhores amigos, países e cidades para onde viajou e trabalho.

Nascimento (2019) diz que empresas como *Facebook*, *Google*, *Apple*, *Amazon* e muitas outras são valiosas pelo valor de vendas. O maior valor está no que fazem com seus dados. O *Google* consegue prever quando vamos consumir algo, onde vamos estar e a probabilidade de fazermos qualquer coisa.

É bom explicar que existem duas formas de dados existentes: os estruturados e os não estruturados, onde os dados estruturados são um padrão predeterminado por um sistema ou uma planilha para preenchimento. Alguns tipos de dados estruturados são arquivos CSV, XML e planilhas. Já os tipos de dados não estruturados são: imagens, SMS, vídeos, postagens em redes sociais, dados de geolocalização, arquivos de áudio, e-mails, entre muitos outros. Dados não estruturados são mais complexos que dados estruturados, por não terem organização prévia (NASCIMENTO, 2019).

As áreas que mais se beneficiam com o *big data* são: saúde, as mais diferentes indústrias, tecnologia e advocacia. *Big data* é um conceito que fala sobre o grande volume de dados estruturados e não estruturados que são gerados a cada segundo (NASCIMENTO, 2019, pgs. 23-24).

Utilizando termos técnicos para explicar o *big data* destacam-se os famosos "Vs". Inicialmente, o conceito foi contemplado por três Vs: volume, velocidade e variedade. E também os Vs: veracidade e valor, que foram adicionados alguns anos depois da criação do *big data*. **Volume:** quantidade de dados com o qual o *big data* trabalha. **Variedade:** quanto mais dados e fontes, maior é a complexidade para trabalhar os dados e maiores as possibilidades que temos de gerar informação útil.

**Velocidade:** é um dos grandes desafios do *big data*, pois devido ao grande volume e à variedade de dados, todo o processamento deve ser ágil para gerar as informações úteis. Velocidade se refere ao tempo de atualização das informações geradas. **Veracidade:** está ligada a quanto uma informação é verdadeira. **Valor:** com informações úteis mais valor se terá. Chamamos de informação útil o que nos permitirá tomar decisões através da informação gerada, pois uma simples informação pode ser viável para criar contextos (NASCIMENTO, 2019, pgs. 24-26).

Para Nascimento, as grandes empresas *Google*, *Facebook*, *Apple* e *Amazon* utilizam com sucesso o *big data*, demonstrando que qualquer empresa pode utilizá-lo com as fontes corretas dos dados. Assim, o *big data* se torna interessante para muitas empresas e profissionais; já o *small data* aos poucos ganha protagonismo, pois se torna mais realista para empresas e setores de marketing. Portanto, o jeito que organizamos nossos sapatos, geladeira, penduramos nossas pinturas ou até ao usarmos papel higiênico são todos *small data* (NASCIMENTO, 2019, p. 29).

*Small data* são dados pequenos o suficiente para a compreensão humana em volume e formato que os tornam acessíveis, informativos e acionáveis. Em outras palavras, *small data* traz para as pessoas percepções significativas, organizadas de maneira

acessível e compreensível, sem exigir o uso de sistemas tecnológicos para lidar com grande volume de dados. (NASCIMENTO, 2019, p. 30).

Assim, verifica-se que o *small data* são dados com pequeno tamanho, e que carregam várias informações, tendo a tecnologia como grande propulsora do marketing por dados, já que permite informações quantitativas e estatísticas, como por exemplo, o mapeamento do comportamento de nossos consumidores (NASCIMENTO, 2019, p. 31).

De forma ampla, compreende-se que o valor das pessoas está em seus pensamentos, conhecimentos, saberes e experiências agregadas e que modificam estruturas e realidades, por isso cada pessoa tem um valor único no mercado.

## CAPÍTULO II – TECNOLOGIAS DISPONÍVEIS

É importante ressaltar que o trabalho de transformar algo qualitativo em quantitativo é a descritografia do comportamento humano. Vê-se que a inteligência emocional (IA) é uma das tecnologias mais comentadas no fim da década de 2010 por todos os profissionais e empresas. A IA envolve dispositivos que simulam a capacidade humana de raciocinar, perceber, tomar decisões e resolver vários problemas.

“*Machine Learning* é uma aplicação de inteligência artificial capaz de fornecer sistemas e processos que permitem que a máquina aprenda algo sozinha, sem a necessidade de programá-la, ou seja, a máquina tem a competência de aprender por ela mesma” (NASCIMENTO, 2019, p. 56). Ou seja, a máquina passa agora a aprender sozinha de fato.

Vale salientar, que é possível que você tenha ouvido falar sobre *chatbot* ou tenha até conversado com um robô via *chat* em algum *site* ou *app* e nem tenha desconfiado de que não era uma pessoa ao qual você estava se comunicando.

## CAPÍTULO III – CULTURA DE DADOS

A cultura é crucial para o desenvolvimento de pessoas e empresas na utilização dos dados, o que requer uma mudança de *mindset*, que muitas vezes impacta na cultura da empresa em relação à forma de lidar com as informações na tomada de decisão cotidiana.

É salutar que a mudança de *mindset* precisa ser *top-down*, ou seja, do CEO, do presidente ou dos *founders* das empresas até o estagiário. Os dados gerados por tecnologias e ações que tomamos devem ser transformados em



informação útil no apoio as decisões estratégicas, táticas e operacionais.

## CAPÍTULO IV – CONHECIMENTO SOBRE OS DADOS

Dados são um conjunto de valores ou ocorrências em um estado bruto que traz informações para atingir benefícios. Informação é o maior ativo que empresas e profissionais podem ter nos dias atuais para tomar decisões mais acertadas.

Existem três pilares que permitem não apenas o trabalho com dados, mas que são essenciais para estabelecer que ele será bem-sucedido e terá eficiência e eficácia. São eles: tecnologias, *business* (visão e *expertise* de negócio) e *analytics*. A tecnologia nos proporciona agilidade, *business* nos dá inteligência e *analytics* traz exatidão e precisão para tomadas de decisão mais acertadas (NASCIMENTO, 2019, p. 78).

Sendo assim, observa-se que a tecnologia é essencial para que se tome as melhores decisões, mas que é necessário ainda *expertise* e uma visão global dos negócios.

A 1ª vez que o termo marketing de dados no Brasil foi em 2015. A ciência de dados trata-se de saber fazer as melhores perguntas, sendo uma área multidisciplinar, ou seja, uma junção de áreas voltadas para a análise de dados que

tem como objetivo gerar informações úteis com o uso da matemática e da estatística.

O nascimento do marketing de dados está na fusão ou união de marketing e ciência de dados. Assim, existem três pilares do marketing de dados: agilidade, precisão e inteligência.

São vários os desafios que quase toda empresa tem para conseguir aplicar o marketing de dados: resistência em trabalhar com dados, quebra de cultura, eliminar o achismo da cabeça das pessoas, não ser *top-down* (decisões de cima para baixo) e ter acesso aos dados fundamentais.

## CAPÍTULO V – O MÉTODO API

A sigla API significa agilidade, precisão e inteligência. Portanto, investimento não está ligado apenas a valores monetários, mas também a investimento em tempo e pessoas.

Para ter agilidade é preciso ter três elementos bem definidos: metas, ferramentas e método. Tenha as metas de seu negócio e do marketing definidas, saiba quais são as ferramentas de que precisa para acompanhar as metas e tenha método para acompanhar resultados e rotinas determinadas com o seu time. Deve ser pautada em três tipos de gestão: estratégico, tático e operacional (NASCIMENTO, 2019, p. 99).

Sendo assim, é válido que se tenha rotinas e métodos apropriados para que se tenha formas melhores de acompanhar resultados e objetivos da empresa ou de qualquer processo.

É fundamental entender que para aplicar a ciência de dados ou marketing de dados existem sete etapas: entendimento do cenário, definir fontes de dados, extração dos dados, organização dos dados, visualização dos dados, análise dos dados e tomada de decisão, pois não se gerencia o que não se mede.

Um analista de dados precisa compreender a situação e, de preferência, sugerir alguns caminhos para a otimização do resultado. A etapa de análise de dados existe para que interpretemos os dados e as informações e o que pode ser feito após a interpretação, pois sempre que se toma uma decisão, é importante ter um plano de ação estabelecido, o responsável por ele e o prazo para a conclusão de todas as ações e atividades que serão feitas de forma detalhada.

## **CAPÍTULO VI – ESTRATÉGIA DE DADOS**

É necessário escolher a estratégia de marketing de forma lógica, ponderada, justificada e embasada em dados e

informações corretas, para que assim se faça uma análise real da situação ou fato em análise.

A definição de um objetivo precisa ser clara, transparente e fazer com que todos entendam aonde queremos chegar. Não trabalhe com objetivos intangíveis como aumentar as vendas, otimizar o investimento o máximo possível ou melhorar os resultados. Quantificar e estimar o tempo para seu objetivo é o primeiro passo para deixá-lo claro e compreensível para todos. Quantifique seu objetivo para começar a entender se será possível conquistá-lo ou não (NASCIMENTO, 2019, p. 132).

Sendo assim, é interessante que se tenha objetivos claros, prazos estimados de forma alcançável, além de se ter um público alvo calculado, de forma que o negócio tenha mais possibilidades de crescimento.

## **CAPÍTULO VII – TÁTICA DE DADOS**

Existem quatro formatos em que esses recursos podem ser utilizados para a aquisição em marketing: performance, volume, visibilidade e qualificação. A performance diz sobre a otimização do canal e concentra os esforços em melhorar os resultados ou da estratégia de aquisição. A visibilidade tem como único objetivo trabalhar presença de marca constante (NASCIMENTO, 2019).

Assim, precisamos superar a ideia de que mídias tradicionais ou mídias do mundo físico não dão mais resultado, pois ultimamente se busca novas experiências com as mesmas mídias.

## CAPÍTULO VIII – ANÁLISE DE DADOS

Para o autor existem quatro tipos de análise de dados: descritiva, diagnóstica, preditiva e prescritiva. De forma geral, entende-se que a análise **descritiva** mostra em um relatório ou em uma conclusão o que aconteceu em certo cenário. A análise **diagnóstica** é realizada depois da descritiva, já que traduz o porquê de algo ter acontecido. A análise **preditiva** é o desejo de qualquer empresa, pois traz predições baseadas em históricos e padrões e mostra a probabilidade que um evento tem de ocorrer. E a análise **prescritiva** é uma análise de recomendação, pois usa de ferramentas estatísticas alinhadas à gestão de negócios, para gerar recomendações de ações a serem feitas de forma automática ou semiautomática, para otimizar as estratégias adotadas pelas empresas e alcançar melhores resultados com menor tempo (NASCIMENTO, 2019, p. 159).

## CAPÍTULO IX – CAIXA DE FERRAMENTAS DE DADOS

Existem sete tipos de ferramentas de dados: captação de dados, extração de dados, exploração de dados, enriquecimento de dados, armazenamento de dados, automação da informação e visualização de dados (*dataviz*) (NASCIMENTO, 2019).

Deve-se saber o que fazer com os recursos disponíveis, além de saber fazer uma boa interpretação dos dados gerados para que se tenha um novo olhar sobre as opções. Algumas ferramentas para captação de dados: *Google Forms*, *Hotjar* e *Mixpanel*; e algumas ferramentas para extração de dados: *TweetDeck*, *Buzz monitor* e *Ramper* (brasileira); já como ferramentas de exploração de dados: *Metabase*, *Excel* e *Google sheets*; e ferramentas de enriquecimento de dados: *Serasa Experian* (brasileira), *Lusha* e *Crystal*; e de armazenamento de dados: *Excel*, *Mysql* e *Mongo DB*.

## CAPÍTULO X – CRIANDO UM PLANO DE MARKETING DE DADOS

O plano de marketing de dados precisa ter todas as atividades necessárias e o objetivo definido para resolver um

problema se orientando ao máximo por dados, diminuindo riscos e evitando erros e equívocos que podem ocorrer na execução das tarefas.

“O marketing de dados deve resolver problemas orientados por dados e tomar melhores decisões” (NASCIMENTO, 2019, p. 186). Isto é, o marketing de dados busca compreender a real situação do que está ocorrendo, e com isso, tomar-se-á as melhores decisões baseadas em dados fidedignos e que podem ajudar na compreensão da situação e das decisões a serem tomadas.

## CAPÍTULO XI – NÃO SE ESQUEÇA DAS PESSOAS

É necessário o envolvimento das pessoas para um projeto de marketing de dados dar certo. Existem muitos projetos, empregos e ideias espetaculares malsucedidos, porque embora o lado técnico, *business* e tecnológico estivesse impecável, o lado humano não estava preparado para lidar com pessoas e situações diversa (NASCIMENTO, 2019, p. 187-188).

Um dos pontos mais importantes para o desenvolvimento de pessoas e times é a preocupação com o desenvolvimento pessoal e profissional das pessoas

empregadas da empresa, mas que cada vez mais é menos aproveitada em termos de diálogo e conversas.

E como dicas para o crescimento profissional deve-se ser um líder, coordenador, analista ou estagiário, e que nunca deixe de conversar com seus pares e as pessoas ao seu redor, mesmo que sejam profissionais fora de sua área ou *expertise*. Dê voz para as pessoas ou faça com que elas sejam ouvidas sempre. Então, sabe-se que o move uma empresa são a junção das pessoas e dos dados (NASCIMENTO, 2019, p. 191).

## CAPÍTULO XII – FUTURO DO MARKETING: O QUE ESPERAR DOS PRÓXIMOS ANOS?

São três os pilares que os profissionais de marketing precisam se qualificar: tecnologia, *analytics* e *business*. Sendo, um processo de geração de informação (*tech*), análises dessas informações da melhor forma (*analytics*) e interpretação das informações para dar mais certeza nas tomadas de decisão (*business*).

Sabe-se que ultimamente, a informação e o conhecimento são a melhor forma de expressar e traduzir a palavra poder, tão buscada nos tempos atuais. A informação está disponível para todos, e gerar conhecimento através dela



é o grande desafio. Neste contexto, deve-se transformar suas profissões do passado em habilidades do futuro par que assim se tenham melhores êxitos profissionais (NASCIMENTO, 2019).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante salientar que poucas empresas no Brasil estão utilizando o marketing de dados em suas estratégias. Por isso, quem começar a utilizá-lo terão melhores resultados em relação aos seus concorrentes, gerando *insights* valiosos para melhores tomadas de decisão, pois o marketing por dados não é achismo, mas auxilia em tomadas de decisão e foca a assertividade das ações de marketing (NASCIMENTO, 2019).